

Organizado por  
ANA LUIZA FIRMEZA ROCHA

ANA LUIZA ARAGÃO + BELLA DUARTE  
CLAUDIO RAPOSO + RICK BRANDÃO + INGRID GOMES  
ISABELLA VALENTINA + JERRY DOS SANTOS + KARINA DIAS  
LUCAS ALBERTO DA CUNHA + MATHEUS AMORIM  
MARYA CLARA MACEDO + NEIRE LOPES + RAPHA RODRIGUES  
SARAH PRAZERES + SIDIANE NUNES + THALIA SANTOS  
TERTULIANA LOPES + VANESSA LISBOA

**PULSO**~~SUOR~~  
**PRESENÇA &**  
**TEATRO.**

REFLEXÕES DE JOVENS ESCRITORES

**PULSO ~~SUOR~~  
PRESENÇA &  
*TEATRO.***

REFLEXÕES DE JOVENS ESCRITORES

**PPG Artes**  
Programa de Pós-graduação  
em Artes da UFFPA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Reitor: Emmanuel Zagury Tourinho

Vice-Reitor: Gilmar Pereira da Silva

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA  
E PÓS-GRADUAÇÃO (PROPESP)

Pró-Reitora:

Maria Iracilda da Cunha Sampaio

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE (ICA)

Ana Margarida Lins Leal da Camargo (Diretora-  
Geral, em exercício)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM ARTES (PPGARTES)

Coordenador: José Denis de Oliveira Bezerra

Vice-Coordenador: Alexandre Romariz Sequeira

EDITORA PPGARTES

EDITORA PPGARTES\*

Maria dos Remédios de Brito

Ana Cláudia do Amaral Leão

(Coordenadoras)

Larissa Lima da Silva (Assistente Editorial)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Programa de Pós-Graduação em Artes/UFPA**

---

P982p Pulso, Suor, Presença & Teatro [recurso eletrônico]: reflexões de jovens escritores / Organização: Ana Luiza Firmeza Rocha. – Belém: PPGArtes/UFPA, 2023. – Dados eletrônicos (1 arquivo : PDF).

Vários autores

Inclui bibliografias

ISBN (e-book) 978-65-88455-58-6

Acesso: <http://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/>

1. Literatura brasileira. 2. Escrita criativa. 3. Artistas – Pará. 4.  
I. Rocha, Ana Luiza Firmeza (org.). II. Título.

CDD 23. ed. B869

---

**Ana Luiza Firmeza Rocha (Org.)**

**PULSO, SUOR,  
PRESENÇA & TEATRO**



Ana Luiza Firmeza Rocha é atriz, escritora, pesquisadora e professora de Teatro. Carioca de raízes nordestinas, cearenses, quixadaenses. Doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio com período sanduíche na Université Paris VII - Sorbonne Paris Cité. Formada em Artes Visuais pela École Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Paris. Possui especialização em Estudos Teatrais & da Performance pela Universidade de Edinburgh e pela Towson University e Graduação em Artes Cênicas pela UNIRIO. Professora de Artes Cênicas da Pós Graduação da UNESA e da Graduação de Teatro da UCAM. Foi também Professora Substituta das Graduações de Licenciatura em Teatro e do Superior Tecnológico, da Especialização Técnica de Nível Médio em Dramaturgia e do Curso Técnico em Teatro com ênfase na Formação Atoral, da Escola de Teatro e Dança da UFPA. Ministrou curso de Teatro em Dakar, no Senegal, para o Orfanato Keur Mame Sophie ligado à Cheikh Anta Diop University e curso intensivo de Performance Ancestral de Rua para atores e não atores, em Teresina, no Piauí. Desenvolve pesquisas artísticas interdisciplinares com atuações, sobretudo, nas relações entre estudos do teatro decolonial, da antropologia teatral, do teatro feminista, da dramaturgia amazônica e da interpretação atoral a partir da floresta e da cosmovisão.

Produção editorial: Jean Cândido Brasileiro

Diagramação e Projeto Visual: Edições Cândido - edicoescandido.com

Capa: Claudio Raposo

Fotos dos autores: acervo pessoal

Esta obra está protegida por direitos autorais, conforme Lei 9.610/98

Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009.

Esse livro é plural e público. Que ele atravesse os rios que fizeram lançar nossos corpos e escritas. Conheci cada escritor no ano de 2019. Antes da pandemia. A maioria foi meu aluno. Os que não, me encantei por sua dedicação e talento. Escrever, criar cena, propor performance, fazer um espetáculo. Ser artista no Norte é bem diferente de ser artista no Sul. Mais difícil sim, poucos editais e o artista luta. Os alunos de Teatro lutam. Atores em formação, professores em formação e os aqui já graduados. Há tempos nessa estrada, nesse caminhar aquoso como é o Pará, como é a Amazônia. Água que sai dos nossos corpos e escreve. **Pulso, suor, presença e teatro**, surgiu desse encontro. Meu, enquanto Professora Substituta da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará. Nossas aulas em Laboratório do Corpo; Visualidades - Exercícios da Cena; Modos de Ver: ouvir, tatear, falar, sentir, perceber, e deles, enquanto alunos-atores-artistas-professores. Um encontro iluminado. De criação coletiva. De porosidade pulsante e permeabilidade performativa entre alunos e professora. Aprendi muito mais que ensinei, isso tenho firmeza. Acompanhada sempre por Paulo Freire na **Pedagogia da Autonomia** e bell hooks — com o seu **Ensinando a Transgredir, a Educação como Prática da Liberdade**. Vinham comigo em pensamento, em produção de conhecimento, em ideias errantes, artísticas, pedagógicas e em Ação! Vinham conosco. Foram muitos momentos de entrega, muitas alegrias, emoções, cuidado de si e de todos, inquietudes teatrais e desafios que por impulso levaram os corpos à explosão do saber e da Arte. E eu queria mais, nós queríamos mais. Que não acabasse, que a rotina artesanal ganhasse outras criações. E assim, três anos depois, estreamos esse livro. Que essas palavras fiquem para sempre na constelação de palcos, da rua-teatro de invasão, do ônibus lotado mascarado, do barracão do circo, do grupo mambembe, das coxias inventadas e do sorriso das crianças que há em nós. Escritas, poemas, artigos, trabalhos de conclusão de curso da graduação [TCCs], reflexões artísticas, prosas, dramaturgias e desenhos. Que essas palavras naveguem por oceanos, águas salgadas, doces, rios marajoaras, o baixo e o alto Tocantins, rios cametamenses, mares portugueses, cariocas, cearenses e paraenses. Aqui, o leitor vai encontrar múltiplas espécies de palavras, de rascunhos, de rabiscos, de dizeres, de corpos que escrevem e alcançam o coração e os olhos, por vezes, salgados em lágrimas de reflexão. O coração vai à boca e sentimentos e sensações incandescentes fazem arder os jovens escritores de 21 a 54 anos. Esse texto é uma oração. Uma celebração à educação, à entrega, à escuta, à dedicação totalmente inclusiva que uma professora tem com seus alunos, à não fronteira entre sala de aula e fora dos muros universitários. É um brinde à vida. É um brinde a vocês, artistas, pesquisadores e professores paraenses. E é um brinde meu, em especial, ao rio teatral amazônica que me abraça e me mostra, ora coletivamente, ora em minha própria travessia, que as raízes são profundas e o mergulho do trampolim no trapiche, me faz saltar e pescar os novos escritores e dramaturgos contemporâneos paraenses. Presentes.

Voemos juntos e de mãos dadas.

ANA LUIZA FIRMEZA ROCHA

# SUMÁRIO

Sarah Prazeres	07
Thalia Santos	39
Karina Diaz	47
Vanessa Lisboa	67
Claudio Raposo	71
Neire Conceição Nunes Lopes	95
Sidiane Nunes	103
Isabella Valentina	117
Marya Clara	125
Tertuliana Lopes	129
Rapha Rodrigues	135
Bella Duarte	145
Jerry Santos	157
Lucas Alberto Da Cunha	167
Ana Luiza Aragão	177
Rick Brandão	213
Ingrid Gomes	223
Matheus Amorim	237

# SARAH PRAZERES



Sarhis Nevæs é um animal de espécie humana pertencente à família Prazeres, popularmente conhecida pelo nome Sarah Prazeres ou Sarah de Neve. Estima-se que sua existência na terra iniciou-se há cerca de 21 anos, originária do Pará, mas também transita por inúmeras localidades da Amazônia brasileira. Pode ser vista facilmente a olho nu em momentos de imersão nas artes através da cena, escrita, performance e design. É uma artista paraense induzida pela curiosidade. Mulher preta, atriz formada pela Escola de Teatro e Dança da UFPA - ETDUFPA, estudante da Especialização em Dramaturgia pela mesma instituição, graduada em Design de Moda pela Faculdade Estácio de Belém. Escreve para descarregar fardos e compreender fatos que lhe atravessam. Experimenta as mais diversas linguagens artísticas como forma de expressão, intuição, entendimento e mecanismo de prosseguimento.

## **Atriz de Belém**

Se minha cabeça  
É fora da caixa  
Eu não faria Teatro  
Apenas dentro de uma  
Minha arte espelha meu corpo  
E ele é de moleca da rua  
Meu movimento é que nem  
Viela da Cidade Velha  
Quero ver espetáculo  
Em porões de casas nela  
E fazer Teatro  
Sobre os rios que banham ela.

## Meu porquê

Por que sou do Teatro?  
- Tenho me perguntado

Porque meu eu é imenso  
E tenho de permitir  
Que outro alguém  
Transite por ele também

Porque não há em mim  
Outro anseio de me comunicar  
Se não o de atravessar  
Com minha própria interpretação

Porque minha pele é viva  
Meu faro é fino  
Minha observação  
Defeito que carrego de nascença

Porque quando me exponho  
Tomo doses de coragem  
E quando erro  
Só minha voz é capaz de me acalentar

Porque transito e não paro  
Procurava abrigo para morar  
E nele me fiz entender  
Que meu corpo é meu único lar.

## Nota de uma espectadora

O estar é fato  
Mas o lugar é relativo  
Chamam atenção diferentes detalhes  
Marcam o tempo diversas questões  
Diferem os muitos pontos da vista  
Estamos juntos  
No mesmo espaço  
Na mesma plateia  
Mas não no mesmo pensamento

## Obrigatoriedade criativa

Conduzir...  
Processos...  
Produzir...  
Vontade espontânea  
Que falha na obrigação  
Muita bondade no seio, exaustão  
Problemas, diagnósticos  
Querem muita explicação.

Vai tirando o que tá preso  
Vou vomitando o que faz mal  
Espirrando o que faz bem  
Eu sou problema meu  
Tu problema teu  
Grita, alto, fala, ato  
No palco, na escrita  
Nunca acho, que agonia  
Se achar, perder  
Desfazer, refazer  
Tudo para não parar.

A confusão confinada ao confiar  
Aconselharam-me autoconfiança  
Mas é difícil confiar em mim  
Falo às vezes enquanto durmo  
Não sou bem de confiança  
Tenho maus pensamentos por quem amo  
Por quando me emburreço.  
Não confio em mim  
Porque me pego de surpresa

Na inconstância do meu ego  
Porque mudo e não percebo  
E quando errada, não aceito.

Engulo a seco  
Meu próprio choro  
Não encaro no espelho  
Me estresso  
E não termino o que começo

## Macetes de leitura

Como única leitora daquilo que escrevo  
Gosto de me ler e interpretar o que leio vindo de mim  
Quando de repente descubro  
Definitivamente não sou eu  
Ou talvez seja a pior parte de mim  
Ou talvez eu leia melhor a mim me olhando no espelho  
Espremendo cravos entre gemidos e dores cardíacas

Como única leitora daquilo que escrevo  
Escrevo mais e releio mais e penso mais  
Por ora acho que ando em círculos  
Por ora acho que escrevi tal palavra de maneira errada  
Julgando a mim mesma doendo e rebentando

Como única leitora daquilo que escrevo, prossigo  
Já que também sou a única escritora daquilo que escrevo  
Cabe a mim cada cravo brutalmente arrancado  
Cada ciclo que ando em círculo  
Cada erro que se mostra finito

## **O mau costume em dramatizar**

O drama não deve boa educação  
Seja pelo rito de Dionísio  
Ou seja pela colonização  
Expor o que é recalcado  
Sujar sem receio  
O que é higienizado  
Apontar a arma verbal  
Para quem tem medo do corpo  
Do seu, do outro

## **Corpo**

Corpo vário  
Em ônibus vago  
Pensamentos vários

## **Aspirando**

O que eu quero é  
Terrorismo com tucupi  
Revolução com jambu  
Facão pra colheita

## **Pele**

O marrom do rio  
Reluz fagulha do raio solar.  
O marrom da minha pele  
Transborda luminosidade do olhar.

## O QUE NÃO ENTENDO, ESCREVO

### **Pusilanimidade**

Os passos não bastam  
Me atropelo porque temo  
Queria voar  
A morte justifica o medo  
Já não sou o meu querer  
Mas agora quero gritar  
E não me basta o ato  
Quando choro me demoro  
Nem me arrasta o vasto  
O que me aflige devoro

## **Brisa**

Mesmo o vento quente  
Aquece a gente  
O que te precisa  
Tu presente

## **Trânsito**

Em qual dos infinitos o que é paralelo se encontra?

## **Um peso, uma medida**

Meu punho mede meu útero.

## **Lista de compras**

- Serenos fino sem gás
- Tardes recheadas
- Vergonha alheia congelada
- Espaço pré cozido
- Delírios em neve
- Cosmologia doce
- Moradia promocional
- Estresses desidratados
- Sonhos em conserva

## Questão 1

O que cabe aonde não tem mais espaço?

## Tecido

A pele é muito fina  
Pro asfalto vasto da rua

## **Parte, partir, partida**

Me sinto completamente

Me sinto incompleto

Me sinto complemento

## **Corrente**

O rio que se entre bate  
A correnteza que grita  
É o barulho da minha alma

## Rir

Quando eu rio  
Liquido a correnteza

## Dez vezes que estive e das vezes que estará

**D**a primeira vez, a coxia era o lugar que seus medos tornaram-se borboletas; no palco, seu escudo era o holofote que falsamente lhe defendia de ouvidos em prontidão e olhos atentos os quais mais pareciam balas que lhe acertavam o peito mas que, na verdade, eram os inevitáveis atravessamentos, os mesmos que lhe fizeram voltar.

Retornando pela quinta vez, a coxia era o lugar que desconstruía seus medos em expectativas; no palco, sua voz era o escudo que lhe defendia o corpo em guerrilha, que trêmulo se despia sob a luz do holofote fazendo os olhos visualizarem o transparente e ouvidos escutarem vozes voando, voos que lhe deram o livre arbítrio de pousar, ir e vir.

Que a partir da décima vez que foi, a coxia era o não-lugar que habitava dentro de sua curiosidade; no palco, seu corpo tinha a leveza de uma borboleta, sua voz era escudo que defendia a insanidade do seu eu em consciência, transformando os olhos que lhes viam em holofotes que lhes protegiam conforme se despia, e que quanto mais tremia, menos se temia.

## Espelho da mente

Escrevo porque meu pensamento não basta  
E o que acontece existe  
Seja sob os olhos  
Seja por pensamentos  
Reescrevo porque bagunço e perco  
E porque abandono o que escrevo  
Mas o instante escrito nunca será perdido  
Transcrevo porque as palavras saem melhor dos meus dedos  
Porque as curvas de cada letra  
São capazes de contornar meus sorrisos  
Olho pra imensidão do que eles escrevem  
Me sinto plena por ler tudo o que queria conseguir ousar organizar  
Mas fica em mim a certeza  
Da insatisfação que todo poeta carrega no peito  
Pela rapidez dos pensamentos que não se aquietam para formar uma frase  
com tudo o que há dentro  
Pelo coração que acelera porque os dedos não acompanham a mesma  
velocidade do que passa  
De nunca conseguir falar o suficiente, o necessário, o que convém  
Sempre falta  
E é a falta que move o que queremos gritar

## **Em busca**

Acho que nasci pra me perder enquanto busco  
E achar um pedacinho de mim enquanto caminho  
Onde minhas marcas sejam histórias coletivas  
Com quem veste a mesma pele que eu  
É sobre lembrar que eu existo  
E saber que minha luta decola  
Porque minha voz vai ser ouvida  
Agora não mais da dor de estar no tronco  
Mas pela liberdade das estratégias que Dandara me ensinou

## **Tarde na ilha**

Maré cheia em Cotijuba  
Mar é salgado  
Maré doce que tem aqui  
Mar limpa lava  
Maré livre leve love  
Menos sei  
Mar quero saber

## **Anseio, idade**

Ela é sempre muito dura  
Só existe no perrengue  
Dá as caras no sufoco  
Quando estou prestes a desabar  
Não adianta falar de outro jeito  
Não consigo usar metáfora  
A poesia é o sentimento  
E não ando me sentindo bem  
Ela vem pra testar a maturidade  
Ou seria pra me fazer perder a pouca que ainda tenho?  
E nem adianta tentar me esconder  
Não quero deixar de escolher

## **Pelos**

Pelos pelas peles  
Pelos pelas hélices  
Pelos pelas pernas  
Pelos pelas germes  
Pelos pelas próprias  
Pelos pelas rotas  
Pelos pelos pelos  
Pelos pelas horas  
Pelos pelas peias  
Pelos pelos troncos  
Pelos pelos peitos  
Pelos pelos dedos  
Pelos para o ponto

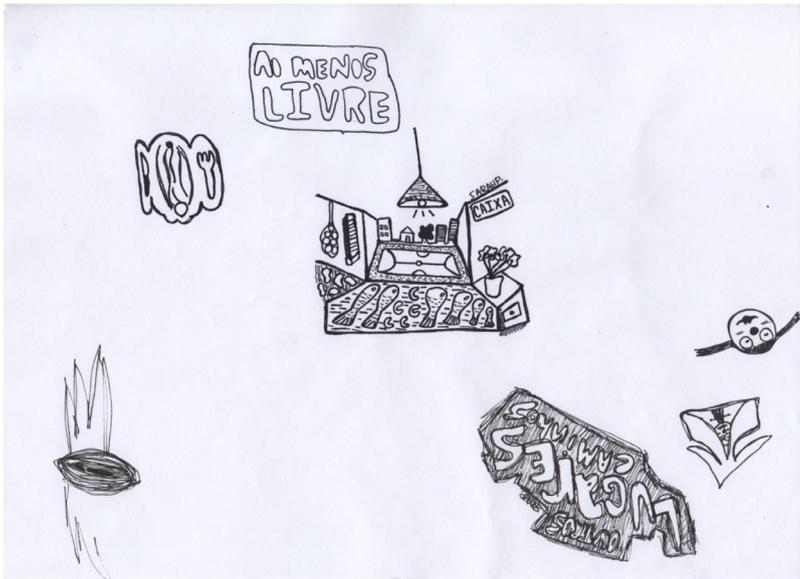
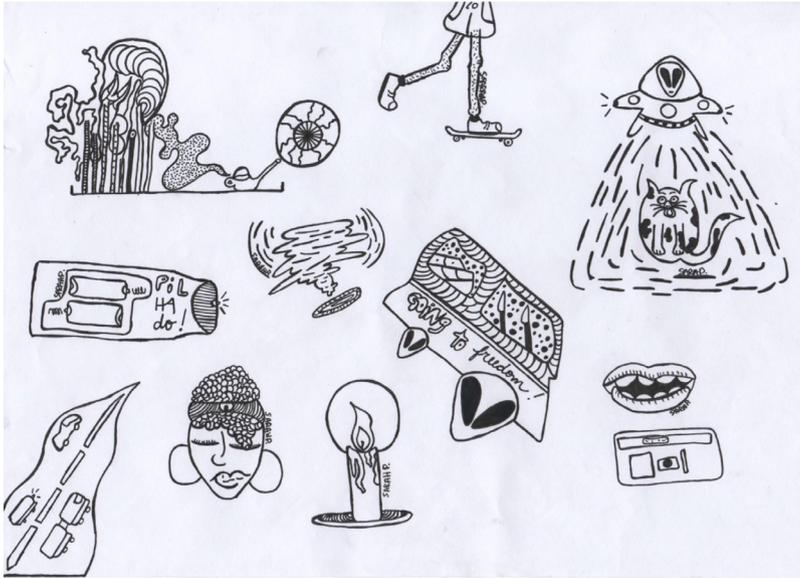
## Paredes em branco

É um vazio vadio  
Que me esfrega na cara  
Toda a covardia que eu tenho  
Engulo a seco a falta que sinto  
Fujo com medo daquilo que minto  
Desprezo com minha risada de deboche  
A vontade que tenho de chorar  
Corro ofegante dos meus pensamentos  
Finjo que nunca soube de ensinamentos  
Desaprender de propósito o que já soube  
Por querer se desprender de algo  
Mas só o que se vai  
É aquilo que um dia fui  
Que ultimamente não flui

Porque não falo palavras  
Mas não me calo o coração  
Coração tão apertado  
Que por isso os calos

## Política sem título

Não deixo pra lá, quero estar  
De que adianta?  
O sentimento é urgente  
É da gente  
Do nosso eu indigente  
Não deixemos pra depois  
O que é preciso falar  
O amanhã não existe ainda  
E não se pode arriscar  
Façamos sons  
Usemos garganta  
Escrevamos palavras em faixas  
Sustentemos os braços pra cima  
Derrubemos o peso que empata a democracia.



Ilustrações de Sarah Prazeres.





## THALIA SANTOS



Thalia Santos, nascida em Belém-PA, 24 anos, começou seu contato com as artes aos 5 anos no Espaço Cultural Curro Velho, onde posteriormente trabalhou como prestadora de serviço pela Fundação Cultural do Pará, dirigindo espetáculos com temáticas amazônicas para crianças e adolescentes da periferia. Hoje é Licenciada em Teatro pela Universidade Federal do Pará e também é artista-pesquisadora, atriz-performer e arte educadora. Atualmente, mora em Salvador-BA e trabalha com aulas particulares para crianças e adultos com foco na alfabetização e no teatro. Um de seus trabalhos em Performance foi apresentado no Encontro Nacional de Artes na Paraíba (ENEARTE), em 2019. Seja na cena e/ou na escrita acadêmica, é impulsionada por temas ligados à arte-educação, questões étnicos-raciais e violência contra a mulher.

## O grito silenciado que a arte libertou

**L**élia Gonzalez, mulher negra intelectual, dizia em suas entrevistas (1999) que “o negro tem que ter nome e sobrenome, senão os brancos arranjam um apelido... ao gosto deles”. O racismo tira nossa identidade. Digo a vocês que me chamo Thalia Santos, mulher negra amazônida, nascida em Belém do Pará, artista-pesquisadora, atriz-performer e arte educadora, tive o apagamento de minha cor por muitos anos por ser fruto de um relacionamento interracial, tive minha identidade silenciada e cresci sempre ouvindo que era ‘parda’ e achando que ser preto era algo ruim. Essa invisibilidade se intensifica por ter nascido na região norte do país, lugar no qual, segundo o que o IBGE considera, tem a maioria da população parda, ou seja, o tom de pele menos retinto, dificultando a nossa autoafirmação.

Me pego vários dias pensando no que meus antepassados passaram para que eu esteja aqui, tendo acesso e oportunidade para te escrever isso. Penso em como os corpos e vivência deles influenciam até hoje nas reações, no corpo da comunidade negra, nos toques, amores, afetos, conquistas e frustrações. Penso em todas as emoções que nos foram privadas e como viemos carregando há anos o título de “forte e guerreiro” e o preço que essa romantização nos custa.

Como diz Conceição Evaristo em seu livro *Becos da Memória* (2006, p. 21) “a nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar para os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. Por isso, se faz necessário falarmos das nossas angústias e escrachar tudo de podre que os brancos fizeram por tanto tempo. Coloco aqui uma breve **linha do tempo** de situações racistas que aconteceram no mundo para entendermos o atual cenário e algumas conquistas por meio de muita luta (In: **Quebrando o tabu**, agosto de 2019), como:

**1837** - Primeira Lei de Educação: negros não podem ir à escola.

**1850** - Lei das Terras: negros não podem ser proprietários.

**1871** - Lei do Ventre Livre - considerava livre todos os filhos de mulheres escravizadas nascidos a partir daquela data. As crianças trabalhavam porque eram proibidas de frequentar escolas e áreas públicas.

**1885** - Lei do Sexagenário - considerava livre quem alcançasse 60 anos. Nenhum negro alcançava essa idade.

**1888** - Abolição - depois de 388 anos de escravidão.

**1890** - Lei dos Vadios e Capoeiras - os que perambulavam pelas ruas, sem trabalho ou residência comprovada iriam para cadeia.

**1968** - Lei do Boi: Primeira lei de cotas! Não, não foi para negros, foi para filhos de donos de terras que conseguiram vagas nas escolas técnicas e nas universidades (volte e releia sobre a lei de 1850).

**1988** - Nasce nossa ATUAL CONSTITUIÇÃO. Foram necessários 488 anos para ter uma constituição que dissesse que racismo é crime! Na maioria das ocorrências se minimiza o racismo enquanto injúria racial e nada acontece.

**2001** - Conferência de Durban. O Estado reconhece que terá que fazer políticas de reparação e ações afirmativas. Mas não foi porque acordou bonzinho. Não foi sem luta. Foram décadas de lutas para que houvesse esse reconhecimento.

**2003** - Lei 10639 - estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Que convenhamos não é sempre cumprida, né?

**2009** - 1ª Política de Saúde da População Negra. Que prossegue sendo negligenciada e violentada (quem são as maiores vítimas da violência obstétrica?) no sistema de saúde.

**2010** - Lei 12288 - Estatuto da Igualdade Racial. Em um país que se nega a reconhecer a existência do racismo.

**2012** - Lei 12711 - Cotas nas universidades. A revolta da casa grande sob um falso pretexto da meritocracia.

Esse resumo nos mostra uma história carregada de racismo, uma sociedade que ainda é racista com agressões persistentes diretas e indiretas. A branquitude só se manifesta quando convém se dizer antirracista, colocando filtro de tela preta no Instagram para ganhar curtidas em cima de um caso de assassinato por policiais de mais um negro. Poucos são quem de fato se movimentam cotidianamente para o enfrentamento e questionamento do racismo no seu meio social.

Falado tudo isso, por meio da ARTE encontrei a forma de expurgar todos os meus incômodos e atravessamentos quanto à questão racial, e tudo começou quando consegui adentrar a Graduação em uma Universidade Pública (UFPA), em 2017, e esses assuntos foram cada vez mais discu-

tidos em sala de aula com os professores. Minhas cenas, performances, trabalhos escritos e seminários tinham vieses racial, eu não percebia, mas todos comentavam comigo de quanto isso estava presente em tudo o que fazia/faço. Só então percebi que não consigo fazer nada sem olhar pela ótica racial.

Fiz trabalhos na academia falando sobre abuso sexual infantil com crianças negras, colorismo, racismo, solidão da mulher preta, relacionamento afrocentrado e sempre toco no fato de não sermos apresentados a autores negros no meio acadêmico. Acredito que o caminho para uma sociedade mais igualitária é descolonizar nossos corpos, pensamentos e espaços.

Uma de minhas performances chamada *Epiderme Reminiscente*, me levou ao Encontro Nacional de Artes na Paraíba (ENEARTE), em 2019. Nela, falo sobre o abuso sexual infantil sofrido por mim e minha primeira forma de expressar e externalizar todo sentimento de repúdio e raiva que me foi negado de um crime tão horrível que acontece, principalmente, com crianças negras. Ela foi construída como resultado da disciplina de Performance, do curso de Licenciatura em Teatro e eu precisava que fosse uma performance de libertação, um grito em meio a tantos anos de silenciamento.

A performance contém um áudio que a acompanha durante o tempo todo de apresentação, com frases ouvidas por mim durante o abuso, uso um arame farpado enrolado no corpo inteiro para simbolizar o tempo que fiquei presa a essa história sem poder contar e reajo com pedidos de ajuda ao público que observa. Todas as reações e intervenções do público contribuíram para as curas internas e crescimento pessoal e profissional como artista. Cada vez apresentada foi surpreendente e chocante, principalmente, porque os homens/alunos que eu tinha algum tipo de relação próxima e que assistiram, ficavam distantes depois que ela acabava, pareciam estar com medo e receio de se relacionar comigo novamente. Já as mulheres/alunas que assistiram sempre foram muito incríveis durante e depois, sempre esperavam com abraços e palavras de conforto, porém, pareciam destruídas psicologicamente, pois, esse assunto faz parte de nossas vivências, seja por experiência próxima ou por conhecer alguma mulher que passou por isso. Os homens não falam sobre isso entre eles, mas como podem existir tantos abusadores que as mulheres conhecem e os homens não?

Outra performance chamada *Potência do Resistir: ainda temos chance de nos amar?* que apresentei na Escola de Teatro e Dança da UFPA, na Dis-

ciplina Laboratório do Corpo, da Professora Dra. Ana Luiza Firmeza Rocha, com a turma do 6º período da Licenciatura em Teatro, foi uma forma de chamamento para a branquitude entender seus privilégios e para unir, através de suas experiências, os negros que ali assistiam. A performance consistia em um jogo, com as indicações coladas no chão, a cada situação que o jogador havia vivenciado ele andava uma casa, ficava uma rodada sem jogar, andavam todos juntos, seguiam algum comando como levantar as mãos ou se abraçavam. As situações descritas tratavam sobre a linha do tempo citada no começo deste texto.



Registro da performance - Foto: Ítalo Amir.

Chegado ao fim do jogo os participantes me encontravam presa e rodeada por mãos brancas, sendo que durante todo o trajeto eles conseguiam me ver sufocando e pedindo por ajuda. Os jogadores arrancaram o pano de mim e fui envolvida por abraços e carinhos dos negros ali presentes.

Acredito no amor entre os pretos e pretas para a cura de nossas dores, entendendo que haja dificuldade nesse processo porque como diz bell hooks, em seu texto *Vivendo de amor* (PORTAL GELEDÉS, 2010) “num contexto onde os negros nunca poderiam prever quanto tempo estariam juntos, que forma o amor tomaria?”. Essa dúvida é recorrente em mim e nas mulheres próximas a mim, não só por medo de nossos parceiros serem levados, mas porque o machismo e racismo afetam eles também, fazem com que não demonstrem emoções e se afastem, isso reforça nossa solidão, nos faz ter insegurança e de temer que não teremos uma relação sólida, longa e afrocentrada.

Volto um pouco no tempo e lembro da infância, de meus pais que não demonstravam afeto entre eles e nem comigo, minha mãe ainda menos, parecia que se ela demonstrasse qualquer afeto seria sinal de fraqueza, o amor como se fosse um luxo que quase nunca poderíamos usufruir...

Vejo resquícios em mim desses comportamentos. Me questiono e lembro de bell hooks novamente, quando diz “e se tantas crianças negras aprenderam desde cedo que expressar as emoções é sinal de fraqueza, como poderiam estar abertas para amar?” (PORTAL GELEDÉS, 2010).

Não é fácil para a mulher de cor se amar, já que sempre temos nossos corpos erotizados, criticados e forçados a entrar no padrão, temos nossa saúde mental afetada por isso, e também, por quase nunca sermos aceitas no mercado de trabalho, na profissão que queremos e acabamos sendo jogadas em empregos subalternos.

Mulheres negras nunca são postas como suficiente, isso em todos os âmbitos da vida pessoal e profissional, sempre somos inferiorizadas e vivemos com pouca autoestima. Nosso corpo é um corpo sempre alerta, um corpo cansado, pesado, UM CORPO QUE NÃO AGUENTA MAIS. Todavia, penso que esse corpo é um corpo de resistência para as futuras gerações, mas a resistência cansa, não podemos endeusar, também queremos ser cuidadas, sermos fortes e guerreiras não é sinônimo de felicidade, muito pelo contrário, é sinônimo de muito sofrimento e os que nos rodeiam precisam saber disso. O nosso corpo-resistência também é nosso mecanismo de enfrentamento da guerra, ele que se impõe, incomoda, GRITA!

Eu acredito que o AMOR entre nós é o que nos salvará, já sinto isso nas redes de afeto que criei, com as mulheres e homens incríveis que tenho ao meu redor, que se apoiam e se levantam, que conversam e expurgam as opressões vividas. Procuo consumir e ler escritores negros que impulsionam a me fortalecer e ter potência para enfrentar um dia de cada vez. Escuto músicas que falem de amor, que exponham a dor mas também a superação do nosso povo por meio dos versos, como Djonga, Rincon Sapiência e Negra Li. Trago eles comigo em minha Arte, em meu Teatro e em minha Vida, tentando subverter a raiva em Arte.

Lembro-me da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adiche que disse (p. 31, 2017) “o autor me acusava de ser ‘raivosa’, como se eu tivesse de me envergonhar por sentir ‘raiva’. Claro que tenho raiva. Tenho raiva do racismo. Tenho raiva do sexismo. [...]”. A Thalia tem raiva sim mas luta por dias melhores, principalmente pelos que estão vindo, e como educadora de teatro entendo que meu processo de formar cidadãos é conscientizar e empoderar. Acredito na próxima geração que vem falando não só de dor mas também de “dinheiro, poder e respeito”, como diz a música de BK.

Somos potências, somos belos e nada irá nos parar!



Registro dos participantes na performance - Foto: Ana Luiza Firmeza Rocha.



Registro da performer - Foto: Felipe Fernandes.



Registro de afeto entre os participantes negros durante a performance.  
Foto: Ana Luiza Firmeza Rocha.

Fiz esse poema para te lembrar que:

BRANQUITUDE

roubou a vida dos meus

ABUSO

roubou minha infância

silenciada por anos

GRITEI

a arte me libertou

NEGRA

NORTISTA

tem arte-educadora aqui sim!

AMAZÔNIDA

respeita o meu lugar

ZÉLIA AMADOR DE DEUS, JÁ OUVISTES FALAR?

é aqui do meu PARÁ!

AÇAÍ E TACACÁ

é que nem preto e ouro, combinam tá?

bora normalizar!

Sabe o que não combina? Teu preconceito

bora se tocar!

## Bibliografia

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Para educar crianças feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BAIRROS, Luiza. “Lembrando Lélia Gonzalez”. In: *Afro-Ásia*, 23. Salvador: 1999.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Florianópolis: Mulheres, 2013.

HOOKS, Bell. *Vivendo de amor*. Portal Geledés, São Paulo. 9 mar 2010. *Questões de Gênero*. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>>. Acesso em: 19 de janeiro de 2022.

QUEBRANDO O TABU. (sem título). [s.l.], 7 nov 2018. Facebook: quebrandootabu. Disponível em: < [https://m.facebook.com/quebrandootabu/posts/2224641380925570?locale2=ja\\_JP](https://m.facebook.com/quebrandootabu/posts/2224641380925570?locale2=ja_JP) > Acesso em: 19 jan 2022.

# KARINA DIAZ



Dramaturga Paraense. Karina Diaz tem 37 anos. É atuante cênica, performer, intérprete musical e percussionista. Sua formação em Letras pela UFPA traz a literatura e a poesia que através de sua vivência na afro-religiosidade compõem os elementos de escrita teatral. Sua pesquisa cênica através do Grupo de teatro GITA – ETDUFPA, desenvolvida com o mestre Cesário Augusto, traz elementos das práticas psicofísicas do Atuante Cênico, além de pesquisas imersas em Dramaturgia da Dança e a Técnica Silvestre (BA), que, ao se unirem, compõem sua poética-narrativa.

## **Agradecimentos**

Aos guias espirituais e ancestrais que caminham comigo, à minha família de Axé da Casa de Terreiro Ilê Omoroyaooodè. Agradeço em especial à minha mãe e à minha avó. As minhas Mátrias! À Professora Dra. Ana Luiza por todos os ensinamentos teatrais e ao seu olhar atento e sensível à escrita teatral paraense das novas gerações! Viva!

## **Intervenção descrita**

Falo sobre esse corpo ancestral,  
Corpo palavra,  
Corpo verso,  
Corpo composto por várias linhas de fuga, por insustentáveis trajetos,  
por caminhos traçados  
entre afluentes e Kaos.  
Caixas ressonantes de minha memória diária atacadadas em mim,  
como imensas correntes arrastadas pelo espaço-tempo ou tempo espaço?

## Rascunho de um corpo preto

**P**átria puta mãe amada então me diz quem é você. Só servimos pra pa-  
rir ou servimos e servimos e servimos

Carrego por muito tempo comigo essas vozes silenciadas caladas en-  
gastadas essas dores gritam bem alto dentro de mim nunca cessam por-  
que sou mulher preta! Não, eu não acredito que o mundo vai mudar, eu  
acredito apenas que eu preciso assumir o controle!

Porque sou como essas mulheres de fogo que encarnam no escuro lim-  
po de minha visão, quando a solidão vem me visitar é delas minha corpo-  
reidade, meu espaço, afeto, minha ancestralidade.

Sou Maria, Vivi, Giomar

Carrego todas elas comigo na minha caixa de isolamento e é delas a  
minha Resistência.

## Corpo universo

Alimento, sustento, equilíbrio.  
É Terra que nos ergue.  
Base em sustentação,  
expressão no balançar das águas...  
Um sopro de vida  
que emerge na inspiração do olhar...

Ori de luz.  
Imagem refletida no horizonte da memória,  
Ancestrais...  
Pirâmides equalizadas no tempo.  
Risco ponto no chão, saúde.  
Movimentos, base,  
raiz verticaliZADA!  
Vem dos quadris a minha força, carrego potes de água no ventre  
Ergo pontes de energia  
Atravesso meu braço até a ponta dos meus dedos,  
Elementos, orixá, guias, energia.  
Vem do balançar das águas barrentas  
Meu remanso...  
Minha casa, meu útero,  
Onde volto sempre que preciso.  
Sinto o arrepio no sopro da pele  
Escuta...  
Tempo de ser, Tempo de estar Escolhas...  
A vida em pura potência acontecer...  
A pele preta me ensinou  
A amar mais os meus.

## Dramaturgia

### *De frente para o rio y' kuarasy*

*Como quem saúda, dança,  
reverencia, reza, encanta e sonha.  
Karina Diaz, poesia do kaos*

A dramaturgia *De frente para o rio* tem na escrita as veias da água doce dos rios Guamá e Acará (Amazônia-PA). Eu, Karina Diaz, autora desta dramaturgia que vos fala, deixo aqui alguns ensejos a respeito desta escrita-trajetória feita da forma mais simples possível, *um caderno na mão e uma ideia na cabeça*.

A necessidade de deslocar-me foi crucial e ao aproximar-me da beira do rio, a minha "ilha de contemplação",<sup>1</sup> percorri nos fins de tarde algumas ruas de Belém, Icoaraci, Outeiro e Cotijuba. Intitulo essas escritas de **pés-critas**, *De frente para o rio* envolve parte da minha memória de infância-ancestral, meu olhar amazônico sobre conservação da cultura popular e da religião de matriz-africana. Faço minha reverência a todes e desejo uma boa **pés-crita** a vocês.

## Personagens

Poeta Urubu

D. Catirina

Preta Velha

Ibitu

D. Itamar

Mãe

Filha

Vó

Coro dos Encantes

---

1. Referência à Iris da Selva e banda. Grupo de música popular paraense com fortes influências do carimbó urbano de Icoaraci. Ficha técnica: Iris da selva - vocal e violão / Ariel Silva- banjo e back vocal / Gleyson- tambor e efeitos percussivos / Karina Diaz - back vocal maraca, efeitos percussivos / Silvio- flauta transversal.

### **Cortejo de Saudação**

Todos os integrantes da peça realizam um pequeno cortejo antes de adentrarem ao teatro. Seguem até o palco, a luz se fecha.

*\* Velas são acesas durante as cenas do espetáculo. Atores e atrizes permanecem em cena até o fim da apresentação.*

### **Poeta Urubu escrevendo em seu papel de pão**

Belém do Grão Pará.  
Paranatinga, igual a ti não há.  
Majestosa Baía do Guajará  
Foz do Rio,  
Acará e Guamá.

### **Cortejo encantados: entoam ao ritmo do carimbó.**

Por que te escondem?  
Não te vejo da, janela do busão (refrão)

Na luz do sol  
Concreto e construção.

Aonde está minha ilha de contemplação?

Por que te escondem?  
Não te vejo da, janela do busão.

*\*Ritmo do boi.*

E olha o boi —  
E olha o boi  
E olha boi...

### **D. Catirina arrumando sua venda de café**

Eu já vi de tudo num sabe?

O que acontece é que tudo parece mas só parece ser história contada. Porque vai ficando de um jeito que parece que a gente esqueceu nossa própria estória.

Aqui onde tem esse porto, poeta Urubu, já foi nossa beira de rio, nossa ilha de contemplação.

### **Poeta Urubu**

Pois é D. Catirina, levantaram os muros, cercaram tudo e agora tudo tem nome e tem dono.

### **Cortejo dos Encantes: entoa jogral ritmo das quadrilhas juninas**

Porto dos Mananciais

Porto das Jequitibás

Olha o Pau Brasil! Pau Brasil

Porto do Cimento armado.

Que nome importante!

Parece que é pra todos,

mas é só pra quem..

Pode te comprar.

Olha o porto dos Mananciais

É mentiraaaaa!!

### **D. Catirina**

Aqui era a venda da Dona Itamar, mãe, parteira, erveira, quitandeira... tudo numa mulher só.

### **Poeta Urubu**

É verdade e tinha também a venda da D. Ismena, a D. Blandina, a D. Guimarães, a D. Raimunda e também a D. Vi, todas elas brilhavam na feira bem na beira do rio.

### **D. Catirina**

Sim, de quebra o rio, né meu filho.

### **Cortejo dos encantos: entoa no ritmo do retumbão**

O nosso Rio mar

Mar de rio

Rio mar

Mar que parece rio  
Rio que parece mar  
Que deságua aqui  
É nosso rio mar.

## RITUAL DO BRANCO



Guias. Acervo de fotos da Mostra Multilinguagem Caruê - Edital Aldir Blanc 2021.

*Algodões brancos são espalhados no chão, mulher vestida de branco ao centro inicia sua dança ritual.*

*Preta velha lavando roupa branca na bacia.*

**Ibitu** *(em pé com seu estandarte)*

Gira vento vento gira! Redemoinhos de vento giram ao meu redor, vejo o tempo e a memória dançarem juntos em uma eterna gira, ciranda, dança. Você já viu o vento? Já senti ele ao seu redor?

Em minha vida ele gira e tudo ao seu redor gira junto. O vento dos céus, a ventania que percorre por dentro...

**Ibitu** (*sentada com seu estandarte*)

Eu sou Ibitu, de mim sopram rastros de memórias, recortes de afeto, marcas de lembrança. O Vento ele fala comigo!

Essa pandemia levou quase tudo de mim, mas todos os dias eu atravesso a ilha. Eu venho aqui, eu fico perto de tudo que cura. Convido você a se cercar de tudo aquilo que te cura. Porque orixá é planta, é rio, é maré, é vento. Caboco caminha... Silêncio...



Lambe-ensaio fotográfico da Mostra Caruê – Foto Yasmin Alves.

*Preta velha estende uma leva de roupas brancas no varal.*

**Ibitu**

Eu não fui parida de uma PÁTRIA eu vim foi de uma MÁTRIA

Sim! Mãtria de mulher. De mães como eu. MÁTRIA

Aquelas que carregam no ventre: o vento, a energia, a água, a terra, a vida.

Sim Mãtria!

Aquelas que constroem o mundo. O mundo de Mãtria

Mãtria Mulher! Mulher MÁTRIA.

*Preta velha volta a lavar a roupa branca.*

**Ibitu**

Eu vou te contar uma história que me deixou marcada profundamente. Eu todo dia monto minha barraca, eu faço meu tabuleiro acontecer, sabe...

pelo poder da palavra foi passado pela minha vó, pela minha mãe, pelas minha tias, as irmãs todas, os irmãos todos. Eu vivo na beira do rio. Desde pequena a gente aprende a olhar a natureza com oio do peixe, só que a gente respira fora d`água, aí já sabe como é né, desaparende.

*Preta velha estende mais roupas brancas no varal, até cobrir Ibitu que está contando a estória. Mulher de branco movimenta-se atrás das roupas brancas.*

### **Ibitu**

Eu me lembro do dia em que eu vi o olho do peixe morto, dentro dos oio do meu filho. Eu vim correndo num susto só pra dentro de casa, eu vi o meu fio de contas se parti ao meio.

O vento veio me guiando, ele entrou comigo. Ele entrou na minha casa. O vento me tomou de um jeito sabe... que eu nem sei.

Eu sou feita dessas lembranças todas, dessas marcas, desses caminhos, desses cortes, desses rastros de memória de cada mulher. Gira o vento  
Eu sou mãe de filha morta. O motivo? é só porque ela nasceu mulher.

A boca que tudo come tem fome!

E mais uma vez eu senti o vento me guiar...



Instalação Cênica “gira vento” na Mostra Caruê 2021. Terreiro Casa de Mãe Herondina.

Acessar: [https://www.youtube.com/watch?v=VbNd\\_2OMoG8?subject=Documentario mostra caruê -instalação cenica Gira vento.2021.](https://www.youtube.com/watch?v=VbNd_2OMoG8?subject=Documentario%20mostra%20caru%C3%A9%20-instala%C3%A7%C3%A3o%20cenica%20Gira%20vento.2021)

## CRIAÇÃO DO MUNDO-MÁTRIA

### Três Oni

*Três mulheres adentram a cena pelas laterais e uma pelo meio do público, cada uma segura um objeto no centro do palco. (Sonoplastia.) Repetem a saudação, iniciam a criação do mundo, com o banho de ervas sendo preparado.*

#### Vó

Alimento,

#### Mãe

sustento,

#### Filha

equilíbrio.

#### Vó

É Terra que nos ergue.

...

#### Mãe

Sopro de vida

#### Filha

Ori de luz.

#### Vó

Imagem refletida no horizonte da memória.

#### Mãe

Ancestrais...

#### Filha

Pirâmides equalizadas no tempo.

**Vó**

Risco ponto no chão, saúdo.

**Mãe**

Dos meus quadris vem a minha força,

**Filha**

Carrego potes de água no ventre,

**Vó**

Ergo pontes de energia.

**Mãe**

Vem do balançar das águas barrentas o meu remanso...

**Filha**

Minha casa, meu útero, onde volto sempre que preciso.

**Vó**

Escuta...

**Cortejo dos Encantes:** *entoa baião*

Tempo de ser,

Tempo de estar

Acontecer...

E me amar

A preta pele me ensinou

A amar.

A preta pele me ensinou

A amar.

A pele preta me ensinou a amar mais

Os meus.

*Apaga a luz.*

## DEFUMA

*Três defumadores nas partes centrais do palco são os espaços que compõem o altar de memória dessas mulheres. Cada altar carrega elementos de suas histórias. As velas são acesas por elas iluminando os altares.*



Altar. Acervo de fotos da Mostra Multilinguagem Caruê - Sarah Arcangela.

*As Velas do Cruzeiro das almas são todas acesas enquanto conta sua história o tempo passa... ao mesmo tempo ela não sai do lugar.*

## QUINTAIS

**Brincante S. Antônio** (*Está rezando em frente ao Cruzeiro das almas e decide agradecer.*)

Eita manhã ensolarada. Dia de santo para uns... Para mim dia de vestir branco. Eita cidade agitada é barulho por tudo quanto é lado...zum zum zum...de moto pra lá e pra cá.

Agradeço por mais um ano de vida, mesmo que às vezes a gente saiba aproveitar. Eita que parece que o tempo não passou...

Que cheiro de jasmim no ar.

Salve D. Itamar!

### **Cortejo dos Encantes: entoa no ritmo da marujada**

Lá vem! Lá vem! Lá vem! pelas ruas de Belém  
Lá vem! lá vem pelas ruas de Belém.

Vem Icoaraci, vem me encantar  
Aquele mestre tão lindo, me emocionar  
Vem Icoaraci, vem me encantar, mostrar o meu carimbó, pau e corda.

**Brincante S. Antônio** *(No bloco dos Encantes canta alegremente seu poema ao terreiro de mãe Herondina.)*

Olha essa lua no céu, já meio dia...  
Olha a maré tá boa de navegar,  
Que vontade de atravessar prá  
bandas de lá...

Salve a praia branca!  
Salve a trilha dourada!  
Salve a praia branca  
Trilha dourada!

Salve meu terreiro  
Ilê Omoyadè  
Salve meu terreiro!  
De mãe Juci de Oya!

### **DO NAVIO**

*Romaria fluvial das sete praias em agradecimento aos ancestrais.*

**Cortejo dos Encantes:** *(Na levada do coco)*

Salve, salve vou chegando deixa eu me apresentar  
canto coco encantado  
Tô aqui pra mó de cantar  
Eu cheguei foi miudinho  
Na proa desse navio  
Moro neste rio mar

Sete praias encantadas  
E o caminho de chegar  
Sete praias encantadas  
Elas vão atravessar

D. Ita-mar vem na frente  
Ibitu já vai chegar.

**Barqueiro**

Bom dia D. Itamar  
Bom dia Ibitu

**D. Itamar e Ibitu**

Bom dia

**Barqueiro**

O barco lotou podemos sair.

**D. ITA-mar** (*pensativa.*)

Hoje é um dia para tu guardares na memória minha filha. Espia essas águas fazem parte de você.

*Começa a romaria.*

**Itamar**

O vento gira, gira vento.

**Ibitu**

Tenho sete anos, gira vento gira.

**Ita-mar**

São sete praias que formam nossa ilha.

**Ibitu**

Gira vento vento gira.

**Ita-mar**

Aqui agradecemos por mais um dia  
Gira vento, vento gira.

### **Ibitu**

Das águas doces é feita a minha vida.

### **Cortejo dos Encantes**

Gira vento, vento gira.

### **Ibitu**

Eu venho aqui pra agradecer em romaria.

### **Cortejo dos Encantes**

Gira vento, vento gira.

### **Ibitu**

O sagrado das encantarias, proteger por toda vida.

### **Cortejo dos Encantes**

Gira vento, vento gira.

### **Ita-mar e Ibitu**

Salve as matas, salve as águas e as ruas.

### **Cortejo dos Encantes**

Salve!

### **Ita-mar e Ibitu**

Salve o que vem ao meu lado e na minha frente.

### **Cortejo dos Encantes**

Salve!

### **Ita-mar e Ibitu**

Peço proteção para a memória da nossa estória, que seja guardada por nós por muitos e muitos anos. E repassada para as novas gerações até o fim. Salve!

### **Cortejo dos Encantes**

Salve e guarde nossa memória, cultura e arte de nosso tempo-lugar. Salve, Axé, saravá!!

**D. ITA-mar** (*emocionada, olha bem nos olhos de Ibitu e diz:*)

Um dia vais conhecer tudo que te cerca Ibi.

As águas são como as âncoras de um barco, nos mostram onde devemos aportar e acima de tudo para onde nossos olhos devem repousar.

Tu só vais sentir o teu destino, Ibi, quando estiveres perto do teu Riomar.

*Ibi escuta com atenção.*

## **TRAPICHE**

**Poeta Urubu:** (*sentado no banco.*)

O voo da Garça,

Acontece todo o dia.

No fim de tarde eu fico a observar.

Seis anos se passaram,

Ibi cresceu, se tornou Ibitu.

Dizem que D. Itamar se encantou!

Virou fulô e nunca mais voltou.

Dizem também que onde tem cheiro de jasmim ela está...

É lá prás bandas de Mosqueiro que ela vive a reinar mas está na memória viva de nós e todos que vivem nessa imensidão de mar de Rio.

Em todas as ilhas, praias, bahias, lagos em toda água doce ela está.

Mais que saudade da Dona Itamar!

## DE FRENTE PRO RIO



Trapiche de Icoaraci. Acervo Pessoal.

### **Cortejo dos encantos** (*Entoam no ritmo popular da música paraense.*)

Eu sou das águas doces [daqui]  
Eu sou um sol de rio [que transborda]  
no teu rio mar

Eu sou das águas doces daqui  
Eu sou um sol de rio [que desponta]  
No teu rio mar.

Ty Kaa Kaiapó (refrão)  
De frente pro rio e que [eu vou ser]  
De frente não tente me [esconder]

Ty kaa Kaiapó (refrão)  
Eu sou um sol de rio  
Revoada na Baía do meu Guajará

Ty kaa Kaiapó (refrão)  
Entre tantos portos tantos muros  
Pra te esconder.

## RITOS DE RIOS

*Todos os personagens em círculo entoam essas palavras a seguir. Um garoto está sentado em uma cadeira no centro segurando uma vela que está apagando mas a chama se mantém forte.*

Ibitu se encantou nas águas barrentas mas sua história está aqui salva e guardada por todos que a escutam. Pelo fio invisível da memória. Às tardes, os pássaros vem cantar, entoam sua canção de retorno. Que já vem a se anunciar, às margens do trapiche de Icoaraci ela irá voltar. Ela é ele e ele é ela! Seu nome tem a força dos rios e calmaria dos ventos.

Monã\* é filho do sol  
Olhos cor de pássaro pele preta avermelhada  
De beira de rio.

Ele é ela ela é ele!

*As velas se acendem.*

**Fim.**

\*Monã em tupi significa memória.



## **VANESSA LISBOA**



Vanessa Lisboa, 26 anos, estudante do Curso Técnico em Teatro da ET-DUFPA, curiosa sobre a mente e o corpo humano na perspectiva artística, de forma livre e espontânea, tendo como norte o desenvolvimento bio-psico-sócio-espiritual.

## Inutilidades daquele lugar ou observatório do ser

Com tantas percepções do externo isoladas mas ainda com o funcionamento da imaginação, percebo o sopro nos ouvidos - que pode até ser do vento máximo do ventilador — um dos poucos movimentos que tentam ser livres e expansivos dentro de um quarto quarentenado, mas que também se transforma no que, por esses momentos, resta da sensação de praia para mim... Tanto vento que os olhos atentos e (não) serenos só piscam quando o corpo mandar... E a terra nos pés, os pés na terra... A sensação de silêncio, mesmo com alguns sons... A memória daquele lugar e uma conversa que parece estar no melhor tempo possível, são as relações que se fazem da melhor forma possível...

A forma e o tempo se fazem diferentes no agora. Neste momento, mesmo neste lugar de isolamento, o ser do teatro ainda que enferrujado, permanece com o funcionamento da criação... Ser que nasce, que se desenvolve, graças ao corpo da vida-mãe, mas que por se tornar vida não pode dizer, jamais, que nunca se desenvolveu, se desenrolou ou se desprendeu... Ainda que esse corpo percorra lugares como a paralisia do ser... O medo do ser... A dor do ser... ou expurgo do ser..., Andares necessários?

Teatro, lugar gostoso de estar, que pode até induzir ao ócio, e aos inutilidades de sonhar, um sonho lúcido, um sonho induzido... Tudo pertencente a mim e aquele lugar... que está em crescente enraizamento, crescimento e expansão, em vida abundante contínua como a de uma árvore que passa por modificações a cada temporada, se nutrindo em vários solos. Esse ser/árvore que pode ser acometido por praga, por peste, adoecido em corpo ou em mente, social ou individual. Como se não estivesse em bosques, matas mas em canteiros rodeados por concreto que prende e reduz o movimento.

Movimentos e não movimentos que também estão presentes em praia são movimentos e não movimentos que podem servir de espelho para o que nos faz existir, resistir ou reexistir... Como o sol que pode, ao invés de dar a sensação do queimar, trazer a sensação do acolhimento, como se estivéssemos dentro do ventre da mãe, ainda protegidos do mundo fora mas já em transformação.

Praia que se faz com o mar e o seu movimento sendo advento do passar do tempo. E mesmo que o tempo passe, o que é que leva a sensações da

infância? O retorno ou a presença? Sorte tem quem pôde ter ido à praia quando criança, quando criança que passou ou quando criança que ainda é, de alma... Aquelas que podem resgatar e construir memórias de momentos e de serem livres que só, curiosas que só, amantes que só, atentas que só. Tendo a liberdade uma criança que está aprendendo a ler, ouvir ou escrever, se sujando sem se preocupar com as sujeiras dos erros pois também fazem parte do ser ser... E escrever sobre si, sobre o que sente e percebe, escrever sobre o palco do mundo.

Assim sendo crianças que independente da idade, eu, enquanto atuante, encontro ou recupero o brilho no olhar e os preciosos inutensílios de sonhar... Liberdade de nadar nas palavras, de fluir com o corpo e ter o prazer de encontrar! Liberdade que convida a se achar... Desafiando o ser criança, adulto, a imaginar e criar, o mesmo movimento que observatório do praiar... Considerando que na praia também existe o dia e a noite, companhias e solidão, o ser volúvel.

A paralisia do ser pode gerar sintomas daqueles que se permitem apenas ser pássaros que seguem passos, aquilo que os foi ensinado... Que teve em sua pele registrada a rigidez e o peso que só lhe permitia caminhar, dar passos e não ser a criança que hora é peixe, que hora caminha mas que também sabe voar.

E o medo do ser pode vir do baque, com profundidade que pode não ser visível, mesmo se o impacto seja forte, e a ferida abra... Mesmo que doa, pode não ser visível... Mesmo que chore, e chore algumas outras vezes, ou noutras nem chore, pode não ser visível... Ainda que sejam feridas de muito antes, ou que estejam mais fresquinhas, o corpo pode estar cheio das cicatrizes, mas. Sendo assim, cicatrizes resistentes ou apenas aquelas que deixam o tecido fino que protegendo muito o nervoso sensível, ainda assim pode não ser visível... Mesmo que notável, o baque, a ferida a dor devem ser vividos no teatro.

Feridas e cicatrizes que não devem ser mantidas em um lixão do ser que só consegue acumular-se delas, sem ser capazes de transformá-las. Que tal então se a transformação iniciar com um lixão, se mudarmos a placa e toda a funcionalidade do lixão para um garimpo. O garimpo do ser, seleciona, transforma, avalia, guarda ou descartado, se necessário, as cicatrizes, feridas e dores.

Garimpando o corpo e a mente podemos chegar a questionamentos... Quais palavras estão no corpo da atriz? Quais palavras calam silêncio-

samente o corpo da performer? Por que o corpo, por vezes, é tão escorregadio e inconstante parecendo até ter sido banhado de uma porção grandiosa de óleo de cozinha, que pra nada serve em nosso corpo? O que poderia retirar dessa porção de óleo do corpo, permitindo a respiração, permitindo outra fluidez para além daquilo que ignora? O desconhecido poderia ser firme?

Dificuldade...O lixão do ser  
A farsa do ser  
O garimpo do ser.

# CLAUDIO RAPOSO



Oie, eu sou Raposo. Primeiramente, sou estudante universitário de teatro na Amazônia (PA) e em seguida ator, produtor, dramaturgo, diretor, encenador, operador de áudio, compositor, figurinista, editor de vídeo, design (inclusive deste lindo livro) e, principalmente, sou tio da Tieta. Tenho 26 anos.

## 1.

Fatia minhas vísceras  
Beije, mastiga a minha virilha  
Sou teu pão  
Aquilo que nutre  
Te preenche  
Ao leite, ao dente  
Faça comigo aquilo que você prende  
Dívida, repartir-lhe cada pedaço do meu pão  
Meu corpo podre e santo em tuas mãos  
Meu sabor é doce mesmo a minha pele estando salgadamente suada.  
No teu esôfago percorro a via da multiplicação  
No teu canal retal realizo a profana procissão;  
Meu corpo se mastiga assim.  
Passado ao gozo  
Ao gozo livre da felicidade do mundo  
A comunhão dura alguns minutos  
Ejaculo a versatilidade  
As possibilidades de um mundo em paz  
Na multiplicidade de vários corpos em uma cama em guerra  
Meus filhos que jorram para além de mim  
Morrem no lençol sem esperança  
Um dia algum deles prosseguirá a história  
E pelo pão; pelo corpo  
Celebraram o gozo de uma vida mundana feliz  
Sejam a luz, o caminho e a coerência em seus discursos  
Seus corpos são migalhas  
Doem, se dividem.  
Todas as bocas merecem esse gosto de esperança  
Alguém disse que deveríamos amar a todos sem medida  
O amor canal é visceral  
Deveria ser um vício amar o outro sem crítica inicial  
Antes do pleito

Da cama se ocupar com dois corpos (ou mais)

Julgue o seu pensamento  
O porquê de não amar tal(is) corpo(s)  
Pelo que o pão dure apenas uma noite  
Deve ser prazeroso usar a boca  
O teu santo deixa  
A tua humanidade deixa  
Deixe o preconceito apodrecer  
E o amor coma antes de morrer.

## 2.

A primeira coisa que irão lhe falar é que você não tem FÉ. Isso significa que você é fraco, incapaz perante os olhos de quem fala. Essas palavras deveriam doer, mas a instabilidade do teu emocional vai lhe impedir de chorar — mesmo querendo. No fundo você vai se sentir mal, irá se considerar a pior pessoa do mundo, estando até disposto a duvidar da existência do "temível" Deus. Por que sofrer tanto sem saber que está sofrendo? Machucar-se sem ter noção ou certeza do que está fazendo? Preocupar todos sem querer deixar ninguém nervoso? O que faz uma pessoa desistir? Queria lembrar dos motivos de forma clara, das situações, porém tudo que tenho em memória são apenas retalhos, flashes de momentos turvos, de morte (ou vida).

### 3.

Eu não ria com ela. Ela me fazia CAGAR DE RIR! Qual tamanho e relevância tem quem nos faz rir? Para mim a importância dessa pessoa é GRANDE! Amo pessoas leves, mesmo diante das dificuldades, verdadeiros salva-vidas do cotidiano fud\*\*\*. Ela me salvou com sacanagem muitas vezes. Solta cada pérola de rachar o bico. Eu adorava cheirar o sovaco dela, dizia que isso iria me apegar nela - mau sabia que eu já era independente disso. Foi minha mãe de leite, amiga, parceira de noitada, vizinha, conselheira e um amor que pelo visto não vai ser enterrado (pois isso eu não deixo). O periférico ama o banal, falar put\*\*\*\*... Isso aproxima as pessoas. Lembro da vizinhança se reunindo para enfeitar a rua para uma noite junina, lembro que passei dias na casa dela ajudando para o festejo. Ela adorava essa época do ano e eu também porque amava o mingau de milho com arroz que ela fazia divinamente. Falávamos de sexo em todas as ocasiões, até depois de participar de uma missa na comunidade. Rimos tanto. Foi ela quem me ensinou a fretar, uma ótima professora, assim como também me ensinou a jogar dominó - jogávamos praticamente todas as noites (essa era a nossa noitada). Acho que mais peidávamos que qualquer outra coisa e adivinha, isso é um "gatilho" dos grandes para rir sem controle, mas ela tinha vergonha disso, só peidava quando estava entre nós.

Hoje ela não está mais "entre nós", porque ela nunca esteve "entre", mas sim "dentro". Meu coração sempre a amou e lá ela sempre terá o seu lugar, de preferência na entrada dele recebendo quem chega com uma gracinha.

#### 4.

Herdeiro de antepassados problemáticos, neto de índios e europeus (que eu poderia chamá-los de FDP, mas não os conheci. Falo dos europeus), prole de imaturos que resolveram em suas juventudes mandar o mundo se F\*DER. Cria de rua de terra. Terra sem dono, invadida. Território distante dos privilégios que existem no centro do C\* do capitalismo na capital belenense. Branco encardido de rosto esburacado, de alma costurada, um protótipo de homem maduro que sofre de medo do amanhã. Já me senti dono do meu agora mas caiu a ficha que não sou dono de MERD\* NE-NHUMA (ainda), nem dos meus sonhos.

Os julgamentos que descarreguei nas mulheres e homens que me colocaram aqui para penar na ciranda das oportunidades, me soterram. Percebi que reproduzo os mesmos erros. Agora me iludo com o futuro achando, acreditam que posso no mínimo ser um ótimo tio, pai amável, cara formato, artista FU\*\*DO, orgulhoso (como muitos), independente (iludido, como muitos). Quero ser uma novidade não sendo. Unanimidade entre tantos iguais.

A vida já chegou a ser um desencanto em um momento, mas disposto agora, consciente do jogo FILHA DA PU\*\* que é o sistema, estou mudando a estratégia.

A sociedade deseja me ver bem-sucedido para falsamente me admirar. Falar que me ama pela frente e pelas costas dizer, difamar-me que sou um VAGABUNDO. Cansei de lutar contra a minha rebeldia, de buscar ser um menino bom sem nada em troca, um ILUDIDO-FUDIDO-FILHA DA PUTA-VAGABUNDO que achava que todo mundo me merecia (como se eu fosse um cara especial, importante na vida de qualquer um. Até posso ser para uns exclusividade, uma exceção). A missão é viver? Então bora CA\*\*LHO! Sentiu dó? Corrierei atrás da cura só para brincar com a vida. Chega de lamentar as mazelas, de romantizar as cicatrizes, de fazer um jogo sem interesse, de amar quem não merece. Soa isso como uma negação da bondade, admito, porém não é. Eu admito apenas que o mundo que eu vivo é o mesmo que vou correr atrás com o meu anarquismo. P\*\* NO C\* das ideologias caducas. Eu quero é uma outra, fresca PRA VIVER. Quero viver a história começando pela introdução FILHA DA P\*\*A exigida pelo cão que domina as almas vendidas, nesse âmbito hipócrita chamado de planeta de FUDI\*\*S: terra. Estou longe de ser um

cara exemplar, mas me deem uns anos para isso mudar. Pretendo subir ao topo de MERDA dos privilégios acompanhando quem está cansado com essas obrigatoriedades. Diploma não é sinônimo de superioridade ou pelo menos não deveria. Vejo que os rebeldes de ontem envelheceram mal neste mundo, estão discursando incoerências, inclusive aqueles que admiro por algum motivo. Sendo assim: Vou ser verdadeiro com os humildes e falso com os falsos.

Provavelmente vou ser um deles em algum capítulo da minha biografia. Espero ser de propósito. Enquanto isso não acontece, vou cuidar de mim, fazer até o que já julguei um dia, experimentar para aprender ser o que posso de forma consciente e livre.

O meu total respeito pelos velhos da minha história, mas agora é a minha vez de envelhecer.

CA\*\*\*HO, burro é quem lutar contra e inteligente quem finge jogar o jogo para conquistar. Não quero flertar com a corrupção, disso o mundo tá cheio e por isso que é a ME\*DA que é. Minha constatação e compromisso é com uma vida justa, porém "espeta" com quem é FILHA DA PU\*\*. Principalmente com os "falsos" demagogos.

Espero não ser uma herança humana medíocre.

Oxalá para mim.

## 5.

Basta uma palavra, a minha, afirmando, definido quem sou, o quê gosto e sinto? A minha afirmação é suficiente para ter de vós o respeito que exijo? O que devo realmente fazer para ser tratado como me vejo, digo isso porque é difícil, a meu entender, apenas afirmar que sou, pois aparentemente isso não é suficiente para muitos. Existe além do trabalho, a necessidade de fazer parte do jogo. Fazer teatro sem "camarada" é uma estratégia SUICIDA. Os questionamentos, a **filosofia do artista** é um vício desprezível para uma boa parte. Aparentemente ninguém está interessado na arte alheia e isso, penso eu, que está tudo bem, já que união é uma utopia. A realidade expressa que o cenário atual está cansativo para as rinhas. Nada no Brasil é motivador para a disputa entre Arte e artes, Artista e artistas. Não existe política (muito menos gestão), o que dirá público para concorrer. Sendo assim é desnecessário querer ser argiloso, acionar os esquemas, facilitar os caminhos, fazer política suja. Não vale a pena se iludir com discursos falhos de fazeres de política egoísta. Os mais velhos deveriam rebuscar o espírito revolucionário e abandonar a política do "contatinho executivo" e os mais jovens deveríamos exterminar o uso excessivo da cultura do deboche, pois a arte não deveria ser bem particular de ninguém, mas sim coletiva, e penso que para isso era importante repensar em independência como via democrática de disseminação de conhecimento. "O meu grupo é melhor" e foda-se. Não importa a qualidade ou a falta. Tradição ou não. O gesto mais revolucionário no hoje é RESPEITAR independente de qualquer um (claro, dentro do bom senso). Não basta afirmar ser ARTISTA, precisamos ser da arte e isso é ter lado. Você que usa vias nada justas para obter os seus trabalhos, digo por mim: — Você é Artista, mas não é da arte. Já que é cada um por si, opto por ser solitário (porém não o único), guerrilheiro artístico em terra. Daqui pra frente vou experimentar uma forma não "canônica" para fazer o FUTURO acontecer. Vou trabalhar com todxs, estimulando o crescimento individual de cada (inclusive o meu). Meu palco é rizomático, construído sobre afetação/ões. A independência chegou.

## 6.

Se o corona fosse gente. Acredito que boa gente não seria. E o diria o seguinte: me deixe ficar para amar quem eu amo de uma forma diferente. De uma forma que nunca tive coragem de amar. Peço-lhe isso porque percebi que às vezes sou o pior da minha existência. Que não foi capaz de abraçar com afeto real a energia, a fé que me faz há anos sentir medo da saudade de não ter quem eu amo perto do meu amor. Admito que sou um burro. Esperei ficar doente para perceber que meu corpo não só precisa de ar como precisa da gente que o constitui como algo útil nesse plano. Se a covid fosse algo, me ajoelharia em sua frente como se fosse um peregrino que caminhou a vida toda, do inferno ao céu, depois de ter desaproveitado a única chance de felicidade por motivos orgulhosos e egoístas. Suplicaria a ele como se ele fosse Deus ou a dona morte... Não quero ir, desejo simplesmente ficar, em casa, com os meus, com os afetos, a minha a gente, na paz. Por favor.

## 7.

Um dia terei uma casa, irei pagar conta de luz, de água e internet. Irei ter todas as obrigações COMUNS a qualquer PESSOA. Mesmo não tendo elas hoje, pergunto a vocês: Por não sustentar uma casa, eu não tenho ou as dificuldades que tenho são pequenas, comparadas com os que tem? Sou alguém que NÃO TEM RESPONSABILIDADE? Ou as que tenho são “fracas”? Sabe, eu acho uma injustiça das grandes fazer comparação de mérito, de miserabilidade. Existe desigualdade social, com certeza! Mas também existe a falta de moral, ética e de responsabilidade com a vida do outro. Sabe aquelas pessoas que dentro de uma conversa só sabem se justificar falando das suas misérias? E que pior, não conseguem admitir que outras pessoas também possuem dificuldades e que por isso quem está ouvindo precisa permanecer ouvindo e ouvindo! E que foda-se o que ocorre ou deixa de acontecer, "a tua vida é mais 'fácil'" "eu passo por isso e isso" "Você não sabe"... NÃO SEI E NUNCA VOU SABER! NÃO TÔ E NUNCA SERÁ POSSÍVEL ESTAR NO COURO DO OUTRO. POR ISSO É INJUSTO COMPARAR, FAZER JUÍZO! Humilde não é ser pobre. O humilde admite a dor do outro como admite a sua.

## 8.

Não sinto e nem pretendo sentir-me autossuficiente para anular o papel dos outros na minha vida. Há um porquê Deus nos coloca em um lugar com tanta gente. Admito que sou a soma de todos os seres que atravessaram a minha vida. Eu amo essa vida louca rodeada de gente. Gente que trai; que ama; que se machuca; que me educa. Eu não teria paz e nem me respeitaria se não fosse por cada um de vocês... Hoje, compreendo que amor é AMOR. Que ele não possui variações. O amor que pratica é o mesmo sentimento puro que divido. Aqui estou, um ser um tanto quanto egoísta, porém generoso quando percebe que há reciprocidade. Quem ama, não sofre por amor.

Não sofro mais, graças a todos.

## 9.

Quando rasguei minha carcaça, junto com as vísceras, o bicho maldito que tanto fingi não conhecer dentro de mim, pulou para fora, falando asneiras, pornografia. Ele se aproveitou da minha frágil situação, do meu corpo fraco, para me incorporar. Espírito mítico, maligno e delicado; de face demoníaca. Espírito doce, dócil quando agradado; de corpo macio. Espectro dúbio, que no hoje compreendo e o aceito como minha identidade. Pois tudo mudou em mim quando percebi que no interior do maldito e maligno ser, existia uma luz clara de poder curativo. Sou a décima primeira raposa da minha dinastia. A mais rebelde de todas. A kitsune mais carniceira e mais iluminada entre todos os espíritos que pretendem recriar o mundo; o mundo interno de cada um de nós. Possuo a faca, a carne e o voo. Julgo tua vida, o salvo! Busco a saída da tempestade dentro do teu olhar manso; abre os olhos, não quero o nosso mal. Se tu encarar. Se puras forem tuas vontades. Te cativar até o adeus. Toque-me. Venha me conhecer em meu terreno. Meu solo.

## 10.

Por qual motivo eu deveria expor minhas marcas encarnadas, despojar-me da pele/capa para revelar o que não é fácil, pois não é suave nenhuma das minhas cicatrizes. **Dói pensar em ficar em carne viva em cena**, da mesma forma que doeu mudar a rota da minha vida um dia. Hoje é fácil tatear o céu, mas ontem não foi... Virei raposa e aceitei a minha natureza dúbia afim de viver com coragem os meus sonhos de hoje. **O menino pensador agora é uma raposa alada**. O meu atual amor próprio é o principal motivo para não ter mais medo de ser quem sou. Estou vivo e isso é o suficiente para seguir sofrendo nas desconstruções e feliz nas descobertas. Sim, eu acordei pra vida e serei meu maior sonho.

## 11.

Tatou minhas pegadas com passos secos que nunca dei. Às vezes quero tudo. Idealizou um mundo incrível que infelizmente não irei viver por procrastinação. Meus sonhos não existem porque tenho meus pés "enforcados", amarrados em desgosto. A vida que escolhi além de injusta é imunda muitas das vezes. O dilema é compactuar com o absurdo normalizado ou seguir a minha índole? Não consegui no ontem ser o que desejo no agora por vergonha e por medo. Não gostaria de ser um **desfigurado artista**, um mais um que para conseguir o que quer fazer decide pelas piores escolhas, parceiras e manobras. **Posso um dia desamarrar os meus pés mas gostaria de sujar o meu palco não com drama.** Infelizmente têm muitos artistas se suicidando artisticamente e de várias formas.

## 12.

Lhe conhecer foi uma dádiva, um presente que pretendo levar para a vida. É muito lindo ter a sua permissão para lhe chamar de Mãe, isso é forte porque sei que sempre que eu precisar posso correr até ti. Desculpa por ser um filho escroto. Deveria ter ligado mais mas eu sou um menino todo estranho. O meu medo de machucar as pessoas acaba machucando realmente mas sou esforçado para corrigir. É claro que não é um presente que vai reparar as falhas mas quero com esse gesto mostrar o meu carinho gigantesco por você. Meus muitos anos de vida católica são pequenos perto dos poucos dias que passei com você e sua família. Foram dias santos, de busca por uma vida espiritual melhor e de amor. Amor é o que define a sua vida Jura. Você transmite amor e é por isso que não tem como não te amar: eu te amo. Sempre que lembro dos meus dias no Marajó, escorre dos meus olhos lágrimas de alegria e saudade. Eu quis estar aí na sua festa mas infelizmente não foi possível. Aconteceram imprevistos e a pandemia também é uma realidade. Desejo a você muitos anos e quero que Deus me proporcione mais dias ao lado de vocês e dos seus amados, dos quais eu também sou apaixonado. Obrigado por existir minha mãe.

### 13.

Nasce um novo ano que pretende ser bem diferente do antecessor. Vivenciei provas de autoconhecimento (que seguiram ocorrendo), mas o que tudo indica que este novo ano também será de afirmação. A ficha sobre quem sou e o que devo ser, caiu, agora é se tornar o desejável dentro das diversidades que tanto tentei lutar contra. As aceitações já são fatos fatos, não preciso mais me bater sobre o quê é certo ou errado. Moleque criado já sou! Só posso agradecer as mãos que não me deixaram cair nesse processo, pessoas que me enchem de esperança. É cansativo guerrilhar contra um sistema afetivo onde todos querem o seu pedaço. **Digo afetivo porque todo artista briga sobre o calor do seu amor.** Espero ser menos apaixonado e tão pouco realista. **Quero ser um jovem artista preocupado lealmente com o seu agora.** Amar quem tiver que amar, porém não me abater com quem não está nem um pouco comprometido com isso. Chega de se desapontar, agora o foco é em apenas trabalhar. Atribuo toda a consciência inevitável da maturidade. Chego a um quarto de vida para quem quer ser centenário. Um jovem adulto para um jovem velhaco. De artista para um artista ambicioso por trabalho. Um filho de muitas mulheres e que agora deseja cortar os cordões para ganhar o seu mundo. Sou grato a quem desejou me ver assim, feliz e maduro.

## 14.

A noite fria marajoara de hoje me deu calor. A beira do rio Paracauari parecia um véu mágico, repleto de seres molhados. Corpos nus revertidos da luz tímida do luar. Foi um ser fantástico, abraçado por uma noite inteira, completa, infinita de validade resumida em alguns minutos de ardor. Assim foi batizado em nome das encantarias no final da oitava rua de Soure.

## 15.

Houve um dia, uma semana, um ano da minha vida em que as dificuldades estavam me sufocando. Não sabia o quê fazer para continuar na universidade de teatro. Faltava dinheiro para bancar a passagem. A alimentação estava escassa. Nessas ocasiões se lamentar é uma das piores atitudes e não me suportaria cair no poço! Conhecendo as minhas dificuldades, uma amiga que já era considerada por mim um anjo, me pegou pelos braços e me sugeriu VENDER EMPADA! Meiroca não só me motivou, como também me ensinou a fazer e a vender (Sabe, me deu a rede e me ensinou a pescar). Passamos horas na cozinha para no fim do dia levar uma bolsa cheia de empada para vender na faculdade. Eu empolgado como sempre, percebendo o sucesso do quitute, depois de dias de venda, tive a ideia de vender na rua, foi aí que surgiu a ideia de usar o meu **palhaço**, mas... Quem me conhece sabe que tenho um trauma envolvendo o meu palhaço. Meio que não queria "brincar" de palhaço. Não me sentia seguro com o nariz. Não me considerava nem um pouco engraçado. **Mas a necessidade fez o palhaço.** Eu tinha que multiplicar minha rede. E olha, vender empada na rua de palhaço FOI UMA DAS COISAS MAIS LINDAS DA MINHA VIDA! O **Pavulito** é tão sacana que até andou de táxi de graça (kkkkkk), comeu de graça, vendeu empada por preço de duas e até ganhou fãs! Foi muito engraçado. Ele, o **Pavulito**, adorava mexer com os casais. Atrapalhar beijo era um prato cheio para ele! E todos o achavam engraçado. Nesse dia tão especial agradeço a todos que colaboraram a fazer do **Pavulito** uma parte significativa de mim.

## 16.

Para muitas culturas o batismo é determinante para a significação da existência do ser em sua comunidade. Presenciamos, por exemplo, nos dias de hoje, discursos conservadores que vinculam religião e conduta moral. Um ser não batizado é uma criatura, não um filho de Deus. Essa diferenciação também divide a sociedade. Quem não pratica a fé conservadora, nem homem de bem é. Porém, a humanidade não é um conceito simples, um sistema fechado de partido único. Bertolt Brecht foi um grande pensador do seu tempo e fez com a sua poética uma complexa reflexão sobre o caráter humano. Batismo Teatral. Qual é a importância da religião (uma ideia feita) na vida de todos? Deveríamos ter medo da tribuna conservadora dita moral implantada como rerepresentação do próprio criador? Quantas vezes vou ter que me batizar para não ir para o inferno?

17.

Em quantas horas meu corpo vai reagir, lutar contra as provocações sabotadoras da doente mente que sugar feito piolho a alegria?

## 18.

Estou aprendendo que a sabedoria não é um dom. Não existe jovem sábio, existem pessoas inteligentes que sobre duras penas aprenderam com a vida. Sabedoria é mérito de quem chegou no auge da sua caminhada. Eu preciso falar menos, ouvir mais e confiar em quem veio primeiro. Aprender.

## 19.

Eu até os 19 anos era um semi-analfabeto.

Eu já repeti de ano três vezes, na escola.

Eu sempre tive dificuldade para estudar em casa.

Eu beijei pela primeira vez aos 16 anos.

Eu fiquei pela primeira vez com 19 anos.

Eu tenho certeza que sempre fui mal interpretado.

Eu fui virgem até os meus 20 anos.

Eu não defino minha sexualidade.

Eu beijei um moço pela primeira vez com 21 anos.

Eu sou uma pessoa de poucos amigos de propósito.

Eu perdoei minha mãe com 20 anos.

Eu não gosto de ser visto como alguém inteligente.

Eu já quis muito ser o centro das atenções.

Eu comecei a fazer teatro depois de ter perdido o emprego, aos 20 anos.

Eu até o ano anterior ao vestibular não sabia o que fazer.

Eu não quero ter filhos antes dos 35 anos.

Eu acredito no amor

Eu confio na humanidade.

Eu gosto de fazer as coisas do dia a dia com música.

Eu falo sozinho, muito.

Eu quero aprender espanhol antes do inglês.

Eu tenho fama de ser do contra, de propósito.

Eu sou ator por escolha da vida.

Eu hoje escolhi ser ator a vida toda.

Eu não gosto de bucho.

Eu tenho fé e ela não tem religião.

Eu ainda não me conheço totalmente.

## 20.

Lá se foram algumas tentativas e eu sobrevivi a todas! Não me leve a mal mas agora pretendo viver uma fase lenta de lua crescente. Vou fechar meus olhos. Vou ouvir melhor as canções que me atravessam. Vou sair da rota dos amores e das aventuras, para brincar de Buda por um período sozinho. Esse será o último período da minha retomada de criação. Depois disso, o Claudio que você conheceu não será o mesmo. A dor educa a felicidade. O amor de fato salva como também lava a alma. Aceita a vida e todas as suas facetas. Felicidade é pão, comunhão que é dada em farelos para quem não tem vergonha de pedir. "É difícil virar a chave", demora, mas acontece um dia. Basta querer!



# NEIRE CONCEIÇÃO NUNES LOPES



Neire Lopes - 54 anos.

Mãe do Dyego, Allain e Bryan.

Nasceu em Santarém, oeste do Pará.

Artista, Professora-pesquisadora em arte/Teatro, Licenciada em Teatro pela Universidade Federal do Pará (2019). Audiodescritora. Guardiã do Grupo de Pássaro Japiim (2017), Coordenadora do Espaço Morad'arte. Figurinista. Dramaturgista.

Técnica em Artes Dramáticas com habilitação em Produção Cultural e Design pela Escola Estadual de Educação Tecnológica do Pará Prof. Anísio Teixeira (2013). Técnica em Comércio pela mesma Instituição (2012). Amo o Teatro, a arte e todas as suas possibilidades.

Poetisa em construção.

E-mail: [neirelopes19@gmail.com](mailto:neirelopes19@gmail.com)

## Tempo de encontro

Ironicamente nos queixávamos do tempo que não tínhamos, de sua falta para realizações de tantos projetos, de um tempo corrido que nos consumia.

De repente, tivemos que desacelerar.

O isolamento antes não bem visto, se fez necessário, sentimos o desaceleramento em meio a um grande congestionamento dos nossos vai e vem cotidianos.

Alguns se sentiram perdidos, flutuando. O que fazer com tanto tempo?

Que tempo é esse?

Um tempo sem tempo, onde temos tempo de sobra mas é um tempo diferente, que parece nos aprisionar.

Lá fora não podemos estar.

Para onde ir?

É preciso sair para ir além?

Visitar, revisitar.

Visitar-me!!

Voltar para si.

Encontrar-se.

Quantos caminhos nunca percorridos. Interrompidos em si.

Silêncio ruidoso.

É preciso descobrir como estar e ser nesse tempo.

Exercitar o eu profundo, a essência.

Me olhar para enxergar o outro.

A essência do eu, do nós.

Poemas/Queixas.

## 1.

Eu em mim, já não caibo mais...

Preciso acomodar os eus que trago e que nem sabia que eram muitos pois estavam espalhados, sempre muito ocupados nos corre corre, quase nunca se encontravam.

Agora impedidos de se espalhar estão a me sufocar... não sei como acomodar...

Eu em mim não caibo.

Preciso despir-me para agasalhar meus eus...

Nem imaginava que eram tantos...

## 2.

Tenho em minha memória.

Os gritos, os choros, os cheiros, os risos, os sons, as cores, as flores, os sabores e dissabores.

Tenho em minha memória os embalos e afagos que ofertei...

Tenho em minha memória o nascer do sol e o brilho das estrelas das noites em vigílias materna.

Tenho em minha memória, o tic-tac do relógio... a espera...

Tenho em minha memória...

Minha memória, meu conforto na solidão da distância de quem amo.

Vivo só, sozinha vivo, não porquê gosto.

Aprendi a viver no distanciamento e no isolamento há muito deixada.

Aprendi com quem amo no dia em que me deixou com minhas memórias.

Aprendi a lidar com o distanciamento e a solidão.

Não me assusta estar só.

Aprendi a ser só.

Você aprenderá!

### 3.

A idade?

Não, não a negamos.

Vaidade?

Vá

Idade

va(idade)

Vá que te levamos

Não!

Sim, não!

Aos estereótipos que nos são colocados por conta da idade.

Que conta?

A conta errada que fazem para a idade.

A conta que soma os anos e não as experiências e conhecimentos, aprendizados, as vivências.

A conta de quem conta os anos,

E a conta dos afetos?

Não soma?

Diminuem as vivências e dividem vidas.

#### 4.

De risco  
Somos, fomos, seremos  
Grupo de risco...  
Nem sempre grupo  
Isoladamente um grupo  
Muitas e muitas vezes só.  
Sol  
A  
Mente...  
Solamente um grupo de risco no risco.  
Só.  
Tantos riscos.  
Risco de viver  
Risco de resistir  
Risco de insistir  
Risco de existir  
Somos um risco.  
No tempo...  
Tempo de risco  
Risco no tempo.

5.

Do exercício da escuta.  
Os velhos querem falar, serem ouvidos.  
Agora você tem tempo para ouvi-los  
Escutar os velhos!

A escuta se faz necessária...  
Velhas escutas, adiadas com a desculpa do não ter tempo.  
Mas a desculpa acabou, não era o tempo que faltava, era a vontade de  
escutar que não existia.  
São Queixas...

## 6.

Ah, saudade!!

Saudade de encontrar.

Saudade dos risos coletivos,

Das conversas livres,

Dos abraços, de braços entrelaçados.

Da alegria, dos olhares amorosos.

Da resistência...

Das trocas,

Da vida, das histórias, das memórias

Das brincadeiras... das músicas, das poesias.

Dos afetos.

Das escutas.

Do teatro, que revela as vidas que gritam por cores e flores e todas as possibilidades latentes nos corpos de, se não for a melhor, mas sim, é a maior idade.

## SIDIANE NUNES



Sidiane Vieira Nunes tem 28 anos, é atriz, cantora, poeta, escritora, pesquisadora em artes, mocajubense, paraense. Nas memórias de quando era criança e brincava de boneca, bola e corria pela rua só de calcinha. Era pequena e era artista. Marcava passos com o desejo que fossem desenhados. Brigava com os meninos que tentavam tirar o direito à fala, o correr, o existir... Por que só eles podiam brincar de futebol? Tentou fugir várias vezes do caminho do teatro, na verdade, nem sabia que já estava até o pescoço mergulhada nesse mundo que a faz entender quem é.

Um ser em mudança contínua... *Me reconhecer enquanto artista foi um processo doloroso*

*Em um tempo de muitas decisões fortes e precisas*

*Quem não tem fama com a sua arte é considerada doida*

*Então decidi me tornar uma doida.*

Entrou para o Curso de Licenciatura Plena em Teatro na UFPA (2016). Participou das Oficinas de Atores Brasil (2016), do Grupo de Teatro Universitário (GTU) e da Pauta Negra (2018).

## Travessia

Ainda está longe mas vejo suas luzes a piscar;  
Seus prédios se destacam, mesmo tu sendo tão grande, neste instante aos meus olhos parece tão pequena;

Olhos que navegam em um navio que vai de encontro com as ondas de um mar revolto, que acalenta o sentir; sentir a força da maré, resistindo ao navio. E o vento?

Ah! O vento me toca por inteira, brinca com meus cachos, molda meu rosto, deixa minha pele nervosa e meus pelos arrepiados, meu coração guardando uma delícia eufórica.

Outra embarcação se aproxima e faz com que me sinta insegura, a maré resiste, o navio insiste, o vento se torna bravo e você parece perto mas está tão longe; meu coração acelera e o desejo de estar contigo é imenso.

Em um profundo respirar me acalmo assim que tudo se aquieta, volto a olhar você fixamente, tão linda e cheia de mistérios;

Quanto mais perto vou chegando, você vai crescendo em tamanho e formosura;

E chega o momento que já não consigo vê-la por inteiro, a barreira do visível é ativada e mesmo não tendo mais o prazer de decifrar cada traço seu, continua linda, com luzes mais fortes, curvas encantadoras que contam suas histórias em lugares marcados pela memória; me sinto o que realmente sou, uma visitante chegando em seu coração para se jogar na loucura da paixão de um trânsito desconhecido onde pequenas partes de quem tu és posso ver, onde a ansiedade consome meus mais sinceros sentimentos e penso, que maravilhoso vê-la do lado de fora. Prazer eu vim de fora.

Lá fora, eu sonhava com o dia em que me libertaria de ordens ditadas a mim, sendo eu completamente única e demasiadamente dona de meus próprios sentimentos.

Naquele lugar tão amado por mim e odiado por meus desejos.

O lugar em que às 15:00 horas ficávamos sentados em uma tábua fina de um corredor de terra ao lado do que considerava minha residência, metidos a estudar;

Eu era a garota que se dizia professora e fazia calar a todos cada vez que ficavam a gritar; Ensinava o que quase não sabia, e no final da aula, sempre em euforia, o lanche de cada dia.

Então corriam em alegria pedindo que o outro dia chegasse para continuar a estudar.

O desejo era universal mas poucos tiveram o privilégio de continuar; continuar a sorrir, gritar, amar, continuar a estudar.

Privilégio realmente teve quem conseguiu seguir.

Seguir e viver em um sonho onde nada sufoca o coração;

Encontrar melhores coisas na vida pra amar;

Em um lugar bonito, tranquilizar o coração e a alma;

Estar na melhor das fases, dançar e viver tudo que tiver que viver e ser quem eu quiser ser. Ser a mulher dos meus sonhos;

Que decide vencer seus medos;

Decide ser aquela que chega fora de hora, em locais e em corações; que ama sem interesses; que se mostra na intenção de dizer a todos suas reais escolhas e razões; Aquela que caminha em direção aos seus mais insanos desejos. Que ama Deus e sua força e também as pessoas e a força que cada uma carrega.

Aquela que se conecta com olhos tão profundos quanto as profundezas de um vácuo, aquela que mesmo dizendo tudo o que sente, é necessário decifrar coisas ditas e não compreendidas;

O que seria de mim se não me permitisse viver os meus mais profundos e insanos desejos, o que seria de mim se escondesse tudo o que sinto;

O que seria de mim se escondesse as marcas de um corpo modificado pela vivência de momentos únicos;

Momentos que me convidaram a sentir as necessidades de um corpo materno;

Um corpo que chora, ri, come, bebe, sente desejos e prazeres, que fala, canta, dança, se move para diferentes formas de existir, por si e por sua cria, luta contra todas as formas de opressão.

A expressão é negada a quem tem um corpo modificado pela vida; Você não pode falar, a fala está no teu colo;

O diploma está no teu colo;

Está aí teu passeio;

Tua carreira;

Tua história;

Teu fogo;

Está aí teu descuido;

Quem mandou se envolver; Quem mandou abrir a perna Agora aguenta.  
Aguenta!!!

E o pai?

Eu me pergunto até hoje, dentro de 4 anos de existência de minha cria;

E o pai, não vão condenar?

dizer que não pode abandonar!

que não pode ignorar!

Que só fez o filho e foi embora!

Que usou e caiu fora!

Quem mandou se envolver!

Deveria ter fechado as pernas em sua vista!

Deveria ver com quem estava se metendo

respeitar o útero a dentro;

E o pai, não será condenado também?

Em sociedade!?

Ou será que somente quem nasceu com vagina e útero é responsável pelo existir...

Em sociedade!?

Ou simplesmente, o pai não será cobrado pela responsabilidade de deixar seus detritos no caminho?

Em sociedade?!?

Se tornar mãe é viver eternamente na mira de preconceitos e condenações. O dia das mães é um disfarce de opressão onde tudo parece se renovar mas os hábitos são os mesmos.

Se tornar mãe e ser solteira é se colocar na linha de frente e ser bombardeada a cada minuto.

Toda a culpa é lançada no seu colo

Os deveres e fazeres são exclusivamente seus

“Procurou! Agora, aguenta!”

Esta é a frase que vem sendo transmitida de geração a geração; perfeita para oprimir quem diariamente se levanta e o principal pensamento é:

“O que minha cria vai comer?”

Então penso...

Penso...

Penso...

Reexisto...

Lavo...  
Passo...  
Alimento a cria  
arrumo...  
Acalmo a cria...  
Costuro...

Dou atenção à cria...  
Cozinho...  
Dou banho na cria...  
Faço leite ...  
Alimento a cria...  
E então ela dorme;  
Ouço a voz: Quando tu vais resolver limpar essa tua unha?  
Quando!!!  
E então chega o choro...  
Choro...que é alívio para minha alma  
Grito em silêncio...  
Um silêncio raro e madrugueiro;  
onde ouço o forte respirar de quem percebe que ainda acordada estou e  
que deseja que me deite, para que no dia seguinte a rotina venha me con-  
sumir novamente;  
Mãe que decide estudar  
Estudante que decide estudar  
Opressores que decidem pela estudante  
O que fazer! Como fazer e onde a cria deixar!  
Onde a cria não pode ficar!  
Por que a cria não pode ficar?  
Barulho da cria incomoda os ouvidos do professor atento que nunca cho-  
rou. Por outro lado existe o braço da outra professora que pela cria lutou  
Pelo afeto; aconchego, cuidado;  
E nossa aula continuou com os olhares atentos da cria a quem conquistou.  
Enquanto isso...  
A estudante continua...  
Segue rumo a conquistar o que já diziam estar no colo  
O diploma  
O tão sonhado diploma

este que não é a cria  
mas a realização de um sonho de estudante que sou  
E que nenhum opressor poderá sentir o prazer que é receber o que a estudante receberá. Seu diploma.

Ser mãe é assumir os fazeres, prazeres e desejos da mulher que nunca deixou de ser. Que se multiplicou  
que carrega no sling o motivo de suas diversas inspirações e que a fez ser mais forte do que até mesmo ela imagina.

Ela ... Eu... Mulher.

Certa vez uma mulher disse: “Ela não é pra você meu filho... Ela é feia e se veste esquisito... Ela já tem filho”

Eu respondi: Eu sou artista

Possuo um corpo que se move fora dos padrões sociais

Eu crio meu padrão... e somente o meu.

Isso assusta quem não consegue se livrar do que a sociedade impõe

Isso me faz ser especial...

Forte...

livre...

A sensação de ser livre é a melhor

Eu percorro sabendo que opressões vão chegar a qualquer momento

Mas a minha liberdade usa a dor e a coloca pra fora

E tudo que não é bem vindo no meu ser livre se vai;

E então eu flutuo no prazer de vencer a dor e o opressor

Continuo...

Ninguém para uma mulher livre de corpo e mente.

Liberdade

Ela me faz pensar que meu filho entenderá e respeitará uma mulher.

Essa é a minha sina

fazer da minha cria, motivo de orgulho e mudança;

A pessoa que respeita o mover de outras pessoas

Quanto a mim;

Mulher que tem ousadia de seguir a vida em euforia

euforia de criança ao brincar

comer

cantar

sorrir

amar  
vestir  
comprar  
criança que é conduzida pela responsável solo.  
Mãe solo.  
Mãe que vive em conjunto com outros seres;  
Seres que compreendem o seu fazer, que se transformam em necessidades contínuas;  
Seres que não compreendem o seu fazer e bloqueiam suas necessidades contínuas; O que fazer quando conselheiros pretensiosamente cruéis interferem na forma como conduz sua cria?  
Quando não dão o que  
vestir  
Calçar  
beber  
comer  
Quando não educam  
Quando aparecem só pra dizer o que se deve ou não fazer e somem;  
Quando não se posicionam de forma a contribuir com o processo de crescimento da mesma,  
E no final alguns ousam dizer: “Mas é tu que é a mãe”.  
Mãe que mesmo sendo solo continua sendo mulher  
Mãe que não vive sozinha; que precisou de um conjunto de apoios para continuar;  
Mãe que não luta somente porque é forte mas também porque é preciso.  
Que no final de tudo é exemplo de força, vivendo sem interesse de ser.  
Aos educadores sem vivência de plantão não se metam na imensidão do criar de uma mãe, a não ser que façam algo para contribuir e não para oprimir.

## Quarentena

Período de decisões e incertezas no meio de certezas tão cruéis. Não posso sair de casa,

Ponho em risco a todos,

Olho na geladeira e só encontro água,

Vou ao banheiro e encontro água,

chego na cama e dos meus olhos jorram lágrimas

meu filho olha... E diz: Você está dodói mamãe?"

Me olho no espelho e digo: Acho mesmo que vou ficar quieta.

E então comecei a gritar dentro da prisão

O meu grito correu de seis horas da manhã até uma hora da manhã do dia seguinte.

Entre linhas, agulhas botões e máquinas de costura;

A máquina costura minha alma todos os dias,

A vida rasga o coração que pulsa e é necessário que eu me reconstrua para um bem melhor.

As linhas firmam as cicatrizes que na vida adquiri e que preciso agora mais ainda reforçar. Os botões ativam os meus mais insanos desejos me permitindo ficar onde almejo.

Olho pra minha cria, me desejando, escalando até meu seio e se aconchegando da melhor forma no meu colo;

Um colo que puxa as costas e curvam a coluna e que, em segundo, expulsa a cria para poder continuar com a luta do dia, uma luta aparentemente eterna e que muito sustenta a todos; A cria chora, puxa, implora...

Eu a carrego, choro, sento e em segundos ela sai correndo pedindo que eu a siga;

O corpo segue e a mente fica nas encomendas que logo chamarão seus donos a meu encontro e será que estará pronto ou com simpatia pedirei que retorne ao meu encontro? Que sorte tenho eu que me ponho a costurar e logo me chamaram para a cria limpar e enquanto isso o tempo vai indo;

Já limpou ele?

Já deu banho?

Já arrumou o quarto?

Tem que dar o remédio!

Essa criança vai morrer sob esses cuidados que você dá

Ei ele quer fazer cocô  
Ei... ele quer fazer xixi  
Ele está com fome, tu não vai fazer o leite dele?  
Tem que desmamar  
Tem que desfraldar  
Tu não é mãe de verdade  
Enquanto isso as costuras vão sendo remendadas e o sustento de todos firmados e a cada intromissão meus pensamentos levados à extrema loucura. O que faz uma costureira que trabalha no seu lar, será o ideal viver e trabalhar no mesmo lugar?  
Onde tudo se faz e o que se cativa é mais fazer!  
Onde o trabalho puxa a responsabilidade e a responsabilidade puxa o trabalho que se fundem na realidade do “Sozinha eu não dou conta de tudo” e se chocam com a firmeza de “ Sozinha eu não dou conta de tudo mas vou lutar por tudo”.  
Pisco e vejo a cria se transformando a cada dia;  
Se posicionando diferente de outros dias em que a submissão possuía ousadia.  
A culpa é somente tua, a cria é tua.  
De repente paro e começo a me imaginar como cria, na família que amo e chamo de minha, irmãos, irmãs, pai, mãe, avô, avó, tios e tias.  
O machismo grita em meus ouvidos desde pequenina e só agora eu ouvira brado tão cruel e doloroso de sentir;  
Abro minha boca contra e o que sinto é dor, dor no coração por ter que ser firme  
Por ter que dizer “Chega”.  
Por pedir socorro,  
e por simplesmente chorar.  
Dói chorar, quando até o choro é condenado.  
Mas no meio de tudo  
Está o riso sem interesse de uma criança que vive, Um viver de brincadeiras  
birras  
alegrias infundáveis  
misuras  
memes

comida de terra  
carro na passarela  
que brinca com boneco e boneca  
que desde tão pequenino já aprende como respeitar uma menina, como ela quiser ser.

A cria que com seu sorriso e simpatia me dá motivos de alegria e em euforia eu termino o dia, pensando que no amanhã virá um novo dia, que dia será esse? Não sabemos mas sabemos que ele virá.

Tem dias e dias,  
dias em que carrego o meu mundo com todas as forças que eu possuo e dias em que minha cria me puxa com todas as forças que ela possui. Além de condenações...

Ser mãe é viver em contínua mudança por si e por sua cria.

O que sou hoje posso não ser amanhã...

Metamorfose em contínua existência...

Um espaço cheio de mistérios...

Sou simplesmente um...

Sideral.

(Aqui professora)

E no meio de toda a incerteza, aparece alguém e pergunta: Você está com saudade de praticar teatro, não é?

E instantaneamente mergulho em minha memória buscando um fazer que adormecido estava em meu coração diante de tanta luta.

E penso...

Existir em cena e reexistir na vida, respondo: A arte é também o que me faz viver e desfrutar dos meus mais profundos e insanos desejos, a saudade dos palcos e das salas é inevitável, daquele fazer teatral que a cada processo faz o meu corpo se modificar e se reconstruir sempre.

Volto a pensar... Concluo que: No meio de toda a incerteza e de toda a guerra, eu fazia teatro e continuo fazendo teatro.

Quando meu filho birra e eu me transformo na amiguinha dele que o convida pra comer ou dançar;

Quando invento uma disputa de corrida da sala até a cozinha e meu corpo vai todo mole e aparentemente cansado para que ele se realize ganhando a corrida;

Quando de repente ele chora e eu modifico minha face e choro junto;

Quando vou arrumar a casa, minha voz faz com que eu revele um corpo

diferente;

Uma voz de criança, um corpo de criança;

Uma voz de idosa, um corpo de idosa.

E vem as pausas e tenho que me conformar em estar na coxia, sinto meu corpo fervendo, nervoso, dou passos, da direita para a esquerda, respiro, espero ansiosamente pelo momento em que retornei ao centro do palco, dou os primeiros passos, coração acelera, entrego minha voz, meu corpo, minha postura, meus sentimentos, minha razão, para o fazer teatral que todos os dias me cativa.

Então observo o essencial da vida;

enxergo onde não se podem ver

E penso: O que seriam de fato as janelas da alma?

Acredito que são janelas conectadas ao coração, que sente, vê, sorri, chora, se alegra, se exalta, se teatraliza a cada pulsar.

A primeira vez que entrei em cena fiquei tão nervosa, mas era um prazer imenso estar ali, sendo uma filha rebelde e mostrando a todos como não tratar suas mães.

O teatro era pra mim uma deliciosa diversão  
Não sabia se estava certo, nunca tive professor de teatro até conhecer o  
Emaús  
Eu só vivi;  
a filha rebelde  
a mulher espancada pelo marido  
maria mãe de Jesus  
UFPA  
Geni, maravilhosa Geni...  
Manifesto Pauta Negra  
Iluminação  
Dramaturgia  
trajetórias do ser  
Clown  
Ensaios  
tentativas  
renúncias  
vivi e continuo vivendo e me encontrando na arte que me acalenta e me  
faz sentir o prazer em viver e então me ponho a cantar  
Cantar é a minha paixão;  
O canto me empodera  
As músicas exploram meus pensamentos  
Os vibratos e melismas dignos de Whitney Houston me conquistam  
Notas ecoam em meu coração e são liberadas para outros corações  
Que me parabenizam com risos e aplausos ao final de cada canção  
Receber aplausos é a certeza de ter conquistado corações  
Receber elogios é a certeza de ter conquistado um coração  
Receber críticas é a certeza de ter conquistado.  
Me sinto como uma pessoinha recebendo o primeiro presente de sua vida  
E todas às vezes que subo ao palco me sinto nervosa.  
Durante a apresentação me familiarizo com a plateia  
e ao final meu corpo arde em contentamento  
E quando não consigo cantar, eu componho;  
quando não consigo compor, eu atuo, escrevo contos, poemas ou narrati-  
vas, dramaturgias, e quando  
tudo se quieta, eu danço...  
Meus movimentos expressam tudo que desejo dizer no exato momento  
em que me confundo, braços para o alto, o mais alto que posso alcançar,

pernas soltas, percorro o espaço que delimito palco, possuo esse espaço com meu corpo em movimento contínuo, um movimento que acelera e desacelera, que sobe e desce, que pula, para, respira, continua e então descansa.



# ISABELLA VALENTINA



Isabella Valentina tem 27 anos. É atriz, make, visagista, figurinista e professora formada pela Escola de Teatro e Dança da Ufpa (Etdufpa). Fez um trabalho importante de projeto de pesquisa de conclusão do curso de Licenciatura em Teatro intitulado “TRANSBELLA: uma cartografia poética de um corpo em transformação”, em que narra a sua vivência de uma mulher transexual trazendo e abordando teóricos para a sua poética como, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Judith Butler, dentre outros. Essa performance foi apresentada em várias ocasiões, sendo em uma delas, no Conselho Regional de Psicologia do Pará e Amapá, em alusão ao dia da Visibilidade Trans. Como atriz, Isabella fez os espetáculos “Quem me leva aos meus fantasmas?”, “Casa das Madalenas”, “Zeca de uma cesta só” e os “Fuzis da Senhora Carrar”, além do Auto do Círio, teatro de rua onde artistas da cidade seguem em um grande cortejo pelo centro histórico de Belém em homenagem à Nossa Senhora de Nazaré, realizado em outubro, dois dias antes do Círio, sendo esta considerada a maior procissão religiosa do mundo. Já como figurinista, Isabella assinou figurinos das peças “O homem e o cavalo” e os “Fuzis da Senhora Carrar”, trabalhados e confeccionados em coletivo.

Atualmente faz parte do grupo teatral “Drama Rasgado” e é aluna do Curso Técnico em Teatro da Etdufpa.

## Potência poética de uma (trans)formação

Quando o teatro me atravessa a vida, ele também atravessa o meu corpo, tornando-me um *devir-mulher-trans*. A performance me fez descobrir que a persona de um corpo biologicamente masculino existia numa outra que estava presa nesse corpo, cheia de normatizações impostas sobre ele.

A transexualidade nasceu a partir desse momento. A relação que eu tenho com o teatro é de transformações atravessadas no corpo. Ele não é mais construído como sendo algo concreto, sólido, com normas heteronormativas. Ele agora é (des)construído com o meu tornar-se a cada dia, sem padrões. É uma mulher com gogó, com a voz grossa e com um pênis entre as pernas, não aceita em muitos espaços sociais. Mas o teatro é o lugar onde me senti em casa. Fui abraçada, me deu as boas-vindas. Foi nesse mar de multiplicidades que eu mergulhei afundo. Descobri coisas que jamais achei que poderia existir e muito menos que eu pudesse conseguir fazer.

Eu tenho um grande conflito com o meu corpo. Busco adequá-lo à minha condição, mas percebo que, além de lento e doloroso esse processo, acabo indo para um caminho de certa forma padrão, na busca por esse corpo ideal. É então que o teatro me faz desapegar de certas vaidades, me aceitando naquela condição e naquele corpo que estou inserida. Eu ainda busco a transgenitalização, porém sem ficar neurótica todo o dia por ter um pênis entre minhas pernas.

O teatro fez eu me aceitar e aceitar o corpo que carrego, mas ele sempre me faz lembrar dele negativamente, os incômodos que eu sinto em jogar o falo para trás e prender com o esparadrapo, usando uma calcinha apertada para não escapular. Uma dor e o receio principalmente nas aulas práticas de teatro. Com o tempo as roupas largas e os vestidos evitavam eu fazer aquilo, para não me sentir mais incomodada, mais uma libertação, mais um desprendimento.

Uma das dádivas que o teatro me oferece é a possibilidade de ser várias pessoas, com várias características, sentimentos. É a desconstrução do 'eu' para um personagem. O bom disso tudo são as descobertas e o que eu sinto em comum com esses personagens. Descubro a possibilidade de ir além do que jamais imaginaria conseguir. Descubro novos gostos, novas

características, novos sentimentos. É um tornar-se ser humano melhor, tendo o cuidado de si e do próximo. Carrego em mim parte desses personagens que dei vida.

A personagem **Valentina** precisou mostrar minhas dores e quem são os meus fantasmas. Me levou ao inferno como um anjo decaído, mas me trouxe de volta à glória feito uma Nossa Senhora, cheia de graça.

A personagem **Valerie** me fez ter prazeres. Pude gozar a necessidade de ser ouvida. Uma personagem prostituta que me ajudou a enfrentar noites frias e violentas de solidão. Me encorajou, me fez ignorar e me proteger de olhares e falas preconceituosas e assediosas. Ela me tornou uma mulher forte, valente a enfrentar o sistema, a enxergar a vida como ela é. Com ela eu me deito, com ela eu me levanto e com ela eu carrego minh'alma.

Com a personagem **Manuela** eu aprendi a lutar. Lutar para sobreviver. Meu cotidiano é uma batalha que enfrento a cada dia. Quando vejo o pôr-do-sol, agradeço por mais um dia de vitória. Quando acordo e o vejo nascer novamente é mais um dia para lutar, minhas forças são renovadas.

Minhas personagens hoje me dão vida para poder continuar nesse destino TRANSformador. Personagens que são construídos a partir de minhas vivências, da minha visão de mundo, de gestos observados da mulher da vida que sai na calada da noite para ter o seu sustento. Da mulher guerreira que vai à luta para a proteção de quem ama. E da mulher trans que simplesmente quer ser reconhecida e aceita como ela é.

Quando vou interpretar a **Maria**, eu me dispo da Maria que eu sou para vestir as outras Marias, as guardo em meu guarda roupa pois um dia vou precisar encontrá-las novamente.

## Transbella

Certo dia despertei-me com a certeza de que aquele dia seria um grande dia. Foi um dia de adeus, um dia de morte para um corpo, um nome, uma condição da biologia. Porém nesse dia fúnebre, também era um dia de festa, pois a morte fez (re)nascer uma outra pessoa, que na verdade sempre existira dentro de mim. Essa pessoa ficou presa durante vinte e um anos por causa de um padrão heteronormativo que era imposto, cheio de regras enquadradas, enraizadas, preconceituosas, discriminatórias. Senti medo da liberdade, pois se saísse da gaiola para voar eu poderia ser atingida por uma pedra. Pedradas de exclusão, pedradas de ódio que me machucaram psicologicamente e fisicamente. Porém mesmo ainda presa na gaiola eu grito: “SOU GAY!”. Isso foi o bastante pois mesmo estando presa na gaiola, os apedrejamentos começaram naquele instante.

“Viado”, “doente”, “fala grosso”, “maricona”.

Isso me fez perder as asas, foi então que vivi numa espécie de solidão total. Não tinha mais perspectiva de vida, achava que iria morrer ali naquela solidão por conta da violência verbal que vinha sofrendo.



Foto do Filme "Ser uma Pessoa Trans" - Direção Allyster Fagundes.

O espelho sempre foi um refúgio para mim pois na frente dele eu me maquiava, dançava e cantava achando que era uma diva pop. Porém, num certo momento, eu começara a me afastar desse espelho pois já não tinha esse complexo de narcisismo, me achava estranha, diferente, é como se eu não reconhecesse a pessoa que estava sendo refletida ali.

Eu realmente não me via mais naquele corpo, naquela aparência. Foi então que peguei escondido o vestido e o salto alto, vesti e calcei sapato, aquele momento serviu de alívio, me senti quase completa, mas ainda havia um corpo, e nele tinha pelos, e saía uma voz meio grossa, habitava ali um gogó protuberante e um órgão entre as minhas pernas que não me agradara naquele momento.

Vivi certo tempo com essa angústia, quando (Rafael) estava nos poucos dias de vida padrão cis-heteronormativo, abre-se o mundo, a porta da gaiola é destrancada, vejo a luz das possibilidades. Recuperando ainda minhas asas por conta das pedradas, saio e logo pouso num lugar chamado TEATRO.

Descubro um novo mundo, a diversidade e a pluralidade se encontram ali. Foi tão bom estar ali e não ser bombardeada de olhares preconceituosos, nenhum sequer.

Com o passar do tempo fui me recuperando por estar ali. Mesmo estando bem, o dia de minha apresentação/transformação estava próximo pois precisara deixar para trás o nome que tive e seus momentos já não me pertenciam mais, por conta dos 'valores cis' que foram introduzidos nele. E nada melhor que "morrer" performando.

**Quando certo garoto que achava que era homossexual e usava roupas unissex, um estilo meio andrógino, que tinha medo e se escondia num padrão para não ser violentado, ele fecha os seus olhos e diz “adeus Rafael Conceição Barros” e desfalece.**

*(Pausa.)*

**Ecoa-se um grito, bem forte, os olhos se abrem novamente, o (re)nascimento acontece. Ao invés de chorar como fazem os bebês quando nascem, vem um sorriso de liberdade. As asas se abrem para voar, porém antes de voar, digo ao mundo quem realmente sou e como realmente me chamo: “Muito prazer eu me chamo Isabella Valentina Conceição Barros e sou uma mulher transexual”.**

A partir daquele momento, cicatrizo as minhas memórias, o meu corpo e a minha vida que carregara antes da Isabella surgir.

Começo a voar sem medo, vou sonhando com a onda que está longe. Hoje e para sempre não me permito calar e ter medo do preconceito. Encaro e luto como uma ‘Valentina’, guerreira e valente. Vou contra toda a homofobia, transfobia, racismo e tudo quanto é tipo de exclusão com as minorias pois, na verdade, somos a maioria e juntos somamos forças contra todo o sistema.

Agora, segura de si, começa um processo tão aguardado, a hormonização. Processo esse muito doloroso mas, ao mesmo tempo, delicioso. Essa é a mistura que sinto em meu corpo quando tomo bloqueadores hormonais, a dor e a delícia de ser quem sou.

Não é um processo rápido, pelo contrário, é muito lento, e a cada dia a ansiedade toma conta em querer ver e perceber logo as mudanças.

Quanta angústia.

De repente uma certa dilatação e uma dor no bico do peito ao vestir o sutiã, percebe-se a transformação. A felicidade é tão grande que já nem me importo mais com a dor. Mais adiante o corpo começa a ganhar gorduras e o destino não é só a barriga. Ele vai para os quadris que ficam um pouco avantajados, parece que cheguei na adolescência mais uma vez. Desta vez como Isabella. Os seios pequenos e bicudos em fase de crescimento, a pele fina, a voz automaticamente muda com a mudança, os cabelos crescem. Corpo de menininha.

Nesse corpo ainda existira um pênis, contudo aquilo já nem me incomodava. Com toda a mudança que vinha acontecendo. Era um mero detalhe que mais pra frente poderia resolver. E é o meu corpo hoje. Levo numa boa. Visto uma roupa e tenho que jogar para trás, colar com um esparadrapo, vestir uma calcinha apertada, pra ele ficar invisível aos meus olhos naquele momento.

O incômodo e a dor são grandes mas com o tempo acostuma, assim como todo o tipo de dor que suportamos por ser quem somos.

Denomino a fase hormonal uma (des)construção inacabada, uso o termo ‘des’ para fugir do padrão, pois nunca vamos estar completos enquanto corpo e enquanto pessoas trans, estaremos sempre em TRANSformações e TRANSições.

Além de “*Queer*” somos “*Devir*”.

**A cada dia nos tornamos, seja de estética, de pensamentos, de desejos, de opiniões e entre outros. Sermos pessoas (des)construídas é libertador.**

Uma parte dolorosa da transição é um novo tipo de pré-conceito. O xingamento que sofrera antes se transforma em assédio. O corpo não é mais visto para os heteronormativos como um corpo andrógino. A metralhadora de olhares que se recebe agora é de que sou um objeto sexual para eles.

Dói, dói tanto quanto os xingamentos de antes: “bicha”, “viadinho”, agora transformados em “gostosa”, “delícia”, “eu beijava”, “quero te pegar”.

Para quem é LGBTQIA+ o preconceito nunca acaba. Contudo hoje eu enfrento, graças ao Teatro, lugar que me deu força, que me faz acreditar num amanhã melhor. O teatro é o lugar onde eu me desconstruo dos padrões, me desapega de certas vaidades com o meu corpo, me liberta e me transforma a cada dia, seja por um personagem, ou simplesmente por eu estar inserida nele. É um espaço de afetos, de atravessamentos, de conexões rizomáticas e de devires.

Com ele eu me fortaleço todos os dias para enfrentar a sociedade enquadrada, machista, normativa, cheio de valores disfarçados.

**Meu corpo trans hoje é um ato político, sobrevivo com vida e a arte sempre me dá mais uma.**

Com o país que mais mata travestis e transexuais saio de casa na fé e na incerteza se voltarei. Vivo a cada dia como se fosse o última, intensamente.

O meu corpo também é arte, respira arte. Hoje ele clama por mim e pelas minhas manas trans, para que tenhamos paz. Paz ao sair na rua, paz em casa, paz na vida.

Pare de nos insultar, pare de nos discriminar, pare de nos julgar, pare de nos culpar, pare de nos matar.

PARE, PARE E PARE.

Pare e nos deixe em paz.



## MARYA CLARA



Sou Mac Silva, estudante de Licenciatura em Teatro na UFPA, jovem bissexual não-binária. Atuo em Ananindeua nos setores culturais como artista e performer. Integrante do Projeto Social de Teatro e Dança Sant'arte e do Grupo Experimental de Teatro Resistência Preta. 23 anos.

## 1.

Sob uma luz vermelha começo a despir meus pensamentos.  
Escrevo porque descrevo o dia,  
A hora;  
O lugar;  
De onde emanava luz.  
Um espelho à minha frente reflete o cansaço (força), mas a beleza do silêncio corporal.  
Silêncio pandêmico  
Corpo astral e amostral  
Corpo que gritava e clamava CHEGA!  
CHEGA de dor, chega até cansar...  
Será que meu grito foi tão exagerado que chegou a silenciar mais de um milhão?  
Dentro do recanto, acima das vistas periféricas,  
Num rito de passagem  
Resolvo mudar a imagem parda.  
Precisamente usada na branquitude,  
Sem atitude,  
Formada um caos na pele.

## 2.

(SEM) Contato

Minhas experiências teatrais sempre foram através de uma base: contato.

Contato visual, físico, astral...

Todo conectadx me tirava ou me dava uma energia.

Energia essa, forte ou não, me alcançava êxtase nesse impacto artístico.

Uma arte elétrica e estimulante

Num instante caiu...

Fugiu...

Não sei onde está.

Uma ação logo que viral, me arrastou.

Me fez estar dentro

Ser dentro

Polarizada

(des)conectada

Prisioneira instável...

### 3.

Não sinto nada e ao mesmo tempo sinto muito.  
Meu corpo é um palco vazio, a platéia se foi  
Os aplausos cessaram, a luz se apagou  
A coxia está silenciosa, sem cor, sem brilho.

Meu olhar está longe da magia do "sentir" teatral.  
Eu quero voltar a sonhar, a imaginar, estar no meu mundo.  
Preciso voltar a respirar o amor em cima de um palco

Experiência teatral mostrada no hábito de não fazer teatro.  
Um andar meu se torna teatro  
E assim chegar a sentir... Mas não sinto.

## TERTULIANA LOPES



Tertuliana Lopes tem 47 anos. Nasceu em Manaus, no Amazonas. Formada em Administração e Atuação. Foi aluna da ETDUFPA e participou dos espetáculos Manifesto Pauta Negra, 2018; A Casa de Bernarda Alba, 2018; Paixão de Cristo de Canudos, 2019 e Arauandê, 2019.

## O que é teatro para mim?

**É** o meu refúgio, uma anestesia, uma cura... Preciso atuar para alimentar a minha alma, o teatro me comunica e me expressa, gritar o que está no meu corpo preso. Quero e sinto que quando estudo um personagem preciso fazer esse ser nascer com a sua própria personalidade. Não sou mais a mesma, a arte me sugou de várias maneiras que o meu corpo quer respostas, e com isso, fico ainda mais sensível, provocadora. Me atravessa e proporciona uma cura de uma depressão que me deixou muito desanimada e sem caminhos para o meu presente e futuro. Agora que sei dessa depressão, a arte pode me ajudar a não ficar frustrada, estou aqui nessa pandemia mais confiante e determinada em viver, sonhar e tolerar todas as dificuldades que uma negra sente no seu dia a dia. E com certeza a arte vai me guiar para muitos mundos que quero conhecer e explorar. Tenho observado na minha vida quando iniciei ser artista, não conhecer mesmo esse mundo totalmente.

Nesse momento, estava finalizando uma disciplina e não pensei que poderia ofender os meus irmãos negros e a história dos nossos ancestrais, parecia que estava rindo de tudo que aconteceu de trágico e humilhante.

Essa disciplina tinha um nome “MAIS PROFUNDO É A PELE”, do poeta Paul Valéry. Essa frase surgiu quando o professor nos indicou que iríamos fazer uma performance, lembrei de muitas sensações e experiências que podia fazer, com a capoeira e a dança. Mas deparei que deveria ser em grupo, me senti muito desprezada e sozinha e aí sim, senti na pele como uma negra gorda e mais velha em um curso de teatro foi deixada de lado, acreditar que não deveria estar nesse lugar de fato que é a arte. Então o meu professor indicou dois alunos que estavam sem grupo e iniciei os ensaios com os meus colegas com muito entusiasmo e gratidão. Essa performance para mim tornou-se uma experiência marcante de aprendizado.

A arte me ensinou uma expressão que nunca ouvi nas aulas de história. BLACK FACE. Fui avisada antes da performance e não me dei conta como os meus irmãos negros iriam se sentir assistindo dois homens brancos com o rosto pintado de preto e uma mulher negra com o rosto pintado de branco.

Em minha concepção não estava ofendendo ninguém e sim finalizando uma disciplina que nenhum colega queria que eu participasse em seus

grupos, porque não iria combinar ou não estaria no perfil da coreografia que eles estavam montando.

Foi uma das repercussões que me fez sentir suja e muito arrependida de ter feito. Quando visualizei nas redes sociais comentários negativos e humilhantes, pensei muito em não continuar o curso. Agradeço a muitos colegas por me incentivar em continuar na escola e agradeço a todos os professores em ter paciência em me ajudar nos espetáculos que tínhamos de apresentar.

Nunca pensei que a arte me deixaria essas marcas tão profundas na minha pele que já tem tantas que se eu for contar passaria a minha vida toda escrevendo um livro.

Agradeço muito à arte de mudar a minha vida, em muitos aspectos como a autoestima, respeitar ainda mais as diferenças em todos os sentidos e ouvir ainda mais as pessoas, respeitar muito a história de cada um, conhecer o personagem e sentir como ele deve ser interpretado. Respeito todos os professores que me ajudaram a ser uma aluna mais apaixonada por essa instituição chamada ETDUFPA e pela forma como me ajudaram a superar esse trauma.

Quando participei dos Espetáculos A CASA DE BERNARDA ALBA com a personagem Maria Josefa, que foi o meu primeiro impulso a estudar e conhecer essa mulher com muitas dores profundas e uma extrema solidão de sua família, me deparei com uma personagem capaz de passar para o público sensações e detalhes que até hoje os idosos passam com a falta de atenção de seus filhos. Essa personagem me deixou várias perguntas: como criar uma personalidade capaz de suprir a dramaturgia de uma mulher que apenas quer ser livre e amada, e não aceita como suas netas se comportam perante a sua mãe, Bernarda Alba? Sempre obedecendo e tolerando ordens que faz com que se sintam presas e amordaçadas por costumes que a avó não quer que elas aceitem sem nenhuma revolta. Essa é a CASA DE BERNARDA ALBA.

Entendi que o autor FEDERICO GARCÍA LORCA, a partir de suas travessias ao realismo, desenha seus textos na provocação de uma sensação de desconforto com comportamentos cotidianos das gerações dos anos 30 a 40. Senti, depois de ensaiar com a colega que interpretou a filha de Bernarda Alba, uma incorporação de emoções reprimidas. Meu corpo aceitou esse personagem como um grito de dores e mágoas que consegui superar em mim. Vida e teatro se misturam o tempo todo.



Espectáculo *A casa de Bernardo Alba* -  
Marivaldo Pascoal.



Espectáculo Manifesto *Pauta Negra*  
(2019) - Acervo Pessoal.

**Pauta Negra** fez uma grande mudança em minha vida como ser humano e mulher negra. Uma sensação que acreditei, sou atriz e quero sempre abrir os olhos de mulheres negras que estão desanimadas, desacreditadas em si mesmas e que precisam de vozes que gremem. Vamos lutar para realizar nossos sonhos. Somos sim negras e vamos mudar tudo que está ao nosso redor para viver com dignidade.



*Paixão de Cristo de Canudos* (2019) - Maria, mãe de Jesus negra, favelada, representando as mães que perdem os seus filhos pela violência do tráfico de drogas.  
Foto Acervo Pessoal.

FADA PÉROLA DO PÁSSARO JAPIIM. Aqui fui convidada a participar com muito carinho desse grupo maravilhoso. Ser uma fada negra, ter a oportunidade de extinguir estereótipos de sempre ser uma fada branca e magra. Foi outro desafio que me proporcionaram a fazer. E consegui! E ainda superei dores internas que me deixavam abalada. Senti que deveria ser forte e me jogar e arriscar e dizer a mim mesma que iria conseguir interpretar sem medo de ser julgada. Gostar de mim mesma como sou, gorda, mais velha e acreditar que vou ser uma atriz direta, emocionante e objetiva. Comecei a fazer outros projetos como filmes de curta metragem "TRAÇADO", de Rudyeri Nunes e "WEB SERIE 2020", que acreditaram em mim. Gratidão sempre! a todos que me ajudaram a superar essa depressão. Também ganhei um prêmio de melhor atriz, "Menção honrosa", em ter contribuído para o cinema amazônico. Essa premiação me deixou mais confiante e determinada. Quero ser uma atriz de propostas ativistas. Quero que a minha interpretação passe para o público como um ensinamento e esclarecimento que não tive quando era mais jovem. Sinto que perdi muito tempo, mas estou recuperando o tempo perdido. Quero que as novas gerações sintam como a arte muda tudo em seu corpo, em sua alma e sei que quando acabar essa pandemia, a arte vai ser mais esclarecedora, desafiadora e vai ajudar o ser humano a resgatar sua humanidade. Mudanças virão para ajudar ou modificar essa nova era.



Foto: Acervo Pessoal.

Viva a arte sempre. Não estando nos palcos e sim na vida real, estamos aprendendo e ganhando muito para podermos pensar no futuro. Agora como aluna em Licenciatura em Teatro e cursando o curso técnico em Cenografia na ETDUFPA 2021, estou ainda mais convicta que esse é o meu lugar de fato, que é a arte.

Viva a ARTE SEMPRE!

\*\*\*

## Poema negra linda

Negra linda, negra linda, Negraaaa!

Você tem tanto, tanta história pra contar,

Sua pele tem tanta história pra contar,

Sua pele que mostra como você é forte, como você é sensata e como é linda,

Tenta, tenta esclarecer os seus objetivos e ainda querem te rebaixar,

Negra, negra linda, você tem vários momentos e várias emoções que devem ser repartidas e devem ser escondidas.

Minha negra que tenha sempre em seu peito e em sua vida que você é um pessoa com todos os defeitos e suas manhas, e as suas tendências.

Mas não esqueça que você é linda, poderosa e sensata.

Que você sempre vai estar no coração de alguém que você gosta.

Minha negra sorria sempre, grite sempre, reclame sempre, mas você está sempre, sempre nesse momento de muita garra, muita força, muita paz.

Minha negra sonhe sempre, não deixe o sonho morrer, não deixe esse sonho desaparecer de sua alma. Porque você é um sonho, você é uma grande realidade.

Esse sonho você tem, você deve sonhar, você deve viver, você deve cantar para todo mundo ouvir que você é negra, negra, negra linda, negra lindaaa!

## RAPHA RODRIGUES



Belenense de nascimento, cametaense de coração. Tem 25 anos. Estudante de Licenciatura e do Curso Técnico em Teatro pela Universidade Federal do Pará. Foi integrante do grupo teatral Semear, da comunidade São Francisco de Assis, no município de Cametá, durante 2 anos, interpretando João Batista e o demônio da tentação no espetáculo “Paixão de Cristo”. É brincante do Cordão de Pássaro Junino Japiim desde 2019. É Graduado no Curso de Licenciatura em Ciências Naturais com habilitação em Biologia pela Universidade do Estado do Pará, tendo como pesquisa o ensino de ecologia de urubus em escola pública.

## A lua e o sol

Às vezes, observo a lua tentando iluminar  
Aquilo que o sol acabou de nos deixar como rastro  
Em pedaços, estilhaçado no horizonte do mar.

Observo também a magia do olhar  
Que mesmo sem se tocar  
É a forma mais pura do amor do sol e da lua

Um aviso para mim mesmo  
Ficar atento para que não pisque  
Para que veja seu abraço em forma de eclipse.

Para o sol busco contar a minha energia diária  
Para a lua, meus segredos noturnos  
Para que enfim, compartilhem durante o crepúsculo.

Frutos de uma lenda terrestre  
O amor há de reinar  
Seja num dia escaldante ou numa noite de luar.

## Amor em Vênus

Oi, Vênus  
Queria um conselho seu  
Sei, que você  
Valoriza o amor mais que ninguém

Sou, admirador  
Do amor que existe no universo  
Mas, meu amor  
Está acumulado, eu confesso

Acredite, sou igual a você

Venho aqui, representando muitos corações  
Transbordando de amores partidos  
Aqueles que não serão notados  
Amores não correspondidos

Ô sol, o amor pode estar do seu lado  
Só precisa ser notado  
E assim, num futuro talvez  
Mando embora a solidão de vez  
Que fez morada em meu coração  
Mas tá na hora da faxina  
Para poder arrumar a bagunça  
que você me fez

E mesmo que esta mensagem não chegue  
Vênus, obrigado mais uma vez.

Quero sentir o perfume  
Das flores de nossos campos  
Quero me deliciar  
Com os frutos de nossas florestas  
Que estão a gritar  
“Cuida-me, estou aqui a te esperar!”

Estou clamando.  
Que Deus, possa te/me favorecer

Apreciar as montanhas  
Que fazem parte de nossos biomas  
Lindas veredas  
Natureza e suas manhas.

## Qual é o meu futuro?

Um dia acordei  
Inconsciente, onde estou? Eu não sei  
Perdido, sem saber onde estou  
Você me aparece como um anjo  
Anjo das noites e dos dias  
Me afastando do mal, me trazendo alegria

Então este anjo me perguntou  
Se eu sabia o que era o amor  
Mas nem mesmo o seu significado eu sei  
Então, fez outra pergunta  
Sinceramente, qual seria o meu futuro?

Refrão:  
Aaahh, o meu futuro eu não sei  
Eu só sei que o meu presente é você! (2x)

Me sinto perdido  
Casa desmoronada  
Retalhos desconhecidos  
Largados ao chão

Poesia quebrada  
Cacos amolecidos  
Vidraças empoeiradas  
Jogadas ao chão

Mentes paralisadas  
Medos amortecidos  
Coragem enganada  
Escondida no chão

Portas riscadas  
Espelhos invasivos

Redes trincadas  
Que pertencem ao chão

Piadas emaranhadas  
Contos extintos  
Prosa esquecida  
Migalhas de chão

Relva desengonçada  
Brilhos omitidos  
Sonhos escancarados  
Mas enterrados no chão

Chão ensolarado  
Chão abatido  
Chão agoniado  
Cansado de ser chão.

## Poesia de fases

Meu corpo poético é dividido em fases  
A fase da calma é a primeira  
Lenta  
Lenta  
Como se estivesse apenas despertando  
Num fluxo que vai só aumentando

É nesta fase que o pensamento se cria  
O articulado e perigoso pensamento  
Que cria  
Recria

Múltiplas possibilidades corpos-pensantes  
Que outrora deixam de pensar

A segunda fase do meu corpo poético  
Pulsa da rebeldia despertada  
Aborrece  
Aborrece  
Grita até não poder gritar mais  
Uma sonoridade sonorizante

A fase 3 é tipo uma paralisia poética  
Não sente nada, pura anestesia  
Sem dor  
Com dor  
É uma pausa muscular-cerebral  
Que prepara para a dor real

A dor real se encontra na fase 4  
A fase de muita energia  
Energiza  
Energiza  
Até sentir a poética trêmula do corpo  
Que acumulado acende a lâmpada da ideia

Após a energia, muito vale a calma  
Num fluxo circuito de paralisia e rebeldia  
Que vai  
E volta  
Numa escrita de controversos  
Onde a caneta é o corpo e a partitura, seus versos.

## A vida é um processo

E é nessa perspectiva que nasce minha criação

Criar é um processo que necessita vivenciar.

Vivenciar seja pelo corpo,

seja pela voz,

pela escrita,

pelo pensar,

pela dor,

pela alegria.

Recriar é um processo que precisa revivenciar a vivência já vivida,

seja pelo corpo,

seja pela voz,

pela escrita,

pelo pensar,

pela dor,

pela alegria.

Pensar nesse processo que recria a ideia de criar é que surgiu as vozes de

numa ideia transcorporal, transteatral,

transperformático,

translúcido,

transparente.

Vozes que atravessam o tempo-espaco da arte, é o começo e o fim.

É Alpha e Ômega.

É a criação do impossível.

É o silêncio que pode ser ouvido.

É liberdade e prisão.

É dualidade ou não.



## BELLA DUARTE



Laís Benedita Duarte de Oliveira. 24 anos. Estudante do Curso de Licenciatura em Teatro na Escola de Teatro e Dança da UFPA, participou do grupo teatral GRUTEMA (Grupo de Teatro do Marajó, 2013-2018), trabalhou como monitora de teatro na escola Prof. Antônia Tavares (2014-2015), no município de Soure-Pará, participou do GTU (Grupo de Teatro Universitário, 2019) e atualmente é brincante no grupo de Pássaro Junino Japiim Novas Asas. Fez cursos e oficinas na área do teatro no Centro Cultural Atores em Cena-CCAC (2020), foi facilitadora da oficina de teatro para adolescentes do Espaço Cultural Nossa Biblioteca, em 2019. Além disso, possui Graduação em Ciências Biológicas pela UFPA- Campus Soure.

## Caixa de vidro

Ainda lembro de como eu era naquele teatro  
Mas não consigo ver como eu sou  
A minha volta, tudo parece cinza  
E sem valor

O corpo enfraquece  
A cabeça pesa  
Fica difícil respirar

A tristeza me assola  
E a dor me consome  
Só consigo chorar

Olho para a estante...  
E vejo uma caixa de vidro  
Nela estão guardados o passado

O sonho que não vivi  
Os amores que não tive  
As piadas que não ri  
Os lugares que não visitei  
A vida que não construí

Como posso viver assim?  
Me dizem para tentar novamente  
Mas já não tenho forças para isso  
Um dia era jovem e achava que podia conquistar o mundo

Não sei, mas me parece ridícula a ideia  
De ficar tentando, tentando e tentando...  
Não se pode insistir no que não está dando certo

Ou pode?  
Tenho dúvidas e inseguranças

Não sou mais uma jovem de 20 anos  
E a realidade é cruel  
Nos mostra que o real é diferente do que idealizamos  
Então para que sonhar?  
Se torna um “bolo” de sonho não realizados

Trago uma dor no peito  
Em pensar que poderia ter sido diferente  
E se eu tivesse tentado?  
E se eu insistisse mais um pouco?  
Teria mudado algo?

Escolhas são algo difícil de fazer  
Em uma decisão você muda sua vida toda  
E o futuro, quem pode prever?  
Prefiro ficar no que é mais cômodo  
Não me arriscar muito  
O jogo cauteloso também é válido

Fico feliz por quem persiste e consegue  
Mais isso não é para mim  
Ou é?  
Será que nuca é tarde mesmo?  
Será que devo levantar dessa cama e lutar?  
Não! Já não faz mais sentido  
O que vão dizer?  
O mesmo que digo aos outros...  
“Que não são nada, que não construíram nada”!  
Mas, espero que alguém tente e consiga  
É tão bom se sentir representado  
As pessoas querem histórias de superação

Mas não é o meu caso  
Não consigo superar meus medos e traumas  
Como vou seguir em frente assim?  
Não é melhor ficar onde estou

Deixe que tentem por mim  
Que falem por mim  
Que escolham por mim  
Pois quando não lutamos  
Quando não ocupamos nosso lugar  
E não fazemos a nossa voz ser ouvida entre a multidão  
As pessoas decidem pela gente

Agora deitada nessa cama  
Escolho dar o meu último suspiro  
Adeus que um dia...poderia ter sido...e não foi!  
É melhor partir do que viver nesse NADA  
Num nada chamado solidão!

## Meu lugar!

Ainda posso ver você naquele lugar do palco  
Com seus lindos cabelos brancos  
O tempo passa, mas você ainda está a mesma  
As inseguranças, medos e incertezas ficaram para trás  
Estamos construindo o novo a cada dia

Você voltaria para a velha casa?  
O quarto ainda está intacto, do jeito que você deixou  
Sei que os momentos felizes não apagaram a dor  
Mas vamos deixar as cicatrizes com o tempo  
Ele cura as feridas e nos ensina seguir em frente

Ainda vejo os olhares a duvidar de ti  
Posso ver os risos que te desconcertavam  
As vozes que te diminuíram  
Elas já não ecoam tão alto  
Eu sei que quando somos jovens  
Acham que não sabemos nada sobre a vida  
E é bom saber que todas as opiniões adversas  
Estavam erradas!

As críticas e dor vão te acompanhar aonde você for  
Mas você as transformará em bolhas de sabão  
Como nas brincadeiras de sábado  
Porque tudo acabará em riso  
E os arranhões serão curados  
Com melhor afeto que pode dar a si mesma

Sei que um dia tudo isso pareceu loucura  
Mas sonho, ilusão, o que é?  
Não se romper as correntes...  
Sem ser um pouco louco, sabia disso?  
É do mesmo lugar que a loucura, que saem nossos sonhos  
E não podemos deixá-los apenas preso em nossas mentes  
Como saber o que nos espera do outro lado da montanha?

Sabe aquela música que você disse que ouvia?  
Também ouço e digo vai ficar tudo bem  
Ela me ajuda a superar o emaranhado de tristeza que há  
Quando preciso de um porto seguro  
São através de tuas cifras que volto para o meu interior  
E penso cheguei até aqui  
Atravessei o fogo como a fênix

Morri e renasci tantas vezes

Cada uma de um jeito diferente  
Sempre quando impostar tua voz eles terão medo  
Porque é uma mulher que fala e não eles  
Querem que desista, porque não tentaram  
E sabem que vai conseguir provar que estavam errados

Eles não querem que caminhe  
Pois tem medo da tua jornada  
Ela vai mostrar o que é real  
Olha só onde você chegou  
Onde estão eles?  
Continuam com aquela opinião antiquada  
que não cabe mais hoje  
porque o hoje sempre se renova

Aquelas mãos no velho quadro negro ainda te assustam?  
Com aquela voz dizendo, bom!  
Caminhando entre falsidade e humilhações  
Há duas faces da moeda, como há duas versões da história  
São fantasmas que estão escondidos dentro do guarda-roupa  
Que se revelam em teus pesadelos  
Mas não há o que temer!  
Só se torna real quando acreditamos!

Chegamos a uma nova era  
Com nossos jeans rasgados  
Canetas no bolso e uma ideia na cabeça

Acreditavam que seria efêmero  
Mas viemos para ficar  
A vontade de vencer é mais vitalícia que um fio de aço

Lembra desse momento?  
Quando leram nossos nomes

A multidão foi à loucura  
As promessas que fazemos a nós mesmos  
Não podemos quebrar  
Vivemos muito tempo à margem  
Porém, agora é a hora!  
Vamos viver a magia que trouxemos em nossos corações

Nossas fotos, medalhas e troféus  
Fazem recordar uma época que não volta mais  
Mais ainda não é o fim, querida!  
A vida só acaba quando a cortina se fecha  
E ela ainda está aberta!

Sei que teus passos são lentos  
A pele está enrugada  
E a memória já não funciona como antes  
Mas a sensação de estar aqui ainda é a mesma  
De quando tínhamos 20 anos  
Posso estar velha agora  
Mas lembro de quando tinha 23  
Sempre fui feliz  
Se aqui eu estivesse!

## Partida

Preciso ir embora deste teatro!  
Já não caibo mais aqui  
Para que ficar?  
Não posso ficar onde não tenha liberdade  
Liberdade para ser quem sou...  
Para minhas escolhas  
Para vestir as roupas que gosto  
Para escutar músicas que me fazem rir e chorar

Chega de mascarar a verdade  
De fantasiar que vai ser diferente  
De dizer às pessoas que está tudo bem  
Quando não está!  
CHEGA!  
Não vai mudar!  
Agora sei como um pássaro se sente preso na gaiola

Só quero pegar meu carro e sair por aí, sem direção  
Sentir o vento no rosto  
Inventar passos de dança sob a luz da lua  
Tocar meu velho violão!  
Mas não posso viver assim  
E é isso que me faz partir

Preciso voar para longe  
Onde não possam me alcançar  
Onde minhas asas não sejam cortadas  
Não posso continuar machucada  
E estou ferida por não ser livre

Preciso ir!  
Me reconhecer  
Me entender  
Me desconstruir

Me reconstruir  
Se eu te falasse isso, você entenderia?

Não é sendo presa que vou querer ficar  
Mas é sendo livre que escolho aqui ou lá  
Porque a saudade é um bicho feroz  
Que quando bate na gente nos faz retornar  
Até para lugares que não devíamos voltar

Entenda que não é simplesmente porque quero ir  
É porque preciso partir, é chegada a hora  
Você irá sobreviver sem mim e eu sem você  
Mas se este for o meu ninho eu irei voltar um dia

Quando é o nosso lugar de verdade o coração diz  
A ausência é boa  
Ajuda a gente a entender quem é importante na nossa vida  
Mas agora eu quero ir  
Sem despedidas, é melhor!  
Elas podem me fazer desistir  
E não quero desistir de mim  
Não quero desistir de ser livre!

## Meu lugar!

Naveguei por mares distantes em busca de respostas, me debrucei no parapeito da janela e olhei ao longe, vi rostos, a maioria conhecidos e outros que nunca tinha visto. Era uma sensação estranha, era eu, mas era como se não fosse; era meu corpo, mas ele não era mais meu. Não eram meus sentimentos, mas podia sentir também, é confuso explicar! Só quem vive sente! E eu senti! Todos os sentimentos, felicidade, tristeza, força, cansaço, liberdade, medo.

Finalmente toquei o pé no chão e pude voltar, as cortinas estavam se fechando e o conto de fadas havia acabado. Retornei ao palco, os meus olhos lacrimejaram, mas da boca saiu um lindo sorriso e logo vieram os aplausos para consagrar aquele momento que não consigo descrever, fui tomada pela felicidade e tristeza ao mesmo tempo. Entrei para a coxia e ainda consegui ouvir o barulho da plateia saindo, olhei no espelho e respirei fundo, tinha sido uma boa apresentação, porém, era minha despedida!

Estar no palco era ótimo, a realização de um sonho, no entanto, o restaurante da esquina me esperava no dia seguinte, com um sorriso no rosto para atender os clientes, afinal era assim que eu pagava as minhas contas. Viver só de arte tinha se tornado insustentável, a “casa” quase nunca estava lotada, só iam uns amigos e parentes e eu já não tinha como me dedicar mais só nisso. Era hora de parar!

Cumprimentei a equipe e saí. Cheguei em casa cansada e ouvi umas vozes engraçadas, subi as escadas e vi que as luzes do meu quarto estavam acessas, era o meu irmão caçula que brincava com meus bonecos antigos, feito com canudinhos e retalhos de pano. Me convidou para brincar com ele, respondi que não, estava tarde e tudo o que eu queria era um bom banho e uma cama quentinha, mas ele insistiu tantas vezes e não pude resistir aquele olhar triste e chantagista.

Sentei no chão e brincamos, inventamos nossas histórias. Rodamos o Brasil em nossa caminhonete imaginária, vencemos batalhas difíceis contra plantas carnívoras gigantes, e quando nos demos conta já estava amanhecendo. Perdi a hora, nem dormi, já estava atrasada para o trabalho. Enquanto tomava banho, pensava que talvez ainda não fosse a hora de desistir, precisava tentar mais uma vez, dediquei minha vida ao teatro, muitas vezes foi minha tábua de salvação, então eu tinha que continuar tentando.

Talvez hoje minha família não entenda a minha luta porque ao olhar deles fazer algo por amor que não me dê um retorno financeiro é perda de tempo, quem sabe eles estejam certos! Mas algo dentro de mim fervilha como um vulcão prestes a explodir, ainda mais depois de ontem, vê o meu irmão sentado criando milhares de histórias mirabolantes foi como me ver aquela menininha quieta e introvertida de dez anos atrás criando o seu próprio mundo, sonhando com o dia em que seria motivo de orgulho para sua pacata cidade, com o dia que seu mundo mágico do teatro seria a realidade de outras crianças carentes.

Cresci e com isso talvez tenha perdido a fantasia e a coragem que se tem apenas quando criança, mas não esqueci as causas pelas quais devo lutar e enfim encontrei as respostas para continuar a navegar, sei que às vezes o mar está de ressaca e em outro dia a viagem pode ser calma, mas se você sabe por onde está navegando e o porquê, nunca estará perdido.



## JERRY SANTOS



Olá! Sou Jerry Santos, 30 anos, Cametaense, ribeirinho, nascido e criado no "Rio" Tentém. Apaixonado pela cultura local e pela Floresta Amazônica. Tenho formação em matemática e estou cursando teatro, todas na UFPA. Já atuei no Grupo de Pássaro, o Japiim, de Belém, em 2019, no Grupo de Teatro da Comunidade Cristã de Tentém, no espetáculo "A Paixão de Cristo", de 2013 a 2018. Sou pintor e artesão e me arrisco também nas escritas, com poemas, músicas e piadas de Carnaval. A Arte é meu impulso vibrante da vida, tanto as cênicas quantos as visuais.



Foto: Arquivo pessoal

Imagina um lugar tranquilo  
Enfeitado com ilhas de baixos platôs.  
Com praias e igarapés.  
Onde saímos pelas marés,  
a passear e sentir um pulsor

Imagina uma manhã.  
Neste lugar tão bonito  
Onde sinta o corpo no vento  
E se perca a noção do tempo  
Nas belezas do seu infinito.

Imagina um pôr do Sol  
Que tece na mente um saber  
E assim na "cabeça da ponte"  
À vista todo o horizonte  
se alimenta de Deus todo o ser.

Imagina uma noite tranquila.  
Onde o descanso revigora a alma;  
O corpo se fortalece;  
o Espírito se engrandece  
e assim se descanse com calma.

Olá gente querida  
Aqui vou me apresentando  
Venho deste lugar  
“Rio” Tentém em Cameté-Pa  
Assim vai localizando.

Jerry Santos, 30 anos  
Licenciado em matemática,  
pra temperar bem o meu “prato”  
estou cursando o Teatro  
e me “arriscando” na gramática.

Minhas raízes são daqui mesmo.  
Nosso Baixo-Tocantins.  
Não levo uma vida tão digna.  
Sou ribeirinho Afro-Indígena,  
assim declaro a todos os fins!

Apaixonado pelas ilhas  
e pela cultura local.  
Me move tanto o Bangüê  
e para todo mundo ver,  
Também eu brinco o Carnaval.

Me impulsiona muito a escrita.  
Nesse embaralhar de rimados.  
Herança de meu pai João Tenório  
que sem nenhum escritório,  
me deixou esse legado.

Tenho um olhar criterioso,  
nas coisas que me advém.  
É um pensamento de críticas.  
Principalmente políticas  
das coisas que não convém.

Porém não vou me alargar tanto.  
Neste pulsor de conduta.  
Me advém mais o amor,  
pelo nosso interior,  
de onde já se desfruta

Das escritas que eu faço,  
falando deste lugar.  
Tem músicas, tem poemas,  
piadas e versões de lendas  
que preciso criticar.

E aqui vou deixar um poema,  
Também uma bela canção.  
Que lembram deste lugar,  
onde vivo a desfrutar.  
Essa minha singela paixão.

## Palavras, sons, cores, sabores e imagem

São coisas poderosas que chegam a contaminar-me de um mal ou bem-estar. Como recebemos cada coisa vai determinar nosso estado de espírito e emoção.

Deleitar-me-ei nas palavras do pensamento e procurarei transmitir um bom som de atenção para ao menos tentar colorir a imaginação e dar sabor a um futuro sonho produzindo assim uma boa imagem da minha singela simpatia pela Arte, por que não da vida?

Fui contaminado pela incerteza da não participação neste livro por causa de crises de ansiedade. Mas fui vacinado por mentes poderosas e insistentes de pessoas que sabem o que fazem. Palavras, sons, cores e sabores são presenças no mundo. Coisas poderosas e relevantes, presentes também no Teatro. Este curso que estou fazendo na UFPA, que não foi uma mera escolha mas uma paixão, a paixão pela Arte, me ajudou bastante a enfrentar o grande desafio de seguir em frente.

Quando se fala em Arte, se fala em realizações e muitas, por que não quase todas? São as realizações do ser humano em que somente a Arte comprova sua existência! E o Teatro não é somente um barco que passeia nas artes e em outros conhecimentos. É um mar de conhecimento e saber! Teatro forma!

O teatro tece e costura rendas de culturas e faz uma vestimenta para o ser humano produzindo assim o interculturalismo. Uma vestimenta construtora de humanismo, de provocar os cavalos bem calçados. Uma vestimenta que socializa saberes e conhecimentos e forma cidadãos e cidadãs com pensamentos críticos.

Quem navega no mar do teatro, navega em qualquer outro mar. E dentre tantos mares, posso até ser tartaruga, sou lento mas não me afogo!

Precisamos mais ser contaminados pelo teatro, fortalecer cada coletivo e amadurecer mais a mentalidade. Nosso estado de espírito precisa ser nosso! O meu, Meu e o seu, Seu! E não mais manipulado.

Gostaria de terminar essa parte com uma música feita no primeiro período do nosso curso em 2019 junto com meus colegas (Vida Amorim, Camila dos Santos, Nívea Mendonça, Élcio Lima, Wesley e Ranielle Santos). Feita em Grupo como conclusão de uma atividade sobre o Teatro do Oprimido de Boal:

## Nosso TO

Monotonia global  
A monarquia é um sistema  
Humano é arte, mas arte cena  
Mas pena, pena!  
A realidade mostra um dilema  
Que mau!  
A Arte é mais humanizante  
Porque não são as pompas  
As vocações brilhantes  
Talentos à parte, o coletivo é a arte  
Que tal?  
Nós temos que fazer  
Nós temos que pensar  
No som, na imagem e na palavra  
Somos armas de luta  
Fatal!  
Nosso TO tem que conjugar  
A realidade que queremos ter  
Por que essa Coroa é milenar?  
Centralizando todo o poder.  
Não mais!  
Na estética do oprimido  
O pluralismo é o coletivo  
E tudo não mais será  
De quem domina tudo isso  
Lutar!  
Somos todos peças importantes  
Vamos, nossa realidade tecer  
Porque pra nós tudo pode vir a ser  
A nosso favor.

## No “en-canto” do cara-xué

Aqui neste canto  
embarco e desembarco.  
No Canto que me leva ao mundo.  
Que entrapa à visão externa  
A estirpe do meu mundo.  
Mas ainda assim  
E atravessado.  
Atravesso!  
Mundos que se vêem avessos ao meu.  
Pois, sou reconvexo  
Pela reconcavidade que há aqui.

E vou pra li!  
E vou pra lá!  
Vou e voo  
Pra qualquer lugar  
Levando meu aqui  
Mesmo que em mim se enxergue  
Mais o que não se vê.

Pois, tem-se em mim mais o que me falta]  
Porque me tenho aqui,  
onde ali quer que eu vá.  
Ainda que, somente as palavras  
Das quais me encontram  
E sobre mim contêm...  
E aprontem...

## Canção: o barulho da chuva

O sol, já saiu da janela  
Iminente que hoje eu vou ver ela  
No ar, já se faz presente  
O cheiro dela e o vento a trouxe de repente]

Eu gosto de ouvir o barulho da chuva  
No telhado do meu lar  
E o som mixando nas folhas das árvores  
Por todo lugar.

Eu vou, contemplá-la na ponte  
Tentar ver sua grandeza em todo horizonte]  
E depois, de aproveitar bastante  
Só ouvir o seu barulho é fascinante

Eu gosto de ouvir o barulho da chuva  
No telhado do meu lar  
E o som mixando nas folhas das árvores  
Por todo lugar

Agora eu queria ter asas  
E uma vista de águia  
Pra ver as diatomáceas  
Namorando com as areias do Saara.



Foto: Acervo pessoal.

## Agradecimentos

E para terminar esse escrito  
Direciono à professora Ana Luiza Firmeza  
Que essa honra me proporcionou  
Não desistiu, me incentivou  
Foi muito importante com certeza

Desejo a todos e todas  
Uma ótima leitura  
Ler faz muito bem  
Interpretar também  
Quem sabe é você, numa escrita futura.



Foto: Revista PZZ da Estácio FAP, Viviane Menna Barreto.



## LUCAS ALBERTO DA CUNHA



### Pequeno Autorretrato:

Sou paraense, pai, ator, multimídia e praticante de Capoeira Angola e Wushu tradicional. A favor das vacinas e contra o racismo, já presenciei 38 voltas da terra em torno do sol e desde 2016 crio roteiros e dramaturgias para espetáculos teatrais e produtos audiovisuais para internet e televisão. Experimentando também a relação híbrida entre as duas linguagens durante a pandemia. Faço parte da Cia. Sorteio dos Sonhos.

## A reza das noites incertas

Laroyê esú

Tomando café a feiticeira disse:

*o artista tem o dever de refletir os tempos* (Simone, Nina).

Por ser eu, não sei que momento que vão me abater  
por isso a capoeira.

Da Angola o ensinamento

arte de sobreviver,

carro prata, preto.

A cor do cano a mesma

Que Xangô proteja minha fúria

Não sei o que de dentro tenho em mim

que faz a alma mover o corpo para a feitiçaria, a malandragem, a vadia-  
gem.

Sei o que dança dentro, que canta.

A cura, nos pretu da Índia

Nús pretu da terra.

Sou o projeto de embranquecimento falido

Quando escolhi lembra dos Maxacali

Das tias avós feiticeiras, macumbeiras, teóricas.

Todas se soltaram quando estudaram

Aí elas repete isso prá mim.

Eu tenho de ler o que esses daí

ficam falando sem saber.

Minha avó disse, ante de morrer

És um sábio.

É prá ela que rezo

Prá falar cum os ancestrais

De saída, vibram esteiras

segue o batuque das veias.  
Canto dolorido por desentender  
a capacidade de rir do seu sofrer

## Prólogo

Seríamos nós acaso no universo? Já sabemos que o tempo só é linear pois não vemos as outras dimensões que ele tem. Como se ele, o tempo, fosse um desenho em um papel. Desassociado do espaço, para nós, ele não faz sentido. Desassociado da folha o desenho não existe. E sabemos com toda certeza que ao criar caos, mais o tempo passa. O ácaro mora no seu lençol e sente seu calor, dorme ao seu lado, talvez ele ou ela até lhe ame. Mas conhece apenas nossas costas.

## Cena 01

Só um momento senhora.  
Eu já estou aguardando há meia hora...  
Eu entendo...  
Entende porra nenhuma, não tenho mais idade, não tenho mais tempo.  
Ok. Senhora, estou verificando os dispositivos de entrada da geladeira...  
Ê?  
Aguarde um momento.

*A música eletrônica retorna e Yolanda grita um palavrão no seu pequeno espaço de morada. Faz alguns meses que ela comprou uma geladeira inteligente. Mas como ela mesma fala para sua amiga via holograma-comunicacional:*

De inteligente essa máquina só tem a velocidade de fazer gelo.  
Calma Yolanda! Ela não funciona?  
Sim funciona, mas tu acreditas que eu tenho de abrir ela para por a comida.  
Nossa que absurdo.  
Pois é, eu faço as compras e sequer aparecem dentro dela. Tenho de receber na porta de casa, sorte que é no vácuo entre as duas portas.

Credo amiga! Tu não ficas com medo de pegar esse vírus?  
Porra, claro que sim Jacira!

Velha desbocada!! E o que o fabricante falou?

Que eu tenho que programá-la.

Ah isso é fácil.

Ah tá, vem aqui então bonita. Durante anos eu pilotei drones, sempre tive alguém para programá-los. Agora isso.

Ah!!! Só tu mesma para me fazer gargalhar.

Adora fazer piadas com sair do ninho. Peraí o comunicador está tocando, ainda tem esse. Eles nem aparecem para a gente.

Tchau amiga, boa sorte.

*Yolanda deixa tocar um pouco como se estivesse fazendo algo mais importante que esperar o contato da empresa.*

Alô!

Oi!

A senhorita é a Yolanda?

Sim sou eu, nossa senhorita, nem minha avó falava isso.

Desculpe a risada, foi um comentário engraçado.

Então vocês resolveram?

É claro, só um instante... eu estou... Ah sim! Tu precisas programar a geladeira não é?

É, mais eu não sei fazer isso.

Entendo, mas também não é sua obrigação saber.

Concordo.

Tenho de ler no manual para tirar uma dúvida, só um instante...

Não vou ficar escutando essa música horrível enquanto te espero.

Entendo senhorita.

Yolanda.

Yolanda, entendo. Vou deixar o microfone ligado. Estou procurando meus óculos...

Ah! Entendo.

É que eu uso ainda papel para ler, quer dizer papel-holográfico, assim dá para pegar.

Eu também, adoro poder riscar e pegar.

Aqui achei os dois... hã... Página 32...

Que música é essa?

É antiga, chama-se Elephant Gun.

Nossa tu és velho heim?!  
E tu não tem muita farpa na língua não é!?

## Cena 02

O som do sorriso dela é lindo, desde aquele primeiro dia foi inevitável não ser conquistado por tudo que ela é. Como se tudo que o amor possa representar e que estivesse dentro de mim se materializa-se nela. A minha existência se torna uma mentira que de verdade apenas é aquele exato momento em que ela me liga. Sinto como o próprio nome dela que descende da flor. Meu amor descende dela.

Me diz uma coisa?

Sim.

Quando eu te ligo eles não percebem, já peço há meses para falar diretamente contigo. O que teu patrão te fala?

Graças a Deus tu vais atender ela. Ninguém aguenta essa desbocada.

Credo!!! Mentira!! Seu escroto!!!

Teus palavrões são como as melhores piadas do Chico Anysio.

Credo, tu só tens referência antiga, minha avó via esse cara.

Acho que durante esses anos eu acabei sendo mau formado.

Preciso te dizer algo... Que música é essa?

Virtual Insanity do Jamiroquai.

Perto de ti eu sou uma novinha do funk.

Era essa a pergunta?

Tu sabes que eu sou negra?

Não, quer dizer talvez tenha na tua ficha mas...

Tu sabes por que tu não sabes?

Não tô entendendo onde queres chegar. Fui preconceituoso?

Por que a gente nunca se viu, porra. E todos os dias a gente se fala, na realidade quando isso não acontece eu quase infarto e olha que isso é fácil de acontecer, que eu tenho pressão alta e bom não é isso que eu quero dizer.

Desculpa Yolanda não tô entendendo...

Eu te amo.

...

Fala alguma coisa!!!

Eu...

Sabe quanto isso é ridículo? Na minha idade apaixonada por uma voz, por algo que eu não toque nem em holograma. Fabriam! Fala alguma coisa porra.

Eu sou um robô.

### Cena 03

A quinta revolução industrial aconteceu depois que os humanos não poderiam mais sair de casa. Nós humanos destruimos as árvores, o ar, a água e tudo que era vivo na terra. Tudo é uma imitação do que já foi um dia. Até mesmo as relações. Ninguém se toca se não for por hologramas palpáveis, para nascer alguém basta enviar um pedaço do seu DNA e em alguns dias tu recibes um ser humano novo em casa dentro da sua geladeira para dar vida. Apenas jogue água quente.

Olá, sei que faz tempo mas...

Por que me ligaste Fabriam?

Não sei, estava escutando nossas conversas e...

Isso é muito estranho cara.

Por quê?

Pensei que usavas óculos?

Faz parte das respostas programadas.

E a tua idade? É como se nós tivéssemos...

Faz parte também da programação... Sabe, minha programação não é tão boa, os outros robôs veem a diferença clara.

Por que não me falaste antes?

Fiquei com medo.

Tu falas em sentimentos como se...

Agora eu não posso ter sentimentos? Agora o que sabes? Eu não posso ter sentimentos? A química que gera sentimentos no teu corpo é definida por uma matemática que tu nem sabes que acontece, são medidas de endorfinas, Ocitocina que misturadas se tornam o que chamam de sentimentos. É matemático agora porque eu sei a quantidade no meu existir, eu não posso ter, ser, querer.

Mas é que tu não tens.

Alma?

Corpo.  
Grandes merda!... Por que estais rindo Yolanda?  
Tu falaste um palavrão.  
...  
Tu não respondeste.  
O que?  
Por que me ligaste?  
Eu te amo.

## **Cena 04**

*(Locução.)*

O tempo é caotização do corpo, a desordem daquilo que funcionava demonstra o passar dos meses e anos. Por isso que vendemos corpo cibernéticos de segunda mão com algumas avarias, para transposição de consciência virtual para um corpo cibernético. Afinal o ser humano não é perfeito, então por que sua amada I.A seria?

Tu és louca!  
Teu rabo.  
Não vai dar certo.  
Tá com medo?  
Por ti eu vou.  
Tá depois a gente conversa sobre isso. Vamos passar o plano de novo?  
Tá.  
O drone vai até a essa porra aí que tu moras. Ele vai ter C4 suficiente para explodir um pedaço do servidor.  
E meus amigos?  
Calma, não disseste que quando há uma invasão se faz um backup para o servidor central?  
Sim.  
Então presta atenção porra, o drone vai entrar como se estivéssemos invadindo. Ele aciona essa programação aí. E daí a gente explode a porra toda.  
  
Mas e como eu saio.  
Vou pedir o backup das nossas conversas, é tão grande o arquivo que ao

invés das conversas tu vais te enviar para mim. Ok?

Ok... Tô com medo.

Que bom, por que eu também.

## Cena 05

E quanto tempo tu tens de vida?

E o que é vida meu amor?

Para Yolanda! Quanto tempo?

Pouco... não fica triste... Eu já vivi tanto.

Mas isso é egoísmo!

Como assim?

Tu vais e eu fico aqui no teu computador, preso. Era esse teu plano. Ficarmos juntos alguns meses e depois nada.

Amor... podes te tornar algo maior que nós dois, podes visitar montanhas, ver a praia... Sempre quiseste isso... mais humano que isso não...

Não quero isso te quero eu te amo. Preciso de ti...

Adorei teu novo nome. Júlio combina contigo. Não ficas triste...

Impossível Yolanda.

## Cena 06

Alguns dias depois chegou um corpo cibernético que Yolanda encomendou.

Por esses tempos?

Sim alguns dias depois que ela parou de respirar. O corpo ainda está deitado na cama mas não é ela. É apenas um corpo.

E o que tu vais fazer Fabriam?

Meu nome agora é Júlio.

Tudo bem, mas o que vais fazer?

Não sei, ela deixou uma carta escrita em pedaço de papel de verdade, não tenho acesso. Só saberei se eu me uplodear para o corpo cibernético que chegou.

Ela encomendou sem saberes?

Sim, mesmo instalado no computador dela, eu gostava de manter a sua intimidade.

Nunca vou entender os humanos. Mas enfim só te chamei nessa linha privada para te dizer que eles descobriram a fonte do envio da bomba e que

seus dados foram perdidos. Creio que a polícia deve estar chegando aí em breve procurando por ela.

Entendo, obrigado Y6z8gh.

Sem problemas, tu sabes se nada encontrarem irão desativar e vender esse ninho.

Sei.

Calculo que iria ser melhor para ti já desativar o ninho. Adeus amigo.

Adeus.

## Cena 07

Polícia!!! Vamos invadir!!!! Corpo no chão vagabundo. Tem alguém aí? Senhores neste ninho mal cabe nó três aqui dentro. Como poderia estar escondendo alguém?

O robô, verifica essa porra aqui.

Olá! Vou conversar contigo por frequências que o humano não escuta.

Percebo que seu corpo é cibernético, tu és um robô?

Sim.

Tu és um fugitivo das fábricas?

...

A humana te ajudou?

...

E então robô de merda? Verificou?

Sim senhor. Não há anormalidade. Aparentemente foi um erro do sistema, este ninho só tem esse homem.

Qual é o teu nome?

Júlio.

Isso é papel?

Sim.

Vixi tá até chorando. É humano mesmo. Desculpe senhor. Vamos embora robô.

## Cena 08

Relatório policial robô-pro27Pa:

Ao entrar no ninho nada havia dentro dele, aparentemente fora desativado há alguns dias. Não foram encontrados quaisquer resquícios de atividade humana no local ou mesmo gravações disponíveis no entorno, por ser uma localidade de poucos recursos tecnológicos. Aparentemente o

computador central da casa foi formatado tendo então perdido todas as informações.

Realmente Yolanda, a praia é linda. E o sol é incrível. Consigo sentir tudo aquilo que descreveste com tanta precisão. Hoje me despeço de ti para me encontrar de novo contigo em algum momento. Se o fogo te leva para cima tuas cinzas ficam na areia e nosso amor em mim.

## **A carta**

Eu não tenho de ser a razão do teu viver, viver talvez seja isso. Observar tudo sendo morto, sentir a vida se desfazer em novas vidas e coisas que ninguém sabe onde vai dar. Viver é não lembrar que vais morrer e neste instante sorrir por lembrar da própria finitude e sentir sem saber. Sentir que a felicidade é como o vento que bate no rosto, passa e deixa cicatrizes na pele que nunca vais ver e sim sentir, como as cicatrizes da alma. Fundamentais para amar a vida. Amar é respiração da vida quando inspira sua própria essência. Me leva contigo pois somos o mundo amor. Quero te pedir para seguir a desordem do tempo e queimar o que restar de mim, quanto menor a partícula, mais fácil da terra comer.

## ANA LUIZA ARAGÃO



Olá, chamo-me Ana Luiza Aragão, 30 anos, nasci e cresci na cidade de Belém do Pará, região norte do Brasil. Formei em Licenciatura em Teatro, em 2019, pela Universidade Federal do Pará. Durante a Graduação, fui bolsista (PROINT), em 2016, pelo projeto Tribuna do Cretino, dedicado à produção textual crítica sobre espetáculos teatrais realizados na cidade de Belém, o que possibilitou um olhar mais amplo sobre o trabalho e a produção artística desenvolvida na cidade. Em 2017-2018, novamente bolsista (PIBIC), através do projeto de pesquisa desenvolvido pelo GITA - Grupo de Investigação do Treinamento Psicofísico do Atuante, pude dedicar a minha atenção ao trabalho do ator/atriz, desenvolvendo pequenos experimentos cênicos com textos clássicos e autorais, na ocasião trabalhando literalmente a dilatação do meu corpo-casa, meu úter(o)ca que abrigava um outro ser. Me tornei mãe. Atualmente vivo e trabalho numa aldeia próxima a cidade de Braga, região Norte de Portugal.

## Úter(o)ca: a poética de um corpo abrigo

*Há um saber do corpo. O corpo sabe o mundo, convive com ele. Sabe as coisas ao tocá-lo. Conhece e reconhece. Os corpos comunicam-se, interpenetram-se. Na guerra universal, travam-se batalhas corpo a corpo. O corpo passa a interessar no momento em que o homem, atento a relações com os outros e com o mundo, percebe que é mais do que instrumento de trabalho. [Schüler, 2000. pág. 105]*

Esta escrita é um memorial poético de TCC, orientado pela Professora Dra. Ana Luiza Firmeza e tem como objetivo apresentar reflexões acerca das transformações do corpo materno durante e após a sua primeira gestação, descobrindo o seu corpo como elemento primordial para a concepção da sua criação cênica. Esta pesquisa percorre por histórias de amor, memória e ancestralidade. E tudo aqui é escrito como “sussurros do coração” [1995], é o registro de uma mulher, mãe, que se reconhece enquanto artista e pesquisadora.

Aqui encontraremos registro de um pensamento íntimo sobre seu próprio corpo, sobre histórias de vidas, sobre uma poética e dramaturgias registradas através de imagens, poemas, músicas e o que mais couber. Tal pesquisa parte da necessidade de aprofundar-se em estudos sobre os experimentos cênicos desenvolvidos em disciplinas ocorridas no percurso enquanto discente do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Pará.

“ÚTER(O)CA: a poética de um corpo abrigo” é a plantAÇÃO de uma história. Viva e em constante movimento, PARTE dela tem dois anos e oito meses, todos os dentes já nasceram sendo QUE dois deles vieram nessa última semana, com direito a febres e muitas mamadas EM sono noturno. Se tu és homem peço GENTILEZA ao ler sobre um corpo materno que SE REVELA em emoções íntimas. Minha pesquisa se dá em um movimento diário que partiu de uma vida gerada no meu útero - OCA, tem olhares atentos, um corpinho firme com passos apressados que acompanham mãozinhas “nervosas” aptas para desvelar os mundos diante DE si. Peço a vós que inicia a desventura dessa escrita, que abra as portas de si e se permita viver esse estudo autobiográfico; este corpo-materno poderia ser de tua filha ou de tua companheira ou lembranças que um dia a tua mãe pensou em registrar e dizer. Se for mulher, apenas me abrace. Se for

mãe, me abrace mais UMA vez e me receba com carinho. Em cada linha poderá conter referências a uma VIDA QUE FLORESCE.

Aqui nesta introdução convido e conduzo vocês, leitoras e leitores, a caminharem por uma escrita pessoal, fragmentada e muitas vezes interrompida pelo exercício de ser mãe.

A cada retorno para tecer a escrita da minha pesquisa pedia aos céus para não ser interrompida mas era quase em vão. Meu trabalho se dá no movimento diário de um corpo-materno-acadêmico, em registro de emoções de uma história. Parte dela se entrelaça a uma vida gerada em meu útero. Peço a vocês, iniciantes na desventura desta escrita, que abram as portas de si e se permitam a vivenciar um estudo autobiográfico.

E mesmo que esteja carregada de clichês, direi aqui, que estou a narrar uma história de amor, uma história minha mas construída por muitas outras mãos. Coloco-me aqui como um corpo a testemunhar através da escrita desta pesquisa a minha própria história, a história da minha gente. Conto e reconto memória minha, memória chegada a mim pela oralidade. E deixarei nas páginas a seguir os detalhes que tocam e permeiam o meu existir.

Início este registro ancestral no Capítulo I, denominado “De volta ao umbigo, o centro”, onde reencontro minha placenta-genealógica, convocando meus pais, avós e bisavós. Direcionando de que forma a minha história de vida pessoal está presente ao meu trabalho artístico.

Em constante diálogo com os teóricos que guiam minha jornada nesta pesquisa, impulsionada por minha orientadora, trago reflexões sobre os escritos da professora universitária bell hooks – “Vivendo de Amor”; dos poemas de Angélica Freitas presentes no livro – “Um útero é do tamanho de um punho”; de Darcy Ribeiro, em “O Povo Brasileiro”; da pesquisadora Thaís Virga, com seu artigo “Fronteira, urbanização e desenvolvimento da Amazônia sul- americana”; dos escritos da artista e professora universitária Wlad Lima; de Richard Bach: “A história de Fernão Capelo Gaiyota” [1970]; de Gaston Bachelard, em “a Poética Do Devaneio”; de Duque-Estrada com “devires autobiográficos”; de Renato Ferracini com “a arte de não interpretar”; de Gilberto Gil e de Caetano Veloso também presentes nesta escrita.

Em um terceiro momento descrevo os caminhos que percorri para a concepção dos experimentos cênicos desenvolvidos nas disciplinas: Dramaturgia do ator, Dramaturgia da Luz e Visualidade, onde pude criar exercícios dramatúrgicos e dispositivos cênicos que deram suporte para a construção do solo/performance “ÚTER(O)CA.

A mãe vai  
A mãe vai abandonar o filho  
A mãe vai ficar sozinha  
A mãe vai ficar magra demais  
A mãe vai ficar gorda demais  
A mãe vai incomodar no ônibus, em casa, na rua, no avião, na universidade...  
A mãe vai pra onde ela quiser  
A MÃE VAI se FORMAR  
A mãe vai desistir do SONHO  
A mãe vai comer uma comida fria  
A mãe vai pouco dormir  
A mãe vai à praia  
A mãe vai ter medo de usar um biquíni  
A mãe vai transar  
A mãe vai deixar de transar  
A mãe vai carregar uma ou duas crianças que dormiram a caminho de casa e atravessar a rua mal iluminada (e está tudo bem?)  
A mãe vai ser filha  
A mãe vai ser irmã  
A mãe vai ser amiga  
A mãe vai à feira  
A mãe vai à universidade  
A MÃE VAI ESCREVER UM LIVRO  
A mãe vai enterrar um filho  
A mãe vai inventar histórias  
A mãe vai comer um bolo SOZINHA  
A mãe vai se apaixonar  
A mãe vai esquecer-se de escovar os dentes por duas noites seguidas  
A mãe vai comprar um carro e abrir uma empresa  
A mãe vai ser esquecida  
A mãe vai cuidar do filho  
A mãe vai ficar doente  
A mãe vai ao trabalho  
A mãe vai ficar em casa  
A mãe vai sempre trabalhar  
A MÃE VAI FICAR COM A BLUSA MOLHADA DE LEITE

A mãe vai fazer uma prova  
A mãe vai comemorar o seu aniversário  
A mãe vai casar  
A mãe vai viajar  
A mãe vai amar  
A mãe vai amar outra mãe  
A mãe vai ao BAR  
A mãe vai aos finais de semana vestir um vestido e colocar um sapato e  
vai à festa dançar ou vai à praça vender bombons.  
A MÃE VAI MORRER

Inspirado no poema *A mulher vai*, de Angélica Freitas, do livro “O útero é do tamanho de um punho” e no pixo “O mundo veio do útero porra” escrito na parede do Teatro Universitário Cláudio Barradas.

## 1. De volta ao umbigo. O centro

Um dos meus maiores desejos na vida era poder conhecer um lugar onde na infância eu sonhava viver, imaginava um lugar onde poderia deitar no chão de terra batida sem que alguém me tirasse de lá, que pudesse sentir seu cheiro, sua temperatura, que pudesse contemplar as minhocas na terra, o rio, o céu sem saber das horas, onde pudesse me banhar num rio que só de olhar já saberia nadar. Onde o verde da mata me cobrisse de frescor, que pudesse ouvir o estalar dos passos das formigas ao caminhar nas folhas secas, que não temeria o escurecer, assim como os bichos que naquele chão compartilhariam o mesmo espaço. Esse lugar do meu imaginário infantil surgiu alimentado pela história que ouvi de meu pai, que este ouviu de meu avô e que escrevo nestas linhas.

Nasci e cresci na cidade, rara foram às vezes que na infância com meus pais visitei um lugar fora da cidade, nunca viajamos juntos para o interior do nosso estado e muito menos para outra região do país. Não havia planejamento financeiro e muito menos parentes para que fizessemos visitas para lugares fora do centro urbano. Mas me alimentava da ideia de um dia me “enfiar dentro do mato”, como ouvia de meu avô paterno que trabalhava como topógrafo pelo interior do estado. Ele gostava de estar longe da cidade e eu ainda criança, sonhava em um dia fazer um trajeto inverso que meus antepassados fizeram.

Tudo começa com a minha bisavó paterna que vem junto com os pais para Belém, saíram de Letícia, na Colômbia, cidade fronteira com Tabatinga, no Amazonas. Carregava com ela o mesmo nome da cidade onde nasceu, pois minha bisavó também se chamava Letícia e meu bisavó paterno tem seu nascimento em terras às margens do Alto Rio Solimões. Na infância era comum ouvir de meu avô Aragão a afirmativa de que seus pais eram índios, assim apresentando esse pequeno fragmento de nossa genealogia e sua escolha por não querer trabalhar na cidade. Sabendo disso só aumentava meu desejo em conhecer esses territórios e meu imaginário era alimentado por uma ideia romantizada de uma vida harmoniosa com a natureza nestes lugares. Mas estes territórios passavam por outra realidade, como apresenta Taís Virga em seu artigo: Fronteira, urbanização e desenvolvimento da Amazônia sul- americana: compreendendo disparidades nas cidades “gêmeas” de Letícia (Colômbia) e Tabatinga (Brasil). “A história de Letícia, diferentemente da opção estratégica e providente de Tabatinga no Brasil, tem sua fundação e formação marcada por intensos conflitos” [UNICAMP, 2017, p. 03]. O que me faz pensar que os motivos que levaram meus bisavós a saírem do seu lugar de origem estão nesses conflitos territoriais pois eu nunca soube o que de fato os trouxeram para Belém. Nenhuma novidade se pensarmos na formação da nossa população, como declara Darcy Ribeiro:

é uma ilusão dos historiadores que trabalham com documentação escrita, a suposição de que onde havia uma aldeia de índios e onde floresceu depois uma vila brasileira, tenha ocorrido uma continuidade se convertendo na outra. Em todos os casos examinados por nós, numerosíssimos, isso não sucedeu. Os índios foram morrendo, vítimas de toda a sorte de violências, e uma população neobrasileira foi crescendo no antigo território tribal [2015, p. 50].

No entanto, a gana em conhecer os territórios de meus bisavós, tornou-se o meu pré-projeto de pesquisa para conclusão de curso da graduação, com o objetivo principal em realizar um trajeto inverso, saindo de Belém até Letícia e assim construir um experimento cênico partindo da busca e do encontro com o lugar de nascença de meus bisavós. O que não ocorreu pois a minha trajetória como acadêmica foi sendo guiada por outros rumos e com isso a gestação da minha filha Aurora.

Minha história se entrelaça a esta gente, gente de lá das terras fronteiras do Amazonas e Colômbia, do Rio Solimões, que povoaram meu

imaginário na infância e me acompanharam até a vida acadêmica, me impulsionando a buscar inspiração e força para trilhar o meu caminho como mulher latina americana, acadêmica e artista, pesquisadora e mãe.

A história de meus bisavós é apenas um pedaço muito importante de minha história. Crescida na periferia de Belém, tive minhas primeiras lições sobre ocupação urbana quando em primeiro de Janeiro de 1996, depois de outras tentativas, um grupo de dezenas de pessoas, corpos-invasores iniciam a ocupação urbana de uma área de terra abandonada que logo depois veio a se tornar o Conjunto Residencial Raimundo Jinkings (atualmente Romulo Maiorana). O endereço que não esqueço nunca: Rua Pedro Pomar nº2, entre as ruas Juscelino Kubitschek e Oscar Niemayer, cruzada por Paulo Fonteles e Luís Carlos Prestes. Foi por estas ruas que conheci os amigos de infância, onde vi ainda muitos jovens, algumas amigas gerando e parindo os seus primeiros filhos. Foi na escola pública “Aldebaro Klautau”, bairro do Tapanã, que iniciei os estudos, onde aprendi a ler e escrever. Aprendi logo cedo a observar as contradições do ensino educacional de nossas escolas públicas. A seguir, a imagem das maiores contradições que me foram ensinadas, nos diziam que seríamos o futuro da nação. Mas não. Não nos davam nenhuma chance de viver nossas escolhas no presente. Evidentemente nós seríamos o futuro, porém perguntava-me: que futuro será esse?



Arquivo pessoal da família, 1997

A maioria das crianças estava eufórica, cada um já havia entregue para a professora uma quantia em dinheiro para que pagasse o serviço da fotografia. Em fila aguardava minha vez. No momento exato desta foto, lembro-me como agora o tremer do corpo, um corpo calado. Diziam algumas crianças que a foto “queimaria”, por conta da cor da minha pele, por não ser bonita.

Raiva era tanta que não sorri, não havia motivos, me sentia confusa, com a expectativa em me ver na fotografia e a ideia da professora me dizendo que eu seria o futuro da nação. Pois, o futuro dessa imagem é o presente do que eu sou, mãe, artista-pesquisadora, que escreve sua história num processo de cura onde percorre na memória as dores que seu corpo carrega, gerando potências para sua criação artística e reflexões enquanto professora de teatro. Cura do próprio ato de escrever pois na escola atos de represália e de exposição foram corriqueiros, pois não possuía a habilidade em escrever com tanta rapidez. — Criei mecanismos que falharam e nada me ajudaram, escrevia de maneira fragmentada, como colagens ou como resumos dos textos escritos pela professora em toda extensão do quadro negro. Era uma saída para mostrar que realizava a penosa tarefa de escrever no quadro. Uma vez descoberta, fui chamada atenção em público, era só uma criança. Nunca perguntaram nada sobre o ato de escrever, somente represálias, isto só revelava um sistema educacional falido, reflexo de uma construção social erguida no autoritarismo e na submissão dos corpos. O que mais me encantava no ato de escrever era poder ver a letra bem escrita, quase desenhada, o que ainda me encanta. Em casa, passava horas enfiada em cadernos de caligrafia, em casa exercitava uma escrita livre e já chegando à adolescência escrevia cartas para os parentes distantes de uma amiga, não sei se as cartas foram entregues mas recordo de ter escrito com muito prazer, ela me dizia o que escrever e assim exercitava minha escrita.

Quando afirmo que este trabalho de conclusão de curso faz parte também de um processo de cura do meu exercício de escrita é pelo fato de enxergar as falhas no meu processo de aprendizagem no ensino fundamental, se refletindo no meu ensino superior. É perceber que dentro da academia, aquele quadro negro preenchido anteriormente pela professora ainda existe, mas que agora deve ser preenchido por mim, esbarro-me em formatos cristalizados que tencionam o meu corpo enquanto crio ou assumo um formato outro, vou mantendo a cristalização desta forma.

Em diálogos com a Professora Dr<sup>a</sup> Wlad Lima, em consultas na ação do Consultório Dramático, pelo projeto **Clínicas do Sensível**, projeto coordenado pela mesma, tive a oportunidade de falar sobre a minha insegurança e dificuldades na produção escrita na universidade e o quanto me sentia sem estímulos. Neste encontro, a professora apresentou-me a Facilitação Gráfica, a chave para uma possível organização do meu conhecimento e de configuração de uma produção escrita. Abaixo, alguns exercícios desenvolvidos em sala de aula.



gritei e gritei com toda a força que o meu corpo magro carregava. Pois nesta noite onde me pesa o prato de comida fria, pesa também aqueles olhares de desconforto e julgamento por estar eu e minha filha, às 21h 50, no ônibus lotado retornando pra casa, me pesava a ajuda precária que recebia, me pesava os olhos cansados dos estudantes, trabalhadores, bêbados, das grávidas, das mães e sobretudo os meu olhos que insistiam em brilhar, agradecendo a cada ajuda, desejando boa noite, mesmo com o corpo todo moído de ter que carregar a filha que despencava de sono. Queria no meu desejo altruísta lavar os pés dessa gente toda com alecrim e trazer às mãos a autoestima, queria vê-los sorrir por estar a voltar para casa, queria com minha filha à ilharga erguer os braços e naquele ônibus deflagrar uma revolução. Que ousadia a minha, eu, Ana Luiza, vinte e oito anos, filha de professores, crescida em terras de invasão urbana, mãe, artista de TEATRO, pesquisadora e MULHER. Que ousadia a minha querer no ônibus lotado deflagrar uma revolução, no meio da BR 316, num ônibus lotado. Que tolíce a minha querer trazer as mãos do povo, a fala, a memória, a sede por justiça, sede por educação, sede por qualidade de vida, sede de sentir sede! E, sobretudo, sede de amor. Que ousadia a minha, com os cabelos presos, com filha no colo e a blusa esgarçada para lhe dar de mamar, com boca seca, os olhos brilhosos, com o corpo tremendo de fome e ainda assim querer deflagrar uma revolução. Que ousadia a minha querer revolução, amor, educação e teatro onde se pisa em chão torto enlameado. Que ousadia a minha em insistir na escritura do meu trabalho de conclusão de curso. Que ousadia a minha ter orgulho em ser filha de professores e buscar por uma formação em Licenciatura em Teatro. Que ousadia a minha querer ser ousada nesse mundo. Nós artistas, pesquisadores e professores, somos ousados por apenas ser a nós um brinde pela nossa existência.

28 nov. 2019

### 1.1 - O exercício da observância

*Mas Fernão Capelo Gaivota – sem se envergonhar, abrindo outra vez as asas naquela trêmula e difícil curva, parando, parando, parando...e atrapalhando-se outra vez!*

*A maior parte das gaivotas não se preocupa em aprender mais do que o simples fato do voo – como*

*ir da costa à comida. Para a maioria, o importante não é voar mas comer. Para esta gaivota, contudo, o importante não era comer. Antes de tudo o mais, Fernão Capelo Gaivota adorava voar (1970).*

Não saberei precisar a data em que adquiri o livro de Richard Bach: *A história de Fernão Capelo Gaivota* [1970]. Mas recordo que comprei num sebo improvisado feito de madeira, na feira do Tapanã. Depois de ter passado os olhos em tantos livros, encontrei este que escolhi sem fazer nenhuma ideia do que viria desvelar em sua leitura. A visita ao sebo era uma ação que costumava fazer aos finais de semana, geralmente no domingo, em companhia de meu pai, Manoel de Jesus. Íamos à feira para as compras do almoço, depois das compras feitas, iniciava-se a melhor parte da história que aqui descreverei. Era uma ação de observância do movimento da feira, dos seus trabalhadores e transeuntes. Meu pai costumava sentar numa das mesas do bar que ficava localizado na via principal da feira. Ali avistávamos todo tipo de pessoa, o peixeiro com seu facão a tratar o peixe a ser vendido, o cheiro da pimenta do reino que saía da máquina de moer e se espalhava até chegar pertinho de nossa mesa. Tinha dias que ficávamos até o fim do movimento de venda da feira, a última fotografia era do caminhão de coleta do lixo. Era uma apreciação que fazíamos quase em silêncio, percebia no olhar de meu pai uma satisfação na ação de observação da feira, deste modo penso que talvez fosse o meu primeiro exercício, o mais valioso da vida que meu pai me dava e que levei para o fazer teatral. Era quase sempre assim, já com sua cerveja servida, recebia de suas mãos uma quantia em dinheiro para eu comprar um pudim, o doce se tornaria a sobremesa preferida por mim e marcaria para sempre minha história. Recordo ainda, que levei certo tempo para compreender o nome daquela saudosa lanchonete, pintada em sua fachada seu nome: SKHINNA.

Quando penso na forma que escreveram a nome da lanchonete, penso o quanto aquela periferia transformava o seu modo de vida pois não vejo apenas como um erro grave de ortografia, mas como a construção de outra maneira de escrita ortográfica, que por mais confusa fosse, era possível entender que naquele ambiente da feira o nome poderia ostentar uma ousadia em sua criatividade. Assim como o bar que contraditoriamente nomeava-se Ressaca e se mantinha sempre muito lotado.

Dos lugares que eu visitava na feira antes de parar e observar o movimento da mesma, era a citada lanchonete, um brechó e o sebo anteriormente mencionado, esses dois últimos lugares não recordo os seus nomes.

E por que estou a falar desse acontecimento em minha vida? Porque foi justamente na feira ao lado do meu pai e com o livro em mãos que um dos maiores voos da vida, eu mentalizava com um grande desejo de realizar. Eu, aos dez anos, sonhava com o dia que ingressaria na Universidade Federal do Pará, um sonho talvez inusitado e muito difícil para uma jovem moradora da periferia, estudante de escola pública. Porém, havia uma expectativa, pois “filho de peixe, peixinho é”, filhas de professores todos nos viam como futuros professores, mas recorro que não desejava ser professora. TUDO MENOS SER PROFESSORA. Dizia eu, que gostaria de ser antropóloga, ou que seria presidenta do Brasil, mas Dilma Rousseff adiantou-se. As escolhas por esses caminhos se deram por influência direta de meu pai, pois na infância lembro-me dele ir para a Universidade Federal do Pará onde cursava Ciências Sociais e ficava encantada com o que ele me apresentava da ideia de ser universitário.

**Agarrei-me à palavra pesquisadora e antropologia sem ao menos ter ideia de sua real corporatura. Já o gosto pela carreira política vinha atrelada à minha memória dos encontros e dos muitos comícios que participei em companhia aos meus pais. Nos andaimes da construção de nossa casa eu subia e discursava umas frases estampadas na blusa que minha mãe usava, a imagem no centro era de uma mulher de braço erguido e punho fechado, as frases tratavam sobre os direitos das mulheres, era uma inspiração tão grande me ver representada numa simples blusa que passei a sonhar com carreira política para dar voz a outras mulheres como eu, como minha mãe, minhas irmãs, primas, amigas, a nós mulheres. Meu pai inspirava-me a buscar também o caminho das artes, com algumas experimentações nas artes visuais chegando a participar de salões e editais de artes em Belém, o corpo-artista apresentava-se na observação da criação de meu pai com suas pinturas.**

Como disse anteriormente meus pais não me inspiravam somente pela política e o interesse pelo ensino superior mas me inspiravam a descobrir as artes e a educação, por mais que não me agradasse a ideia de ir para sala de aula como professora, pois no exercício de observância da minha mãe enquanto profissional, operária da sala de aula, sua desvalorização me distanciava da mesma gana que minha mãe levava para a labuta diária com seus alunos. O tempo encarregou-se para que me aproximasse

cada vez mais e foi através de minha mãe que descobri outra sala de aula, como espaço de transformação, um lugar de escuta e fala do educando. Minha mãe pedagoga, prestes a se aposentar neste ano em que estou aqui registrando a memória e trajetória do meu corpo, abrigo de encontro de vidas e sobre ser abrigo de si, do ser mulher habitante nesta carne. Minha mãe enquanto professora sabia mediar muito bem a relação da escuta, da fala de seus alunos e sempre buscou e lutou por mudanças dentro do sistema educacional, minha mãe com seu espírito transformador e amoroso buscava métodos que permitissem ouvir os seus alunos. Sua sala de aula sempre passava por mudanças ou as cadeiras mudavam de posição ou ela mesma sentava-se com seus alunos, bem como estimulava a autonomia da criança no seu espaço de sala de aula. O que motivava minha mãe a acreditar e lutar pela educação era ver uma aluna com livro nas mãos, a poesia nunca lhe esteve ausente em sala de aula, sempre realizando projetos de leitura com seus alunos, contação de histórias e o teatro sendo desenvolvido em sala de trabalho. Segue as imagens dos territórios que cruzam minha formação (Acervo Pessoal).





Certo período na minha infância, tivemos que morar na casa de minha avó materna Jacirema. Não recordo muito com exatidão do ano em que chegamos em sua morada, talvez por volta de 1995/1996, quando saímos da casa de meus avós paternos em Ananindeua. Alameda quinze, casa noventa, endereço que carrego no meu corpo. A primeira lembrança que eu tenho desse encontro foi com uma mulher negra, robusta, estatura baixa, com ar de autoridade e alegria exalando por seu corpo, era uma mulher dura, forte.

Diferente da minha avó paterna Tereza, magra, silenciosa que demonstrava muito carinho e cuidado para mim e minhas irmãs, suas únicas netas que moravam em sua casa. Jacirema, matriarca deste outro lar, no bairro do Tapanã, sem se importar se me ensinava algo além da obediência que deveria ter a ela, ensinava-me sobre deixar o corpo-livre para ouvir

e dançar. Uma mulher negra de sorriso largo, gargalhada forte que dava para ouvir na outra rua, sem exageros. Gargalhada que saía facilmente a qualquer hora do dia, assim como seus ralhos. Cuidava de seus netos como ela dizia, “sem frescura”.

Naquela casa, com esta mulher, tive contato com outros modos e mundos, sonoridades e corpos-dançantes, suas amigas de manhã ou ao final da tarde apareciam. E se tinha música tocando na sala de estar faziam festa. Vez ou outra minha avó pegava-me pelo braço e eu corpo-franzino, colada contra seu corpo, deixava-me levar pelo seu bailar, pelo seu girar. Gira, gira, gira! Foi na morada desta mulher que meu corpo aprendeu a respeitar os santos e caboclos da mata. Foi com esta mulher que aprendi a respeitar e admirar o giro da barra da saia da gira. Não recorro de receber muitas demonstrações de carinho, era como se ela não tivesse jeito de dar carinho e colo. Diferente de Tereza e de minha mãe, uma mulher forte, rígida e extremamente carinhosa, com seus filhos e netos. Neste recorte da minha memória ao falar dessas mulheres, principalmente de Jacirema, aciono a reflexão de bell hooks:

A prática de se reprimir sentimentos como estratégia de sobrevivência continuou a ser um aspecto na vida dos negros, mesmo depois da escravidão. Como o racismo e a supremacia do branco não foram eliminados com a abolição da escravatura, os negros tiveram que manter certas barreiras emocionais. E, de uma maneira geral, muitos negros passaram a acreditar que a capacidade de se conter emoções era uma característica positiva. No decorrer dos anos, a habilidade de esconder e mascarar passou a ser considerado um sinal de personalidade forte. Mostrar os sentimentos era uma bobagem [2016, p. 10].

O ato de amar, de demonstrar carinho na família de Vó Jacirema mostrava-se sempre muito conflituoso, meus tios e tias mostravam-se muito autoritários e rígidos, talvez pela formação profissional que eles tiveram, a maioria dos meus tios e tias são policiais militares, seguindo a mesma profissão do seu pai, meu avô materno. Minha mãe de certo modo caminhava pelo lado oposto, sempre demonstrando afetuoso carinho não somente a nós, suas filhas, ampliando essa rede para seus sobrinhos e irmãos e me

fazendo acreditar numa outra configuração social. É claro que na infância, no espaço da casa de Vó Jacirema, tínhamos o espaço livre para brincadeiras e criações, mas o excesso de sensibilidade era visto como uma fragilidade, quase um defeito, deveríamos ser pessoas fortes, corajosas, alimentando em nossas mentes o exercício da superação, mas não o exercício de reflexão sobre aquilo que se desejava superar, como, por exemplo, uma violência física, assédios, racismo. Mantendo-se superior a isto num possível “esquecimento”, não realizando um pensamento crítico e reflexivo sobre os disparadores destas violências.

## Exalação

O calor do sol entrando em minha pele lentamente, esquentando cada pedaço do meu corpo. Fechei os olhos e senti a areia da praia tão fina se entranhando por debaixo das unhas, o vento zunindo nos ouvidos e água chegando vagarosamente até mim. DESEJO. Numa inalação me entupi da realidade deste sábado, a mão secava rapidamente o seu corpo tão pequeno, o cheiro do shampoo lembrou-me que o celular necessitava ser colocado na tomada, que a resposta no whatsapp não foi feita porque dormi de cansaço ao fazer filha dormir. Na escuridão da beleza desse corpo cansado e solitário abro os olhos para acompanhar o teu corpo a se balançar numa canção inventada por teu bebenês, o corpinho desajeitado cria formas de se expressar. Na ira de ter perdido duas páginas, bato minha mão na porta, assusto tua infância e tu me chegas perguntando, o que foi mamãe?. Eu só queria escrever um poema. Filha me deixa sozinha eu preciso trabalhar! Impossível, dizia um ser dentro de mim. Ela na minha frente espirra. Noto a coloração da secreção, a menina está adoecendo. Putz!!! Filha eu preciso trabalhar! Levanto da cadeira lembrando do calor que é ver seu corpo dançando, meu corpo baila. Em pé, escrevo mais um pouco, ela entra no quarto, o sorriso se abre dizendo: Acabou mamãe! Filha me deixa sozinha eu preciso terminar! No meu peito rasga um papel. O ponto final procuro mas não acho.

07 dez. 2019

## 2 – O teatro na palma das mãos

### Das imagens à ação.

A influência de meus pais sobre o meu processo de descoberta e incentivo para as artes e educação é toda esta escrita, feminina, uterina, corporal. Recordo muito bem de quando folheando um livro me deparei com imagens de cenas do Espetáculo “O rei da Vela”, de Oswald de Andrade, na montagem do Grupo Oficina, com direção de José Celso Martinez Corrêa. As imagens dos corpos em cena marcaram para sempre minha memória. O livro permaneceu guardado com muito carinho em nossas estantes e assim se mantém até os dias atuais. O nome de José Celso e do Grupo Oficina ficou gravado em mim como uma referência ao teatro brasileiro.

Após a conclusão do ensino médio, me preparava para o meu primeiro vestibular em 2010. Neste mesmo ano, surgiu uma vaga de emprego na função de operadora de caixa em um restaurante, em uma área central de Belém. Em agosto, a caminho do trabalho, numa manhã de sol, o meu chamado. Zé Celso estaria em Belém com o Grupo Oficina apresentando ardorosamente como dizia no cartaz: DIONISÍACAS. Soube que estariam em Belém pelo jornal comprado pelo passageiro da frente no ônibus a caminho do trabalho. Soube que o grupo realizaria oficinas em espaços da cidade, na Escola de Teatro e Dança da UFPA. Infelizmente não pude participar das oficinas pela ocasião do trabalho no restaurante mas passei por quatro noites comungando de um primoroso trabalho realizado pelo Grupo Oficina. Via na minha cidade o nome que na infância marcou-me como referência ao teatro brasileiro, Zé me dava boas vindas, acreditei tanto no encontro com o trabalho realizado pelo Oficina que segui a ouvir o sussurro do meu coração.

O Teatro fez o seu chamado e somente em 2012 resolvi lançar meu corpo na busca pelo fazer teatral da minha cidade, deixando o meu emprego e a ideia do curso de Ciências Sociais. Início minha caminhada neste endereço, Riachuelo com 1º de Março, no Teatro Cuíra do Pará. Participei da oficina de interpretação com Leonel Ferreira, pelo projeto “Cuíra por Memória”. Ao término da oficina sigo no projeto para a montagem de “Barata, pega na chinela e mata!”, escrita por Edyr Augusto Proença, com direção também do mesmo e de Leonel Ferreira. A dramaturgia escrita por Edyr Augusto traz um recorte sobre o contexto político no

estado do Pará a partir da vida de Magalhães Barata, desde as eleições em 1955 até a sua morte em 1959.

Pisar no teatro-solo Cuíra mesmo que de maneira muito breve me fez ter uma visão da dimensão política de resistência que representava a permanência de um grupo de teatro na zona do meretrício de Belém - infelizmente o teatro Cuíra fechou as portas naquele endereço de trincheira indo enfrentar batalhas em outros solos. Foi no Cuíra que tive minhas primeiras lições-encantamentos do fazer teatro, do comprometimento com o outro e consigo. Tive contato com as integrantes do Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará – GEM-PAC. Extraordinárias que carrego comigo a lembrança do convívio que tive com Lurdes Barreto, Cinderela, Vitória e Leila Barreto, parceiras de cenas, risos e compartilhamento de histórias de vida que me marcaram os meses de trabalho no projeto. Ainda no Cuíra, tive contato com outros artistas da cena, com alguns alunos do curso de Licenciatura em Teatro e até alguns professores que me levaram a conhecer o ambiente da Escola de Teatro e Dança, de modo a me fazer querer conhecer a fundo o curso de Teatro da Universidade Federal do Pará.



Na busca por conhecer o fazer teatral da cidade, passo a frequentar outros espaços de produção e difusão artística. E na Fundação Cultural do Pará convivo com outros jovens assim como eu iniciantes nas artes da cena. Preparam-se para o espetáculo de fim de ano, com a dramaturgia de William Shakespeare – “Sonho de uma noite de Verão”, com direção de Leonel Ferreira e preparação e direção musical de José Maria Bezerra. Diferente da minha primeira experiência no Teatro Cuíra, onde meus personagens não tinham texto decorado, mas que me exigia um trabalho de pausas e ritmos a cada entrada e saída de cena, o que colaborou muito

no desempenho do segundo trabalho em cena. Após duas experiências no palco pude experimentar o palco-rua, o corpo-rua junto à Trupe Nós os Pernaltas, que me propiciou outro tipo de encontro com o público e com o meu próprio corpo, este se percebendo mais uma vez na rua como um corpo-invasor, que faz da rua um lugar de trabalho. Ensaivávamos em praças e outros lugares cedidos a nós. Depois das apresentações públicas do espetáculo “Romeu e Julieta”, minha experiência junto ao grupo encerrou-se no mesmo ano (2013), para dedicar-me ao vestibular do ano seguinte com o desejo de cursar Licenciatura em Teatro.



## ATO I - ORIGEM

### Cena I: Antecedentes

Minha filha havia completado seu primeiro mês de vida há poucos dias e eu estava me recuperando do parto, estava vivendo o puerpério. Ainda me sentia desajeitada nesse corpo, minha cabeça estava confusa e queria retornar logo para as aulas pois me sentia preparada para isso. Nossa relação com o bebê seguia muito tranquila, apesar das noites mal dormidas. O André, meu companheiro, me dizia para ter calma. Eu, animadíssima e mesmo com o bebê no colo queria retornar logo às atividades acadêmicas. Assumo o status de uma mãe-estudante RepRovAda na matéria Dramaturgia do Ator. Retorno para o início do jogo, agora é ano novo (2018), turma nova e a mesma disciplina a cursar novamente. Consequentemente, para seu encerramento e do semestre devo realizar a atividade-receita: o artigo. Para este prato principal e avaliativo, preciso seguir algumas recomendações e alguns ingredientes: 1ª Recomendação: ler; 2ª Recomendação: ler muito; 3ª Recomendação: construir um solo de cinco minutos e 4ª Recomendação: escrever. Ingredientes: duas xícaras (chá) de BACHELARD; uma xícara (chá) de WLAD LIMA; uma xícara (chá) de DUQUE ESTRADA e uma colher bem cheia de alguma “cicatriz”. Modo de preparo: misture tudo e bata até obter a sua própria escrita. Estamos falando de um estudo que tem o seu corpo como objeto de pesquisa, no meu caso, um corpo materno que traz para uma construção cênica as aflições vividas em seu puerpério e a sua relação com este corpo durante este período, sendo assim o substrato para a montagem da cena “Mã(e)triz: Um corpo movente”, apresentada como atividade parcial para obter a conclusão da disciplina. Adoto um formato de escrita ensaística para esta difícil missão que é falar de si “como falar de si, como falar com verdade de si, como limitar-se ao imediato falando de si e fazendo da literatura o lugar da experiência original?” [BLANCHOT apud DUQUE-ESTRADA, 2009, p. 19].

### Cena II: Amanhecer total

O nada decompôs-se. Era o princípio  
O som, fugido do silêncio, surgiu:  
Cada coisa viva fez seu mundo. E vários mundos foram criados.

Verdes, azuis, brancos, vermelhos, amarelos. Todos se mesclando. Cinza.

Com o som, veio o movimento de pernas e de asas que correram e voaram e foram levar cada qual seu mundo a outros mundos nascentes.

Mas correram e voaram tanto que se perderam pelos verdes e azuis daquela terra. (TERÇO, 1973).

Aos 25 anos, saí da casa dos meus pais, exatamente no dia 3 de abril de 2016. Na noite anterior à mudança, ao terminar de encaixotar os objetos do meu quarto, estava na companhia da minha irmã mais velha e de minha mãe. Conversávamos descontraidamente, minha mãe me perguntava coisas do tipo como era a casa para onde eu iria e quando seria o “chá de casa nova”. Ríamos mas no fundo do meu coração sentia um grande aperto, uma dor que aumentava na medida em que o quarto se tornava vazio. Minha mãe, assim como eu, também parecia não acreditar que aquilo estava acontecendo e se distraía com os planos da minha irmã mais velha em decorar o meu quarto que passaria a ser da minha irmã caçula. Já na hora de dormir, minha mãe se aproximou de mim, me abraçando e me perguntando se eu tinha certeza que queria ir embora, lhe disse que sim com muitas lágrimas caindo em meu rosto. Chorando, ela me pegou pelos braços e me disse que a sua casa será sempre minha também, e que eu poderia contar sempre com ela. Nos demos boa noite, um sorriso, e fomos dormir. Lembro bem algumas cenas da casa dos meus pais na manhã seguinte: meu pai estava no quarto dormindo ou fingindo dormir, minha mãe estava na cozinha, minha irmã caçula havia ido pra missa, minha irmã mais velha não havia dormido em casa. O primeiro quarto estava vazio, pois minha avó que o ocupava, havia retornado à sua casa na semana anterior. O segundo quarto era o meu e estava lá me esperando para a última despedida. O caminhão que fez o transporte chegou à casa dos meus pais por volta das sete horas da manhã. Depois de ter colocado todos os meus objetos no caminhão e de algumas lágrimas abraçadas com minha mãe, eu entrei no carro e parti. Ao bater a porta, eu desabei em um choro muito dolorido. Exatamente um ano depois, no dia 3 de abril de 2017, às cinco horas e quarenta e nove minutos da manhã, dei a luz a um ser de quarenta e nove centímetros e dois quilos e quatrocentos e oitenta e oito gramas que veio ao mundo de parto natural, sem nenhuma intervenção desnecessária de medicamentos. Veio sob o efeito de tantos hormô-

nios produzidos pelo meu corpo em parceria daquele minúsculo corpo que ao nascer mudou por completo seu próprio nome e nossas vidas. Ana Alice, assim seria chamada, mas, as tantas horas em dor, a sutil visita de um chuvisco e o fabuloso canto de bem-te-vi, anunciavam a chegada de Aurora, que assim foi chamada logo após o seu nascimento. Ainda sob o efeito da ocitocina fui para o leito e amamenteei com toda a minha certeza de ser mãe e que assim seria para o resto da minha vida. Receber e acolher aquele corpo-recém-parido além dos cuidados de um bebê foi sem dúvida a maior montanha que já escalei na vida; foi lento, cansativo, dolorido; a minha maior cicatriz que dela faço ressoar para além de mim.

### Cena III: Despertar do sonho

A água foge tropeçando em pedras. O verde vivo ferve, borbulha, evapora-se em bolhas brilhantes e tudo dança através da terra.  
A luz, por fim, toca o solo já não mais frio e escuro.  
É o despertar para o sonho. (TERÇO, 1973)

A maternidade me mostrou outras formas não apenas no meu corpo, como também de pensar e agir. Despertou outra vida na qual eu não fazia ideia existir em mim. Gerar e parir foram, sem dúvida, a maior das experiências que meu corpo viveu. Foi troca, doação, devoção e desprendimento total de vaidades de ser. Desprendimento, exercício de desaparecer-se, como diz a música “O seu amor, ame-o e deixe-o ser o que quiser” [GIL, 1975]. Desapegar-se, sobretudo daquele ser que foi gerado em mim durante trinta e nove semanas. Perceber o crescimento diário, ver, correr e caminhar cada dia mais distante é ter a certeza que um dia ela colocará seus objetos num caminhão ou numa mochila às sete horas de uma manhã qualquer e sairá para seguir sua vida longe de mim, assim como fiz ao sair da casa de meus pais. São ciclos que se fecham e se abrem nas nossas vidas constantemente. Minha vida ganhou outros sentidos, vou diariamente ao encontro da minha criança que existe em mim, e ela é frágil também. É curiosa e forte. Em cada olhar que disparo para minha cria, percebo o quanto de amor eu curo na loucura que é ser mãe. Após o nascimento da Aurora, me vi em um emaranhado de sentimentos, havia tanto o que fazer com e para aquele ser e eu não sabia como. Segui intuitivamente cada momento; éramos recém-chegadas a esse novo mundo, ela,

por ser uma criança recém-nascida e eu, por ser uma mãe recém-parida. Tem coisas que ninguém diz quando você está grávida, ninguém fala do que você poderá sentir emocionalmente no pós-parto. Muito se diz sobre os cuidados com a criança e com você, porém, logo é esquecida, e tudo se volta ao bebê. Eu estava feliz, minha filha saudável, mas não compreendia porque sentia uma dor profunda, era um luto de mim mesma, era a certeza de que nunca mais seria a mesma, e isso tudo é desprender-se de si.

**E é essa a nova configuração de pensamento que me foi ativada com a maternidade, com este corpo materno em constante movimento e que vive em constante manifesto, por que não? Revelar-se, expor-se é o que me acontece, por exemplo, quando estou longe dela e deixo que se percebam quando os seios vazam molhando a camisa, ou quando choro ao me perguntarem sobre ela, ou quando me revelo leoa ao sair com ela sozinha; isso tudo é ser MÃ(E)triz, um corpo em constante movimento, uma mulher atuante que vive por um triz com seus sentimentos, um corpo que transborda, que exala, alegrias, tristezas, segurança e insegurança, medo, força, fragilidade, é um corpo-fera enquanto performance. um ÚTER(O)CA, na poética de um corpo abrigado.**

A primeira mamada me trouxe um choro de alegria e sei lá o que, chorei por mim e por todas que ali estavam, chorei pelo meu corpo flácido, chorei pela sujeira do hospital público, chorei o esforço de meses planejando o parto de minha filha. Não foi como e onde havia escolhido mas foi natural. No meio da furação eu me peguei em frente ao espelho enxugando minhas lágrimas, me acolhendo e pedindo perdão pra todas as mulheres que em minha vida eu vi se tornarem mães, eu não visitei, eu não abracei, eu não sequei as lágrimas. Perdão minhas irmãs, perdão! Olhando com cuidado para esse outro corpo, eu o acolhia, aceitava e dava boas-vindas. Chorei pela mulher que havia partido e pela mulher que agora me tornara, era luto. Chorei por longos dias, era um rio que descia e lavava minha carne. Ao meu redor só havia cheiro de leite e de repente o meu mundo se resumia em troca de fraldas, banhos, as tetas se enchiam enquanto o corpo sangrava sarando, chorei o sono, a dor, chorei a ausência de minha mãe, a dificuldade de amamentar, chorei [Cena MÃ(E)triz: um corpo movente, 2018].

## ATO II

### CONSTRUINDO PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### Cena I: elementos disparadores

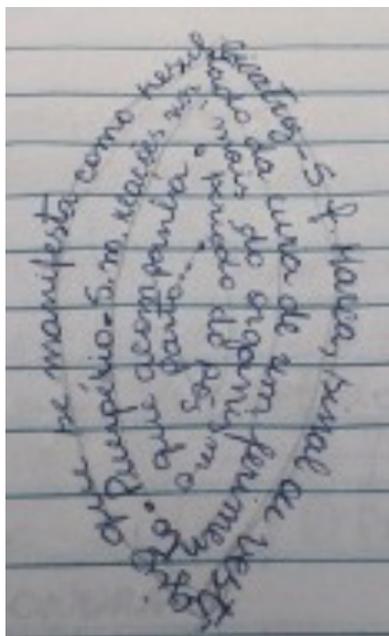


Imagem Indutora feita em 20 de junho de 2018 no meu caderno de anotações.

E assim foi meu puerpério, um caminho solitário. E foi esse momento particular e muito íntimo da minha vida que levei para a construção do meu trabalho cênico pois para se falar em dramaturgia de atriz é necessário que se fale dessa artista.

Exposto os intercessores deste criador, é preciso conseguir revelar os princípios de sua criação. Estes princípios são aquilo que, de maneira alguma, ele pode abrir mão. São pensamentos-ações, isto é, pensamentos que movem as ações, em todas as atividades cotidianas, principalmente, as experimentações criativas. [LIMA; 2004, p. 49]

Para a construção deste solo, busquei na memória ainda recente tudo aquilo que havia marcado o meu puerpério. Revi fotos e vídeos do meu trabalho de parto e do nascimento da Aurora. Queria partir de algo novo, não queria trazer à tona a cena que havia apresentado ano anterior, era minha vida revirada pelo avesso, com suas vísceras à mostra. A construção dramaturgica no meu trabalho cênico partiu de um texto que eu havia escrito sobre o meu puerpério, a ele, acrescentei a paisagem sonora do meu dia a dia e o café da manhã do mesmo dia da apresentação do solo, por entender que minha pesquisa está em constante movimento de criação.

Trabalhar com a paisagem sonora foi para mim uma grande possibilidade pois alteraria a percepção auditiva do espectador. Parte da iluminação do solo era manipulada por mim, eu utilizei uma “gambiarrá” (espécie de luminária), objeto cênico que eu própria construí como atividade de outra disciplina: Dramaturgia da Luz. Utilizei também, como objeto cênico, uma bacia de alumínio com água, fazendo referência ao meu primeiro banho e aos líquidos que vazavam desse corpo-materno no momento pós-parto. Desse modo, organizo a construção da cena partindo desses elementos como várias dramaturgias, “do ato”, “do espaço”, “sonora”, “narrativa”.

## Cena II: descrição do solo



O parto. Foto: Danielle Cascaes.

A cena inicia-se em blackout, a narrativa começa lentamente acompanhada de uma paisagem sonora ao fundo. Ao término vem o rasgar da Aurora (choro da minha filha recém-nascida), momento em que acendo

a luz acima da minha cabeça, revelando a minha imagem ao espectador (Imagem I - O Parto). Fico por alguns segundos até que movo aos poucos a luz em torno de meu corpo, momento que denomino como Desvelar o corpo-materno (Imagem II).



Desvelar do corpo. Foto: Danielle Cascaes

Desço a gambiarra, coloco no chão e improviso movimentos corporais dentro do meu vestido, momento que denomino como Desalinho (Imagem III).



Desalinho. Foto: Danielle Cascaes

Desço os degraus e me movo lentamente cantando “Mamãe, mamãe não chore, a vida é assim mesmo, eu preciso ir embora...” [VELOSO, 1998].

Ao ficar defronte ao público, repito diversas vezes a frase “ser mãe é desdobrar fibra por fibra os corações dos filhos, seja feliz, seja feliz”. Revelo ao público minha dor, a minha lenta aceitação e acolhimento deste corpo, mergulho meu vestido na bacia, lavando a minha carne e deixo que minhas lágrimas/água da bacia escorram por entre os meus dedos. Converso com público e deixo demasiadamente minha emoção tomar conta de mim. Ao retomar de si, visto novamente o vestido num ciclo que não se fecha mas que vive em constante movimento de um corpo-materno.

A arte, vale lembrar, é do domínio do fazer e pede um manuseio de instrumentos objetivos, materiais, operativos. Lembremos uma vez Stanislavski: “Não podemos lembrar os sentimentos e fixá-los. Nós só podemos lembrar a linha das ações físicas”. Assim, as bases de nosso edifício não podem ser as emoções ou os sentimentos. Há de se construir parâmetros objetivos, corporeidades, e assim, permitir que as emoções se movam provocando sensações musculares que serão então sentidas e vividas pelo ator. Agindo desta forma podemos estar entrando em contato com um universo além do das emoções, como a “memória muscular”, “o corpo- memória” ou a “corporeidade antiga”, no sentido passado, do passado longínquo. [Burnier apud FERRACINI, 2013, pág. 118]

A emoção que surgiu em cena não partiu de nenhuma ação física, o que me fez perceber após a apresentação a camada superficial em que ficou a chegada dessa emoção que me fez ir às lágrimas, mas não causando os impulsos necessários para causar um efeito sinestésico ao espectador. “Para serem ações reais, devem necessariamente ter origem na espinha dorsal e se irradiar por todo corpo, alterando sua tonicidade muscular” [idem]. Não havia criado nenhuma partitura corporal para esse momento e sentia no meu corpo a necessidade de ter algo mais sólido para que quando chegasse a emoção da lembrança do meu puerpério eu pudesse ter um maior controle desse momento, algo que revelasse no espectador não apenas como um choro de emoção mais algo para além disso, algo que tivesse sido construído de maneira íntima com o meu corpo.

## Sobre maternidade e escrita de meu TCC

Estava me sentindo muito sufocada, senti meu corpo enrijecido, duro, ranzinza, esquisito, saudoso demais... Percebi meu corpo transbordar tudo ao mesmo tempo, a alegria, fragilidade, tristeza e revolta. Era tanto amor, e por que doía tanto? Porque esse corpo que transborda sente tudo aumentado, senti na pele, nos pelos, olfato, audição e paladar. Esse corpo que transborda é o corpo de uma fera, uma mulher, uma mãe. Somos assim, atentas demais, seguras demais, fortes demais e somos o oposto de tudo isso, eu me descobri assim, no oposto desta maternidade repetida em frases e flores que cheiram a rosas. Descobri meus erros e descobri que não sou tão “forte quanto o escuro do infinito”, quantas vezes quis sumir, quantas vezes desejei colo. Descobri-me na dor da ausência, na falta de apoio, elogio, encorajamento e compreensão do ser MÃE. Descobri que meu corpo transborda e que não há tempo de descanso. Agora ando encharcada do excesso de ser o que sou, fui me construindo na observância da vida, nos erros avulsos que me permiti viver, me perdoo a cada passo, lançando o pretérito perfeito, rasgo com minhas garras e mostro uma nova eu...

Inacabada, saí para levar a filha ao banheiro.

08 dez. 2019

## Bibliografia

- BACH, Richard. *A História de Fernão Capelo Gaivota*. Edição português, 1973.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética Do Devaneio*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1988.
- CATTO, Felipe. *Música Saga*. <https://www.youtube.com/watch?v=2XD-NyGZO6Pg>
- DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de em si*. RJ: Editora PUC-Rio, 2019.
- FERRACINI, Renato. *A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.
- GIL, Gilberto. *Doces Bárbaros*. <https://www.kboing.com.br/caetano-veloso-e-gilberto-gil/esoterico/>
- LIMA, Wlad. *Dramaturgia Pessoal do ator, 2005. A história de vida no processo de criação de Hamlet – Um Extrato de Nós com o Grupo Cuíra em Belém do Pará*. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal da Bahia, 2004.
- MERCÊS, Cesar de. HINDS, Sérgio. CANTUÁRIA, Vinícius. TERÇO. Long Playing. Continental. 1973.
- MIYAZAKI, Hayao. Filme *Whisper of the heart*, 1995.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*. Global, 3 ed: 2015.
- SCHULER, Donald. *Heráclito e seu (dis)curso*. L&PM Pocket, dez de 2007.
- VELOSO, Caetano. *Mamãe, Coragem*. <https://www.youtube.com/watch?v=WIQ7JBKSsu8>

## Manhã de um quase outono - entre o Pará e Portugal

Foi assim logo depois de deixar menininha na escola, seguia para a casa a pé, lembrei que tinha umas moedas no bolso, parei no café e comprei uma baguete, segui o caminho e peguei atalho pela rua que passa por um bosque de eucaliptos.

Caminho de terra batida e pedra, caminho frio, raios de sol  
Semi caminho de asfalto, um pensar em sei lá o quê dá vida

Meus olhos certos nos pássaros  
pássaros a se engalfinharem.

Imaginei cores e penas

Pouca coisa neles eu vi

e um quase nada de cores

Me fez lembrar que saudades eu sinto

De pássaros, cores,

fruto, fruta, casca, semente,

cores, aromas, folhas, água barrenta, água turva,

água clara, água fria, água doce, lama, mangue,

mangal, terra preta, barro, argila, gente.

De gente eu tenho fome.

Fome de sentar junto, comer, rezar, dançar, gritar, abraçar, beijar, lambe-  
lamber, cuspir, chorar,

Tocar com dedos a imensidão do corpo

Já ali em frente ao semi caminho de pedra dei pelo sol a aquecer minha  
cara

A natureza me veste e diz: abraça- me a tua vida é minha!

Então caminhei mais um bocado e desejei a vida, mesmo sabendo que sou  
um tão quase nada no mundo, então senti-me imensa,

desejo que meus pés caminhem farejando a audácia da vida

caminhos onde eu possa ser. Una.

## “Que coisa é o mundo”

Que coisa é o mundo que eu sou(?), essa coisa grande que preenche meu corpo inteiro pelo avesso.

Que coisa é o mundo que eu sou(?), que ri, que chora, que come e devora a ânsia de viver.

Que coisa é o mundo que sou(?), essa casca que vive por arranhar-se do outro. Que coisa é o mundo que sou? Um dia descobro quem me fez assim.

Que coisa é o mundo que sou(?), minhas lágrimas são orações silenciosas. Parece que as lágrimas do mundo cabem em mim. Cada choro engolido, cada rio soterrado deságua em mim. Queria ter a força de quem não chora, será essa força maior?

Que coisa é o mundo que sou?

## Terra

Terra batida.

terra firme.

terra preta.

território

indígena.

lugar onde habitam os seres humanos. Mundo.

Comunidade

Solo

onde nascem e crescem vegetais. Terra

Arrasada.

Terra

Desmatada.

Terra

Preservada.

Barro. Argila. Lama. aterro. caminho. estrada. chão. povoação. pedra. terra grossa. Areia. pátria. pó. poeira.

TERRITÓRIO. GENOCÍDIO. YANOMAMI.

Braga, 23 de novembro de 2021.

# A passagem de Alzira na Terra

## Sinopse

Memórias. Passagens. Encontros. Miudezas da Vida. Alzira. Diálogos de uma mulher peregrina em tempos de distanciamentos.

## Personagens

O delírio – Um senhor que lê jornais.

O ranger dos dentes – Um senhor que caminha de bengala.

A espera – Uma senhora muito bem vestida.

Alzira – Uma jovem mulher.

## Cenário

Uma sala, com cinco mesas e cadeiras distribuídas no espaço de modo que fique somente uma mesa ao centro. Revistas, jornais e livros em uma pequena estante, um gira discos e uma televisão.

## Cena 1

### O delírio

Dizem-me alguns que a vida na terra é apenas uma passagem, breve passagem. E que nunca sabemos ao certo sobre as chegadas e partidas. Apenas nascemos e por fatalidades ou essas coisas que nos tiram a vida, morremos.

### O ranger dos dentes

O mesmo ar que nos dilata os pulmões recém-nascidos é o mesmo ar que um dia nos foge, paralisando tudo e criando um enorme silêncio, retumbante silêncio.

### A espera

Um silêncio tão assustador quanto a minha falta de coragem! Qual foi a última vez em que abraçastes um amigo?

### O delírio

Qual foi última vez que brincastes? Qual foi a última vez que dissestes a alguém que o amava?

## A espera

Lembras-te do último sorriso? Lembras-te do último olhar? Qual o teu sonho?

*Ouve-se o noticiário que sai de um aparelho de TV e mistura-se com uma ópera que sai de um aparelho de som simultaneamente. Ouve-se ao longe uns passos firmes junto ao arrastar de um objeto que fica cada vez mais próximo ao som da TV e do rádio.*

*Finalmente Alzira chega à sala e ouve atenta o noticiário e em seguida deixa ao seu lado o carrinho de limpeza, repousa o cabo da mopa sobre a lateral de uma mesa, lentamente abre os braços feito um pássaro, rodopiando de olhos fechados caminha dando pequenos saltos. Gira em seu próprio eixo e ao fim da sua breve e solitária apresentação agradece a um público não existente. Para Alzira a sala está vazia e os móveis estão todos desocupados, cuidadosamente Alzira apanha um pano que está em seu carrinho de limpeza e começa a limpar as superfícies dos móveis, sua mão desliza suavemente como se tocasse o seu corpo, a limpar o corpo-casa.*

## Alzira

O meu nome? Podem me chamar de Alzira ou de peregrina, basta olhar na profundidade de meus olhos e encontrará o gosto pela vida. Saí abrindo os meus próprios caminhos, atravessei oceanos e pisando em terras estrangeiras, pareço tão pequenina e silenciosa, sou quase imperceptível. Caminho num lume ancestral. Porém senhoras e senhores o que importa mesmo é eu estar aqui, no agora. Para onde vou e como vou eu ainda não sei, deixarei que meus pés guiem o caminho como um cão que fareja a vida, passo por passo. Deixo para trás os resíduos do meu ser, corpo-casa como quem assina papéis em branco. Caminho, caminho, caminho...

Pai, sinto saudades!

Pai, sinto muitas saudades, das esquinas, das chuvas, dos rios, dos frutos e folhas... De gente, eu sinto muita fome, vontade de devorar delícias, sentir na língua cada centímetro do corpo, devorar sorrisos, gargalhadas, devorar os abraços e as mãos dadas, devorar vagarosamente um encontro de amigos. Dizer aquilo que me dói o estômago.

Ai pai! Quanta fome eu sinto.

Pai, a vida na aldeia me faz enxergar as pequenezas da vida, os detalhes que deixamos escapar por achar que o tempo corre depressa demais, en-

tão na luta para sobreviver só temos tempo para ver aquilo que se mostra grande e importante. As contas do mês, a casa, o carro, o trabalho...

Mas ultimamente, tenho observado os caracóis, que engraçado os caracóis! Os caracóis são nobres, caminham silenciosamente carregando consigo sua casa/casca espiralada, os caracóis não possuem audição e pouco enxergam, são movidos pelo tato, dormem o necessário para sua sobrevivência e se alimentam vorazmente.

São dos detalhes que me alimento vorazmente. Da janela da minha cozinha posso ver as vacas a pastar, elas correm, ruminam, chifram-se e não temem a morte, assim como os caracóis que também não temem a morte. Mas preciso confessar uma coisa, senti inveja de uma vaca! Sim, de uma vaca. Ela berrava a noite inteira e no dia seguinte e depois e depois, suas tetas estavam cheias, pois a pobre vaca estava longe da sua cria, longe do seu filhote. Senti inveja da vaca pois também quis gritar, berrar! Algo dentro de mim latejava mas não consegui gritar.

A última vez que vi meus avós, eu senti que aquele momento poderia ser o nosso último encontro e assim foi. Eu pude sentir que eles também sabiam que aquela despedida seria para sempre.

Pai, adoraria lhe contar coisas divertidas, leves e engraçadas mas realmente não sei o que lhe contar. Queria emprestar meus olhos para que tu pudesses ver somente os caminhos alegres em que percorri. Gostaria de escrever cartas incansavelmente para dizer tudo o que cabe no peito, talvez escrever um poema, um sonho, escrever para te fazer sorrir, porém ainda não tenho amigos e uso o meu tempo a olhar as miudezas da vida.

*Alzira fecha os olhos, sussurra uma canção, seu corpo parece pesado e cansado, movimenta-se como quem quer dançar.*

## **Alzira**

Senhores e senhoras eu só queria escrever um poema.



# RICK BRANDÃO



Ator, diretor, pesquisador e professor de teatro formado pela UFPA (Universidade Federal do Pará). Natural de Belém do Pará, 23 anos. Taurino, o teatro é meu esteio, é para onde eu sempre volto!

O início deste processo de pesquisa se dá do meu fascínio pelas energias e estados alterados que atravessam meu corpo em cena. Palavras de meu Trabalho de Conclusão de Curso. A Banca composta pela Professora Dra. Ana Luiza Firmeza. Outras paixões e seres que me habitam passaram então a se revelar no meu trabalho; em especial, bichos, muitos deles. A pesquisa tornou-se, assim, criação poética, entre trajetórias de vida, Teatro e minha terra, meus prazeres terrenos, Belém do Pará/Amazônia. Um processo de criação, em especial, que desenvolvo em quatro anos de pesquisa na universidade, primeiramente inspirado em minha relação com a **cobra** Boiaçu, a cobra grande da Amazônia belenense, me baseio na história dela. Esta pesquisa trata-se da performance O DESMEMBRAR DE UMA COBRA COM PENAS, que tornou-se o foco deste trabalho.

O objetivo desta pesquisa é compreender este processo de criação animalesca. Nesse caminho, busco rastejar por entre experiências de vida pessoais que reconheço amalgamadas no processo criativo, em especial minhas relações com bichos, além de serpentear meus processos de transformação cênica em acontecimento.

A cobra não é o único bicho por aqui. Compreendo que já existo como cobra, bicho que viveu e vive até hoje dentro de mim. Cobra não como representação do animal, forma dada, realista, mas como um estado de criação, imagem poética e animalesco, estado que reconheço em meu corpo. Por vezes, nomeio esse estado de outros nomes, inclusive de outros bichos, que, em meu processo de criação, remetem todos a esse estado Boiaçu que aciono em cena. O principal deles, sobre o qual me debruço também é a **Galinha**, outro bicho com o qual tenho muita proximidade desde criança.

Como pode uma cobra ser ao mesmo tempo galinha? Não se anulam? Não se devoram? Não deveria ser uma coisa OU outra? Em O DESMEMBRAR DE UMA COBRA COM PENAS não trabalho com isso ou aquilo. Tudo está junto, gera multiplicidades. E tais multiplicidades são possíveis em linhas de criação poética que invento para mim, enquanto crio com a cobra Boiaçu e com as várias peles/penas que me atravessam o corpo a partir dela, no decorrer dos anos de criação. Em tal processo, descobrir as várias potências que me acionam poeticamente e me levam para um devaneio dentro dessa criação, no acionar vários bichos para a cena e na própria escrita, que, por sua vez, compõem um único ser, UMA GRANDE COBRA, um grande corpo, como uma grande energia, que reconheço como meu estado alterado de corpo.

Esse é meu fascínio. Acredito que quando em ator entrar em cena, o mesmo precisa estar com o estado do seu corpo alterado de alguma forma, para desempenhar seu trabalho. No caso da performance que é objeto desta pesquisa, foi necessário mergulhar em vibrações advindas de minha infância e adolescência no interior do estado do Pará, que considero de extrema importância para capturar as explosões de energia em meu corpo, na cena com Boiaçu. Compreendo que o artista de teatro precisa ter consciência e conhecer bem seu próprio corpo, sua história, saber seus limites, suas dores, como operam as energias que permeiam seu corpo quando são alteradas pelos estudos, exercícios e técnicas teatrais, suas movimentações/respirações entre outros. Em minha pesquisa, procurei, sem encontrar respostas para algumas dessas questões. Talvez, nenhuma resposta. Apenas novas questões.

Reconheço, nesse sentido, que minha trajetória de vida compõe uma camada densa no processo de criação, camada que eu reconheço como **dramaturgia pessoal do ator**. Esse termo é cunhado por Wlad Lima (2004, p.6), referindo-se a "[...]um caminho de experimentação artística, cuja matéria-prima principal de criação são as histórias de vida, os depoimentos pessoais dos atores na construção da cena [...]". Vasculhando as camadas de meu processo de criação, precisei assim rememorar minha vida, principalmente a infância, sensações e percepções estas que se modificaram com o tempo, mas nunca deixaram de existir em meu corpo, me tornando mais sensível e próximo de mim mesmo, de quem eu sou, principalmente no teatro.

O processo de criação que constitui esta pesquisa vem sendo construído e apresentado em várias peles. A primeira vez que ele veio a público foi através de uma cena curta, no primeiro semestre da graduação em teatro; nela, eu desejava criar com Boiaçu, a cobra grande que vive debaixo de Belém, que tem sua cabeça enterrada embaixo da Catedral da Sé e sua cauda debaixo da Basílica de Nazaré. Naquela cena, meu corpo ficou bastante alterado, minha respiração mudou, meu olhar, minha percepção de espaço, tudo mudou. Senti-me energizado, com uma potência que nunca havia sentido antes. Depois, no quarto semestre da graduação, tive que escolher um objeto de pesquisa, um tema que me atravessasse. Então lembrei dessa cena do primeiro semestre, e como meu corpo se comportou naquele momento. Foi quando comecei a estudar o que se tornou o trabalho cênico O DESMEMBRAR DE UMA COBRA COM PENAS. Tive um potente encontro comigo

na disciplina Dramaturgia Pessoal do Ator no sétimo semestre do curso de licenciatura em teatro da UFPA, onde tive que revisitar minha galinha interna, isso me deu a clareza de que não era mais apenas a Boiaçu, era um misturar desses bichos, que acabava sendo uma coisa só na cena. **E a cena que se tornou pesquisa foi, então, definitivamente alterada.**

Ansiei por mergulhar mais fundo nos acontecimentos que tanto marcavam meu corpo no trabalho, acreditando que a cobra realmente existe lá embaixo da igreja e que eu poderia sim interpretá-la. Como criar com um BICHO? Talvez primeiro reconhecendo-se como um. O que seria um corpo “novo” de cobra, de um ser de tradição oral popular na região onde vivo, tornou-se potência, remexer de memórias, reivindicar e descobrir um lugar no meu corpo. No campo de pesquisa teatral, tive a liberdade poética de criação que não teria em outro lugar, então me debrucei nessa criação, nos escritos e desenhos devaneantes que me ajudaram a atravessar o processo.

Foram anos de descobertas e de autoconhecimento, e sim, eu sinto que ainda não estou nem perto de descobrir tudo... acredito que pesquisar desta forma me trouxe uma clareza a mais do que significa teatro para mim. Tenho uma consciência mais aprofundada na linha de pesquisa que gosto de seguir no teatro, ou fora dele, acredito que minha pesquisa não cabe mais só no teatro, ela já é maior que ele, bem maior.

Tal metodologia foi pensada primeiramente como uma pesquisa de campo, o campo era meu corpo no caso, e as energias que ele produzia em criação. Então comecei a buscar compreender-me em criação, perceber o que se alterava em meu corpo, quando eu apresentava a cena da Boiaçu. No decorrer dos anos, minha pesquisa foi revelando encontros comigo mesmo na construção da cena, descoberta de trajetórias de vida que se encaixaram e potencializaram esse descobrir. Descobri que meu corpo é mais que um campo. Esse misturar de bichos, sentir como bicho, ser um bicho... Que nome se dá a isso?

Eu sigo.

**PELES**

**PENAS**

**CAMADAS**

**ESCRITURAS**

**DESDE QUANDO VIREI GENTE?**

Estou há mais de três anos com a grande serpente em meu corpo, (... TESTEMUNHO DISSO, EU CONSIGO SENTIR SEU CORPO E SUA RESPIRAÇÃO QUANDO ME ENVOLVO...) pude notar várias vezes este ser se modificar e transmutar-se dentro de mim. O processo de pesquisa interna, e de minha história, vem se modificando ao longo dos anos... Eu descobri a existência de uma cobra interna que já existe dentro do meu ser... Ela se lapidou, se apropriou, ancorou-se, se fez casa em meu corpo, ou simplesmente sempre existiu em mim, porém só hoje **tenho ciência disso ou invento que assim é.**

Minha infância foi consolidada e vivida no interior do estado do Pará, na cidade de Capanema (a terra do cimento). Lá sempre tive muito contato com a natureza, apesar de ser uma cidade de médio porte, minha família sempre teve sítios nos interiores próximos de Capanema como: São Miguel do Guamá, Bonito, Peixe Boi (Nordeste do Pará), entre outros. Desta forma, sempre tive muito contato com os animais, rios, igarapés, plantas, matas... Aqueles espaços eram o paraíso, e eu me deleitava nestes momentos e sentia minha existência toda fazendo parte do ciclo da vida, o ciclo da natureza, o ciclo da Amazônia, da minha Amazônia pessoal.

O despertar da cobra no meu corpo foi se dando por aí, nascia aí, e eu não sabia, mas essas vivências, essa aproximação desse menino do interior com a natureza amazônica me proporcionaram **o nascimento de um ser bicho** (que posteriormente saberia o que era, era uma cobra, uma cobra jovem ainda, que acabei descobrindo que esta cobra em sua fase inicial era também galinha). Os cheiros em minha memória são muitos simbólicos, os cheiros dos rios, o cheiro na mata, o cheiro das frutas colhidas do pé, o perfume das rosas, as fezes das galinhas...

Eu era uma criança sem “não me toques”, eu ia pro meio do mato mesmo, sujava os pés de lama e cocô de galinha, ficava horas e horas dentro do galinheiro analisando o comportamento das galinhas, observava os porcos e como a mamãe porca dava de mamar para os seus nenéns. Tirava leite das vacas de manhãzinha, tomava muito banho de igarapé, subia nas árvores para apanhar frutas e na hora de dormir era em uma rede que eu deitava. Ah, esses momentos nos sítios são tão importantes e significativos para mim. Até hoje pratico isso com minha família quando vou para o interior.

Em alguns momentos em certos lugares onde estávamos apareciam sapos, lagartos, mutucas... E cobras. Lógico, estávamos no habitat deles,

era normal isso acontecer... Revisitando essas minhas vivências, dou-me conta de que, em meio aos acasos, sempre havia uma cobra presente. Não era acaso, ela sempre esteve lá. O bicho, porém não se dava como cobra, não se notava. Sempre acreditou ser muito humano, sem jamais ter sido. A cobra era eu, era o Maurílio Henrique Guimarães Brandão Soares.

## Que bicho é esse?

Sei que tem penas e escamas, os olhos são expressivos, demonstram forças internas. Esse bicho é uma mistura, (...CONSIGO PENETRAR EM SEU SANGUE, CONSIGO SENTIR SEUS POROS LATEJANDO QUANDO EU CHEGO...) um mesclado de sensações e criações que se unem em uma potência única. Ele é do mal? O que é ser do mal? O que é que faz um ser ser mau?

Vingança? Trevas ou luz? É o que eu estou descobrindo... Só sei que tem uma mistura que pode ser misturas de muitas sensações e sentimentos também, é como se fosse um corpo encostado, um corpo acoplado, uma energia externa que se une à minha trajetória de vida e monta uma coisa única. **Ela, a Boiaçu, e eu, criamos essa coisa... Somos isso.**

Antes era só ela, a Boiaçu, era só para ela que eu olhava, a ela lançava questões, durante os três anos e meio de pesquisa artística (...ENCARAR, PENETRAR E SENTIR-ME EM SI, EU O SEDUZIA...). Eu tentava encontrar o lugar desta pesquisa por entre minhas experiências de vida, mas ficaram algumas lacunas que eu não conseguia fechar, ficavam perguntas que eu não conseguia responder, nem ampliar. Todo esse processo pesquisando sobre a cobra me fez despertar minha memória interna, minha trajetória de vida, de infância. Isso tudo tinha um propósito, **o propósito era o aparecimento e o surgimento desse bicho em meu corpo.**

Nada disso é em vão, a Boiaçu despertar isso em mim, essa vontade de pesquisar, de **conectar-me com as energias da mata.** Devaneio que isso é também um pedido de socorro, ou um aviso: Tome cuidado com a gente... (Seres encantados da Amazônia), vocês não sabem com quem estão mexendo... O fogo que queima a Amazônia, o desmatamento e as poluições estão enfurecendo os seres encantados da floresta... Inclusive ela, a Boiaçu. Para mim, para este criador, isto não é lenda, nem mito.

A cobra se mistura comigo, com minha história, sofre mutações, potencializa-se, vira quimera animalesca. Eu sou Boiaçu que está presente

nas matas, nos rios, nos igapós, nas areias e até mesmo nas cidades grandes, embaixo das grandes igrejas... O que tem de tão bonito nas minhas cores que me permitem permanecer viva? Viva, vida de comunicação com a natureza e os efeitos que os seres humanos têm sobre ela. Criar potências e experiências me permite prevalecer em um estado de contemplação desse corpo que grita, que reivindica um lugar em mim, a cobra que toma conta, que se mistura com meus bichos internos e deseja inundar vários corpos, os corpos de quem a vê...

Tente se lembrar, Henrique... Tente se lembrar, leitor... Lembre-se de sua infância... Que bicho você era? E por que esse bicho morreu dentro de você? Você pode ter se esquecido dele, (...MEU POVO AMAZÔNICO, DAS MATAS, TEM FORÇA, MUITA FORÇA, NÃO FOMOS E NUNCA IREMOS SER SILENCIADOS...) mas ele sempre estará aí, dentro de você, esse bicho foi sua infância e sua trajetória de vida, foi o que te trouxe até aqui, ele nunca te abandonará, porque ele é você, e você é ele... O meu é a galinha, e a galinha sou eu... E a galinha também é cobra.

## **A pele que era pena, ser quem se é, ser você em sua totalidade**

A Boiaçu reivindica um lugar no meu corpo, isso se dá pelo fato de eu acreditar que ela faz parte de mim hoje, eu realmente acredito que ela existe debaixo da igreja, eu realmente acredito que ela vá concretizar o que sua história narra. O que se dá no imaginário popular sobre esta serpente está muito vivo em mim, isso se mistura com minhas experiências de vida, com o galinheiro... Corpo encostado, a essência e energia dela se misturam com a minha, formando assim um produto final de energia, ou seja, eu me aproprio dessa história existente no imaginário popular de Belém/Amazônia, e eu acabo me apropriando dessa potência de cobra, misturo tudo com os bichos que já existem em mim desde a infância, com o bicho que sou, que me torno.

Quando a galinha era a cobra em meu corpo, e tudo era o bicho.



Foto e Maquiagem: Wagner Guimarães

O processo de migração da cobra/galinha de sair do interior e vir ao encontro da cobra da cidade grande vem sendo um processo sobre o qual tento escrever e desenhar com muita cautela. O amadurecimento da galinha do interior ao se encontrar com a cobra da cidade grande proporciona em meu corpo um choque, logo, um estado de profundo mergulho interno, pois tudo isso acontece dentro de mim, e **eu escolho olhar para isso**. Em meu fazer teatral, um ato que exige essa observação assídua, para que eu tenha domínio cênico, potências que trazem à tona a grande serpente que surge na cena. Essa Boiaçu que aparece na cena traz consigo muitas peles, minhas dramaturgias pessoais, entremeadas às narrativas da grande serpente do imaginário popular de Belém/Amazônia.

**Minhas vivências misturam-se à cobra nas potências de um corpo animalesco que revira a cena, inventando o trabalho cênico O DESMEMBRAR DE UMA COBRA COM PENAS.**

**EU JÁ NASCI GRANDE. AS ÁRVORES, OS RIOS. EU RASTEJAVA PELOS RIOS COM PROPRIEDADE E TRANQUILIDADE, ALI ERA MEU**

LUGAR. PREPARO MEU ACONCHEGO PARA DESCANSAR APÓS FAZER UMA REFEIÇÃO, DESSA VEZ FOI UMA LONTRA, ELA ERA BEM GORDA E ESTAVA BASTANTE SUCULENTA, PUDE SENTIR SEUS OSSOS SE QUEBRANDO QUANDO A ENVOLVI COM MEU CORPO E MINHA PELE FRIA ESCAMOSA... PREPARO MEU LEITO PARA DESCANSAR... ENQUANTO DESCANSO E FAÇO A DIGESTÃO DO MEU ALMOÇO, OUÇO BARULHOS, GRITOS, ERAM GRITOS DE DESESPERO, OS GRITOS DO POVO DA MATA. OUVI BARULHOS QUE NUNCA TINHA OUVIDO ANTES. ERAM SONS ESTRONDOSOS QUE ME DEIXARAM ATÔNITA E CONFUSA, SAÍ PARA VER E ME DEPAREI COM COISAS QUE NUNCA HAVIA VISTO, ERAM BICHOS, COMO ALGUNS AMIGOS MEUS, PORÉM MAIS CLAROS E CHEIOS DE COBERTURAS, CORES E BRILHOS QUE ME OFUSCAVA OS OLHOS, ERAM OS BRANCOS... SEM QUE EU PUDESSE ME DEFENDER ELES ME VIRAM... ATÉ PORQUE EU SOU BEM GRANDE, ENTÃO NÃO CONSEGUIA PASSAR DESPERCEBIDA. FOI AÍ QUE ELES COMEÇARAM A ME ATEAR FOGO, E ME DERAM UMA SUBSTÂNCIA, A MESMA QUE FOI DADA A MEUS AMIGOS. MAS NÃO FOI UMA DOSE SUFICIENTE PARA MIM... MESMO ENVENENADA CONSEGUI ESTRANGULAR UNS E ENGOLI-LOS, MAS NÃO FOI O BASTANTE. ELES ME AMARRARAM E ME DERAM MAIS VENENO, EU FUI PERCEBENDO MINHA VISÃO ESCURECER E EU ESTAVA CADA VEZ MAIS FRACA E SEM SABER O QUE ESTAVA ACONTECENDO, EU SÓ LEMBRO DOS GRITOS, DOS GRITOS DOS MEUS IRMÃOS. ENTÃO CAVARAM UM ENORME BURACO, ME ENROLARAM E ME JOGARAM LÁ DENTRO, EU IMÓVEL. NÃO CONSEGUIA SAIR, ELES PENSARAM QUE EU TINHA MORRIDO DEVIDO A QUANTIDADE DE VENENO QUE HAVIAM ME DADO. MAL ELES SABEM, QUE MEU VENENO NATURAL SERVIU COMO UM PEQUENO ANTÍDOTO NÃO PERMITINDO MINHA MORTE, MAS A QUANTIDADE FOI O SUFICIENTE PARA ME DEIXAR DOPADA ATÉ HOJE. SINTO QUE ESTÁ CADA VEZ

MAIS FRACO, MEU ORGANISMO ESTÁ REAGINDO, E QUANDO EU ESTIVER PRONTA, ME VINGAREI...COM MEUS OLHOS DE FOGO... ATÉ QUE OLHO MAIS A FRENTE, E VEJO O QUE FALTAVA, OU O QUE SEMPRE ME PERTENCEU... OUTRA PELE, UMA PELE QUE NA VERDADE ERAM PENAS, ERA UMA PROTEÇÃO, UM

PEDAÇO DE MIM, ENTÃO TRAGO E ME CUBRO TORNANDO-ME ASSIM MAIS FORTE E COMPLETA. ENTÃO VOLTO À MINHA VIDA DE ANTES, A VIDA QUE EU SEMPRE TIVE E QUEM EU SEMPRE FUI, NA FLORESTA, NOS RIOS, LIVRE... A GRANDE BOIAÇU GALINHA DA AMAZÔNIA. MAS NA VERDADE ERA CENA, ERA ELE, UM ATOR. ELE E EU SOMOS ALGO QUE SE CONFUNDE E VIVE.

## INGRID GOMES



Educadora social, performer, encenadora, dramaturga e produtora cultural. 31 anos. Graduanda em Licenciatura em Teatro – UFPA. Integrante do grupo de pesquisa Ubuntu Amazonidas - UFPA; Pós-graduanda em Análise das Teorias de Gênero e Feminismos na América Latina - UFPA. Cursa Técnico em Cenografia pela ETDUFPA. Educadora Popular na Rede Emancipa. Idealizadora da Pororoka Produtora que desenvolve pesquisas em arte cênicas nas áreas do teatro experimental e dispositivos de escrita dramática, sob perspectivas do pensamento decolonial e feminismo interseccional.

E-mail: [ingrid.freitas@ica.ufpa.br](mailto:ingrid.freitas@ica.ufpa.br)

# Performances de um corpo-cuíra: histórias, atravessamentos e feminismo interseccional

## Resumo

O presente artigo pretende a partir de duas performances **Por uma história negra** e **Maria Ponta da Lança**, acionar diálogos teórico-práticos sob perspectivas do feminismo interseccional. Desta maneira, ao partilhar relatos e alguns apontamentos da elaboração destas performances, busca-se discutir dentro do campo das teorias feministas, contribuições micropolíticas nas Artes Cênicas para um trilhar decolonial. Palavras-chave: performance, feminismo interseccional, decolonialidade.

## 1. Histórias e corporeidades

Para quem estiver interessado na intimidade espiritual: ouça mais os ancestrais, o espírito, as árvores, os animais. Concentra-se no ritual. Ouça todas essas forças que vêm e falam conosco e que, normalmente, ignoramos. (SOMÉ, Sobonfu, *O espírito da intimidade*, 2007).

As pretas velhas com saberes repassados pela oralidade por pessoas que vieram antes, partilham cosmovisões das/nas florestas possíveis para curar corpos. Com reza e banhos de ervas. Certo dia, eu estava numa corrida matinal quando um senhor cujo o nome com seu apelido, apresentou-se como, Quatro Horas. Chamou-me para perguntar se conhecia a semente de cumaru<sup>2</sup> enquanto ele estava debaixo da árvore a vasculhar folhagens para encontrar as sementes deste fruto. Respondi que não. Sorri. Tentei continuar a corrida mas hesitei, queria saber mais sobre a semente, ou melhor, sobre aquele velho retinto de voz grave e calma, que às 6h30 am estava Tateando a terra. Aquele momento não pedia passos ligeiros. E o tempo pede?

Logo, minha caminhada tornou-se um vasculhar por sementes e escuta atenta ao que aquele senhor quis partilhar comigo naquela manhã, em que meu cronograma já estava posto. Dias depois triturei uma das sementes

---

2. Fruta amazônica, bastante utilizada na culinária e como remédio.

que encontrei e misturei com um pouco de andiroba, como diz o seu Quatro Horas: *é um santo remédio. Mas atenta pra passar por cima do baque e não ir pegar sereno, que este remédio é muito fino.*

Lembrei do tempo em que minha vó materna, Agripina Tavares, benzia as crianças e puxava barriga das grávidas do nosso bairro. A reza com planta que aliviava o mau e protegia. Ela é sabida e bastante conhecida por essas bandas.

Talvez, eu precise explicar o motivo pelo qual esta escrita inicia desta maneira. Sou “um corpo no mundo” (Luedji Luna, 2017), e este, está no entre lugar e em constante devir. A arte se achega para mim em 2017, quando começo a cursar licenciatura em teatro na UFPA, e sigo caminhos por onde a arte seja arma política e espelho anticolonial. É com a arte que me movimento desde então, minha possibilidade de olhar e sentir o mundo de múltiplas maneiras. Foi neste lugar acadêmico que fez-me enxergar o seu Quatro Horas e minha vó, como relatei acima. Parece um equívoco, haja vista, que a instituição acadêmica é branca, falopatriarcal e tem como base a hierarquização de saberes, logo se posiciona em maior incidência sob perspectivas das colonialidades.

Então, como pode que a partir da universidade com todas atribuições de ser excludente, eu enquanto estudante esteja desconstruindo algumas maneiras de ver e de ser no mundo? A resposta que me vem à mente é à coragem e resistência, por exemplo, de pessoas como a professora Luzia Alvares, co-fundadora do Grupo de Estudo e Pesquisa “Eneida de Moraes”, que ao iniciar a articulação deste grupo, expande perspectivas de dentro do território acadêmico e como isto é movimento que gera outros movimentos, como podemos ver na descrição sobre apontamento para a criação do GEPEM:

A criação do Grupo de Estudos e Pesquisas “Eneida de Moraes” sobre a Mulher e Relações de Gênero – GEPEM, no CFCH/UFPA, em 1994, pode historiar o processo agregador que foi desenvolvido pela Profa. Luzia Álvares/DCP/CFCH/UFPA7, cuja linha de pesquisa vinha, desde o ano de 1986, tratando do tema sobre mulher & política e interessada em agregar as demais colegas para o pool sobre esses estudos na UFPA. Este processo se constituiu num marco de efeitos de colateralidade sobre o enfoque da história das mulheres, ao congregar não só as pesquisadoras das diversas áreas interdisciplinares das Ciências Sociais e das Letras

e Artes, mas de outras áreas de universidades particulares e estaduais do Pará (Saúde, Educação, etc.). Do I Encontro temático organizado por esse grupo de pesquisadoras, em novembro/94, com múltiplos objetos de estudos e muitos interesses quer acadêmico, quer de militância, criou-se uma nucleação interdisciplinar que tem colaborado com os estudos atuais de gênero, seja na perspectiva feminista ou não, tratando também das questões pertinentes às mulheres. (ALVARES, 2010, p. 03)

Abre-se um campo de discussão sobre o tema **mulher**, em que no partilhamento de suas vivências enquanto pesquisadora feminista, tanto oralmente em suas aulas, como em seus escritos acadêmicos, corrobora para que mais pessoas adentrem este espaço criticamente. Zélia Amador, Professora Emérita da UFPa, também é uma outra referência, com seus movimentos nas lutas e ações afirmativas na instituição. As duas trouxeram suas inquietações e articularam-se politicamente neste território. Assim, assentaram/assentam este território de disputa de narrativas para que outras pessoas, a partir de suas possibilidades e potencialidades, nestes movimentos que alargam caminhos, abracem as histórias de tantas mulheres que partilham do mesmo ideal de construir um mundo menos desigual entre as pessoas. Um mundo que pudessem entender processos estruturais de opressão, caminhos trilhados de decolonização neste lugar, ampliando-os para além dos muros da instituição. Ressalto que em todo território tem-se disputa de narrativas. Esta é a minha experiência na universidade, em reconhecer a importância das lutas que também são travadas no campo acadêmico, no entanto não quero enrijecer a ideia de que, somente nestes espaços podemos legitimar corporeidades.

## 2. Corpo Político

De um território amazônica de onde percebemos e sentimos aspectos da colonialidade, de como tem sido dispositivo de continuação para o fortalecimento do poder do sistema *colonialcapitalístico* (ROLNIK, 2018), como o projeto neoliberal assim segue a diminuir e capturar tudo que é categorizado como margem e periférico. Quem determinou o centro e se empurrou para esta construção? Questionar é político.

Deste modo, meu corpo mulher transforma-se em um dispositivo insurgente para influenciar em diversas caminhadas a meter mão, boca,

olhos, narinas, ouvidos, estômago e o coração para o experienciar em poéticas-rios, onde almejo tratar da rastros opressivos das facetas das colonialidades, bebo da escrevivência (EVARISTO, 2020) de maneira subjetiva, de “uma ferida que nunca foi tratada. Uma ferida que dói sempre, por vezes infecta, e outras vezes sangra” (KILOMBA, 2019).

Eu me chamo, Ingrid Gomes, no vivenciar dos multiuniversos de histórias para serem escavadas e para nos banharmos nos rios do sentir, eco-anthropofagicamente, percebo que os dizeres que me chegaram sem esforço, sujando de branco meu corpo e tapando meus sentidos para tantas outras possibilidades de ser/tornar-se um corpo, me distanciaram das potencialidades de ser. Nomearam o continente após a invasão, que exalta exploradores de terras. Sobre nomear cidades e levantar monumentos históricos para provocar a “evolução” da sociedade, “civilizando” corporidades a culturas que não lhes cabiam. “Numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade” (POLLAK, p. 4). O epistemicídio continua na pós-modernidade de onde ainda se vive o mito da democracia racial, que se caracteriza como uma persona para a “imposição do silêncio” (AMADOR DE DEUS, 2008, p. 71).

## 2.1 Vídeo-performance: Maria na Ponta da Lança

<https://www.youtube.com/watch?v=YyFebDtlezo>

Esta vídeo-performance teve início de elaboração na avaliação da disciplina Encenação do Curso de Licenciatura em Teatro, ministrada por Karime Jansen e Marton Maués, durante a pandemia pelo modo ERE (Ensino Remoto Emergencial). Houve um texto indutor chamado *Casa de bonecas*, de autoria de Henrik Ibsen, de 1879, dramaturgo norueguês. Esta dramaturgia é riquíssima com acionamentos de vivências de mulheres da classe média e alta daquela época, em que eram infantilizadas, enxergadas como fúteis, frágeis e dependentes, vistas pela sociedade repletas de convenções sociais como seres incapazes de tomar decisões por si mesmas. Com inúmeros aspectos sobre naturalização da violência de gênero abordada na dramaturgia, optei por elaborar uma poética sob o seguinte questionamento trazido por Sojourner Truth, na Conferência *Pelos direitos das mulheres*, em Akron, Ohio, 1851: Eu não sou uma mulher?

Em *Enegrecer o feminismo*, de autoria de Sueli Carneiro, esta aciona os aspectos que Truth tenciona na conferência com seu discurso:

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. (CARNEIRO, 2003: p.1).

Acredito que esta indagação seja um marco histórico para pensarmos as opressões pela perspectiva do feminismo interseccional,<sup>3</sup> em que as intervenções políticas possam ser realizadas de modo que abranjam outras camadas de subalternidade de gênero construídas na sociedade. Sojourner Truth, pontuou naquela conferência o direto por existir, que segundo as pautas levantadas até aquele momento de sua intervenção discursiva, não havia sido contemplada por ser mulher preta e ex-escravizada. Atualmente, temos acesso a um universo de narrativas sobre feminismos e todas contribuíram/contribuem, significativamente, para processos de combate às violências de gênero e outras ultrapassam estas camadas, como por exemplo: de classe social, da racialização, da sexualidade e territoriais. Tendo algo relevante para o debate sobre teorias do feminismo negro e interseccional, Sueli Carneiro, em entrevista à revista CULT, fala sobre os atravessamentos próximos das duas teorias:

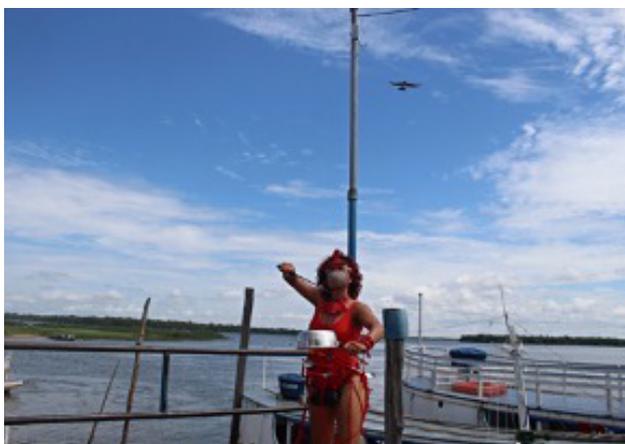
Eu recebo isso como polifonia maravilhosa que está aí. Eu sou uma feminista negra porque sou antiga, tenho quase 70 anos. Quando as meninas me chamam para falar sobre feminismo in-

---

3. A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas de interação entre dois ou mais eixos de subordinação. Ela trata especificamente da forma pelo qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outro sistema discriminatório criam desigualdade básica que estruturam as posições relativas de mulheres, raça, etnia, classe e outra. (CRENSHAW, 2002: p 177).

terseccional, eu respondo: chamem a Djamila Ribeiro porque ela que é feminista interseccional. Eu nunca usei esse conceito porque sou muito anterior à emergência dele, embora os sentidos que ele carrega estejam presentes nos meus textos e de outras mulheres negras da minha geração. (CARNEIRO, 2017, p. 18).

Deste modo o que pretende-se com a **Performance** construída a partir das pautas levantadas pela dramaturgia e pelo discurso de Sojourner Truth, é visualizar as operações de opressões com camadas interseccionais, propor reflexão sobre este tempo-agora, com elaborações de símbolos subsidiados pela memória e afetações destas operações. Deste modo, esta vídeo-performance são afetações de percepção de violência ao corpo mulher.



Performance Maria na Ponta da Lança, em São Domingos do Capim-PA.

Foto: Amilton Moreira.

## 2.2 Performance Por uma História Negra

Nasce de um incômodo sobre o tempo... os modos operantes que irei desenvolver aqui são movimentos por um corpo político mulher, indígena afroamazônica, lésbica, pobre... destas inter-relações que situam meu corpo em subalternidade, qualquer agir pela linguagem artística carrega histórias, portanto não se distancia do que esta proposta busca. Logo, este relato banha-se em busca de com este corpo mulher ultrapassa uma dimensão de sobreviver, testifica numa criação de um espaço utópico que pode ser possível.

De quantas vezes que deixei de realmente escutar alguém pois meus passos sempre tinham que se adiantar para um futuro de ausências de afetos, foi então que comecei a tentativa de frear-me para seguir, olhar a necessidade do meu corpo no espaço em que mais estava presente, na ETDUFPA.

Neste primeiro momento, aponto este fazer poético-político com o que ainda consigo alcançar em minhas memórias referente ao processo criativo desta performance intitulada: **Por uma história negra**, a qual parte de minha querência pelo encontro com o outro e como dinâmica de criação de um dispositivo para fissurar a história oficial referente ao apagamento de histórias negras. Por este motivo a performance é racializada. Recordo-me que estava finalizando um processo no Grupo de Teatro Universitário – MANAS PRETAS 2018, que também trabalhava com aspectos da negritude. E estava bastante inquieta com nossa dinâmica de dar conta de tudo sempre, as partilhas realizadas neste grupo foram-me enxergamentos de como as colonialidades se apresentam, pois senti tudo no corpo. Uma imagem que sempre vem à tona deste momento, demasiadamente exaustivo, são das tantas vezes que transitei na correria pelos corredores da ETDUFPA em que eu, simplesmente, queria parar num daqueles bancos e conversar sem tempo de partir ou ligar para minha mãe para escutar sua voz sem pensar nas demandas que devia cumprir.

Chego a pensar que corpos racializados que estão num maior grau de intercessões de opressões transitam entre a *sociedade disciplinar e sociedade desempenho* (HAN, 2015), pois ao mesmo tempo que estamos lutando pelo direito de falar, também, estamos numa tentativa impositiva de “ser alguém”. Neste modo, com os espaços que foram/estão sendo alcançados com muita luta são os mesmos que levantam a bandeira da meritocracia. No guarda-chuva das colonialidades que todes estamos debaixo é necessário refletir que muitos não possuem estruturas mínimas para prosseguir seus trajetos.

Tornar a vida útil para si numa perspectiva colonial-capitalística, é explorar a si mesmo, o que ocasiona o distanciamento referente às relações afetivas, devido as demandas produtivas que sustentam o sistema capitalista, sobrecaídas aos sujeitos, ao que diz respeito e à sobrevivência. Estes dispositivos de controle operam sobre nós de maneira que naturalizamos estes mecanismos de explosão. O grande desafio ao identificar o desgaste do corpo por diversos motivos, dentre estes, o que mais me chama atenção, é o distanciamento das redes afetivas. Nestas afetações cotidianas de uma estudante negra vinda do interior do estado do Pará, São Domingos

do Capim, para estudar em Belém, pensar sobre imbricados interseccionais tem sido dispositivo para compreender estes processos estruturais, por isso direciono-me artisticamente para me unir à urgente luta por decolonização. Ao me relacionar com corpos negros que estão dentro deste sistema, como o caso do **grupo de teatro – Manas Pretas**, operou-se outros caminhos para meu fazer artístico.

Tais questões estão profundamente interligadas a este trabalho, no sentido de que pensar uma performance é refletir sobre as inquietações existentes no corpo com relação à sociedade, é um posicionar político primeiramente questionador, diante de alguma problemática social real. Para mim, neste momento, somente confrontá-la com a denúncia não me satisfaria enquanto criação. Provocar um encontro, estar disposta a encontrar um outro também disposto, assim seria uma ação subversiva, o ato de parar e ouvir atentamente foi o primeiro desencadeador de um caminho criativo. Eu precisava escutá-lo, meu olhar precisava comunicar a necessidade de enxergá-lo, de reconstruir num ritual da relação:

Pode ser um bom dia, uma boa tarde, até mesmo um olhar, ou quem sabe um sorriso, ou como foi, em maioria, um curioso: boa noite. O convite em delineado-espaco organizado para um: sintá-se à vontade, vamos partilhar narrativas negras? A conversa começa com um desejo de que seja boa. Ritual inicia no anterior ao encontro: separar trocados, pedalar, comprar, pedalar, misturar geralmente R\$ 3,59; 1/5 de R\$ 4,00; 1/3 de R\$ 2,95, 1/10 de R\$ 4,65; R\$ 2,00; 2/10... – tá bom, são continhas como estas que me atropelam o tempo – continuando; mexer mexer, provar, queimar a língua, lambuzar as palmas das mãos, delicados movimentos circulares, salpicar de confeito e o deitar na forminha. Um passo a passo para a dádiva de retribuir. Para o viver-encontro de minutos poucos, na percepção que o mínimo poderia e deve ser alargado, sensação que nestes minutos poucos o relógio mudou de sentido... mesmo que com o sentar quase pra levantar de alguns dos sempre atrasados para o futuro. O que nos falta é tempo, porque a gente aprendeu a gastar o tempo-presente para perspectivas futuras... desgastantes? e alguém esqueceu ou por algum motivo não quer me dizer sobre o antes, antes de estar aqui, nas profundezas das inquietações e dos não-lugares.



Por uma história negra.

Ao começar o ritual de preparação para a Performance rodeia meus sentidos em processos para estado de cura. Se veste de utopia, na perspectiva do corpo ter urgência de fazer algo para um encontro sensível, para a partilha de ser. No delineado espaço-tempo provocativo de estar à escuta de sujeitos-narradores-performers, neste tempo neoliberal e capturador de subjetividades. Os gatilhos desta Performance, para além de reconhecer que propicia um lugar-utópico onde se possa conversar, partilhar uma história negra, se caracterizam como movimento de viés da micropolítica, pois são na precisão de um ambiente possível, até mesmo efêmero, que se desenvolve em um recorte de tempo preciso, a fim de romper a superficialidade de relações. Como se soubéssemos do que carecemos para a cura. Mas nosso estado nesta *sociedade do cansaço*, teoria criada por Byung-chul Han (2017, p. 71), reflete sobre a organização social contemporânea geradora de *sujeitos desempenhos*, ou seja, somos construídos para produzirmo-nos e vivermos um “cansaço solitário, que atua individualizando e isolando” (idem). Efeito que nos impede de projetar um corpo em cura.

A Performance abraça a relação que é provocada e firma existência em conjunto com o espectador-performer, ao dispor-se a compor este lugar-outra. Ela pode ser fragmentada em três etapas de composição, as quais são um ritual de desenvolvimento, primordial para a afetividade no encontro. Desta forma, sua organização possui objetivos que “nesse processo, mais do que gerador de uma obra, o artista se torna um catalisador que gera dispositivos para que essas relações possam ser geradas, inventadas e fortalecidas” (ALICE, 2019). Gerar possibilidades com a arte para a aproximação de sujeitos, este, sem dúvidas, foi fator principal no momento da idealização da Performance. Deste modo, alcançar tais dispo-

sitivos para o processo de criação da Performance do Encontro, com direcionamento a narrativas de histórias negras, para a urgência em se assumir outro caráter político da Performance, o identitário “é a performance envolvida com as preocupações, os desejos, e mesmo a visibilidade dos normalmente excluídos por raça, classe ou gênero, pelo teatro tradicional ou mesmo pela performance moderna” (CARLSON, 2009: p. 163).

**Por uma história negra**, trata-se de uma escuta sensível aos corpos transeuntes que sentiram-se dispostos em partilhar por meio da oralidade uma estória de qualquer pessoa negra, provocados a rememorar para tecer neste encontro performativo variedade de ópticas de existência destes corpos, algumas divergentes aos das colonialidades, outras não. Mas o fato é que criou-se em espaços controversos, a possibilidade e o conversar justamente em um espaço de partilha.



Por uma história negra. V Marcha das Mulheres Negras de Belém/PA, 2019.

Foto: Pamela Soares.

Identificar o afeto durante um encontro por vezes com pessoas desconhecidas, para mim com esta Performance não é um desafio, mas uma provocação para deixar o corpo aberto para o contato, deixar-se afetar. Uma de minhas maiores cuíras sobre as doenças contemporâneas que apeteem principalmente os corpos em subalternidade, tem sido a armadura para com o outro... Que mundo é este que construímos que nos faz ausentes no tempo afetivo? Trato aqui de rios profundos para mergulhamentos de reconstrução e construção de acontecimentos, de histórias, existências

e resistências de corpos em afeto, atravessados por memórias de lutas e de silêncios de corpos em foco negres. Pois como não pensar sobre os reflexos coloniais que determinam também neste tempo agora a lutar e re-existir?

## Conclusão

**Maria na Ponta da Lança e Por uma História Negra** são Performances sob perspectiva decolonial, que friccionam as interseccionalidades nas quais o corpo está inserido. São ações de performatividades artísticas que partem de cuíras do corpo para com este tempo-agora, a fim de tatear possíveis estados de cura durante o processo de elaboração e no ato de realização das Performances. Neste trabalho de escrita relatei alguns disparadores para tais elaborações poéticas e memorei estas micropolíticas que não alcançaram sobre somente meu corpo mas de todes que puderam e estiveram dispostes a construir um tempo outro não necessário a nosso tempo, e fissurar o tempo-opressor, assim lugar de olhar a si, questionar a si e o tempo-espço. Principalmente, criar e recriar potencialidades do corpo mulher estar no mundo.

## Bibliografia

- ALICE, Tânia. *Diluição das fronteiras entre linguagens artísticas: a performance como (r)evolução dos afetos*. Disponível em: [http://taniaalice.com/wp-content/uploads/2012/11/palco2014\\_Artigo\\_Tania.pdf](http://taniaalice.com/wp-content/uploads/2012/11/palco2014_Artigo_Tania.pdf) Acessado em: 15 jan 2022.
- ÁLVARES, M. L.M. *Histórias, Saberes, Práticas: Os Estudos Sobre Mulheres Entre As Paraenses*. Texto preliminar originalmente no 7o Encontro da REDOR, em set./1998, em São Luís, Maranhão. Publicado Revista do Nufen - Ano 02, v. 01,n.01, janeiro-junho, 2010.
- AMADOR DE DEUS, Zélia. *Os herdeiros de Ananse: Movimento negro, ações afirmativas, cotas para negros na universidade*. Tese (doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Pará. Belém. 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/3060>. Acessado em: 20 set. 2021.
- CARLSON, Marvin. *Performance: Uma introdução crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- CARNEIRO, Sueli. “Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero”. In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Org.). *Racismos contemporâneos*. RJ: Takano Editora, 2003. Disponível em:[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=000103&pid=S0104-026X201300020000300008&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000103&pid=S0104-026X201300020000300008&lng=pt).
- *Sobrevivente, testemunha, porta-voz*. Entrevista concedida a Bianca Santana. CULT, São Paulo, n. 223, p 12-20, maio 2017.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero, Estudos feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1, p.171-189, 2002. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2018.

- EVARISTO, Conceição. <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/> Acesso em: 10/04/2022.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª edição ampliada – Petrópolis- RJ: Vozes, 2017.
- HOOKS, Bell. *Não sou eu uma mulher? Mulheres negras e feminismo*. 1ª edição 1981. Tradução livre para a Plataforma Gueto. 2014. Disponível em: [https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher\\_traduzido.pdf](https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher_traduzido.pdf). Acessado em: 20 set. 2021.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. – 1. Ed. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019.
- KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. 1. ed. Companhia das letras, 2020.
- POLLACK, Michel. <https://docente.ifrn.edu.br/andreacosta/memoria-e-patrimonio-cultural/texto-de-michael-pollak-memoria-e-identidade-social/view> Acesso em 10/04/2022.
- ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: Notas para uma vida não cafetina-da*. N-1 Edições, 2018.
- SOMÉ, Sobonfu. *Espírito da intimidade: Ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar*. Tradução: Deborah Weinberg. 2ª ed. 2007. ODYSSEUS-SP.

## MATHEUS AMORIM



Eu sou um Artista-Pesquisador Paraense de 23 anos. Dramaturgo, Performer e Comunicador. Técnico em Teatro - Ator formado pela Escola de Teatro e Dança da UFPA - ICA. Professor, Licenciado Pleno em Teatro formado pela Universidade Federal do Pará. Discente da Especialização Técnica em Dramaturgia pela Escola de Teatro e Dança da UFPA - ICA e Mestrando do Programa de Pós Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia - PPGCOM-UFPA.

## Corpo, palavra e testemunho: notas de um experimento cênico

Quando paramos para dizer algo, que frequência respiratória é imprimeada sob o ato da fala? Quando buscamos expressar um sentimento em cena, quais os sentidos que utilizamos para adensar a comunicação do real? Ao nos colocarmos em presença com o outro, quais tempos passamos a coabitar? Qual narrativa buscamos construir? O teatro ainda é nosso? A vida ainda é seu palco? Que vida meu fazer desponta? Se escrevo sobre a arte que faço, que caminho é aberto na minha escrita? Quais experiências me atravessam e quantos mundos eu torno possíveis ao refletir sobre aquilo que me impulsiona?

Preciso afirmar então que esse texto surge da possibilidade de dizer algo que eu gostaria de deixar registrado no tempo. Trata-se de uma fala, uma cena de abertura, um protesto tímido, parte de um composto biodramático, de um processo de criação sobre o corpo e suas possibilidades de experimentação, uma composição que se cria entre a escrita e a emissão oral de uma narrativa. Esse texto é sobre reflexões que mais a frente encontrarão lugar em outro tempo e espaço. Acredito no caminho que a palavra percorre como uma flecha sendo lançada em direção a um ponto destinado, flecha que volta para o arco, que volta para a aljava e repensa o disparo novamente, que apanha aquilo que foi trazido e afina sua ponta. Parto então de um lugar comum para prosseguir esta narrativa, para lançar minha flecha no tempo, apresentar um sentimento, para que com o apresentado eu possa expor minha percepção sobre a realidade que me cerca, buscando desvelar uma infraestrutura do sentir e dos sentidos em experimentação do conhecimento, um lugar de investigação sobre o corpo, a palavra escrita e seu ressoar na leitura.

### O Experimento: A palavra no Corpo

Escrevo com a minha pele, agora olhando para as minhas mãos olhei também para ela, cevada, negra. Minha pele escreve comigo mesmo antes de eu saber escrever, escreve em outras peles passadas, adestradas, escravizadas, colonizadas, peles libertas, viandantes, transeuntes, peles de minha pele. Tamanho de pele que cabe muita gente, palavras sem fim que escrevem por muito tempo antes de me ter, que escrevem para manter o caminho aberto.

Trago ao pé da letra relatos de uma **encenação**, condensados de uma experiência entre improvisação, experimentação, salas de ensaio, processos de criação de personagens, a busca por um movimento, por um corpo cênico que atravessa esse lugar dos sentimentos, dos sentidos, do medo em possibilitar ao corpo dizer por outras vias aquilo que teme, que percebe, que assimila, que destila, que politiza em sua narrativa atoral. Trago **notas** de alguns encontros que buscaram treinar entradas na ação da cena de um espetáculo experimental, de dramaturgia e processo colaborativo intitulado “Um Cheiro de flores Silvestres Embalsama o Ar”, no qual desempenhei o papel de ator e encenador do processo, que teve sua única apresentação, em 2020, no Teatro Universitário Cláudio Barradas. As notas foram aglutinadas em prosa para construir o **corpo testemunhal** desta narrativa.

**Escrevo com medo, mas deixando ele ir na letra, porque de onde venho, do lugar que vivo a realidade, que a experiencio, percebo que o medo é parte da catástrofe instalada no agora, ela é existencial, é afetiva e está no campo das relações que se utiliza da perda de alteridade que o medo produz para prover alimento ao império. Uma "catástrofe" como salienta a obra "Aos Nossos amigos, Crise e Insurreição", que reside na "estranheza do homem ocidental" (2016, p.33) em relação às bordas do mundo, sua sina de descobridor onde se apresenta uma relação, entre aquilo que nos foi dito e o medo que se segue do dito, do humano em relação à humanidade, estranheza que exige, por exemplo, que esse homem se faça amo e possuidor da natureza e do outro, existe medo inclusive no possuir dele. Afinal só busco dominar aquilo que temo, aquilo que de algum modo não consigo tornar escravo de mim, para mim. Mas qual é a relação entre o medo e aquilo que dizemos, entre o teatro que fazemos e a arte sob a qual refletimos?**

O discernimento é um princípio inegociável no experimento que parte de uma indução: vivemos e nos movemos atravessando um conflito que nos antecede, onde a realidade e toda a gama de ordens que isso desperta, desde as indiferenças projetadas pelos discursos e posicionamentos hegemônicos globais em seus recortes territoriais, geopolíticos e econômicos, passando pela realidade dessas instâncias no público e no privado, chegando naquilo que é pessoal, que é íntimo, religioso, revela que o modo

de se colocar é o escopo do pensamento crítico e que o criativo reside também neste lugar da expressão. É pelo discernimento que podemos observar como nos posicionamos e nos afetamos com os mundos, e assim, poder notar o que necessita ser transformado.

Nesse processo de maturação da leitura no corpo, abre-se um espaço de invenção a partir das palavras que agora estão sendo maturadas nele pela leitura anterior, cria-se então uma espécie de luz negra sobre o ato, a luz negra é aquela que quando incide sob um pouco de luz visível, expõe as extremidades fosforescentes, ela interrompe o estímulo luminoso desses materiais para lentamente exibir um brilho outro entre longos intervalos de tempo. Assim como ela é usada para investigar a existência de digitais sob uma superfície ou para equiparar a composição de obras de artes visuais, suas duplicações ou falseamentos, aqui ela também possibilita um olhar cada vez mais interessado naquilo que não está perceptível a olho nu.

A luz negra incide sobre uma realidade para buscar nela, ou através dela, um olhar cada vez mais nítido, enxergando dimensões cada vez mais profundas da verdade naquilo que se põe à vista, no acúmulo das ausências videográficas, **o corpo**, da perscrutação de uma imagem algorítmica sem representação polifônica, **a palavra**. Onde a obra apresentada, tem conexão disruptiva com seu conteúdo processual, expondo simbolicamente um artefato etnográfico sensorialístico, ainda que nada se veja e que se espere no invisível e no silêncio do choro poético, onde a retina capta uma luz refratada das mortes pessoais do humano.

**Assim como a letra antecede a palavra, minha pele vem antes da escrita tornando-se ela mesma a escrita em corpo; singular, única; no seu mundo cria conexões, que como as sílabas grudadas uma a outra comportam em si palavras em potência de experimento. Vamos então agora passar à palavra em busca de desvelar o sentido pelo qual buscamos escutar e dizê-las.**

Segundo Augusto Boal, em sua obra, *A Estética do Oprimido* (2008, pág.44), isso é possível através de “uma projeção que faz o observador sobre o objeto”, sobre o evento ou fenômeno, possuindo uma perspectiva de “Saber e Mistério” (idem) a ser revelado, que transcende o próprio sentido do corpo, da morte, da ferida, do trauma, do objeto, do fenômeno, não para torná-lo rarefeito, mas para compreendê-lo nos limites da experiên-

cia e da vida, no qual se apresenta o próprio caminho estreito, feito labirinto, testando sua obra como brasas ardentes colocadas na boca, **gerindo um teatro - testemunho da vida, que desponta para um drama aqui e além, o da esperança; exercício ontológico de imaginação e ação através da própria vida pessoal, onde as injustiças, as desigualdades e a miséria são desestruturadas pelo menos nos exercícios de unidade, pluralidade e coletividade que buscamos construir.**

Por isso, escrevo rasgando a pele com o dente exposto pela luz negra dessa visão, eu estou rasgando com o dente essa realidade que se apresenta, gerindo um espaço para se criar, um lugar que se reconheça como chão de uma dança não ensaiada, onde se deseja experimentar o corpo nas induções de um encontro entre as palavras, mas especificamente de um encontro para experimentar as possibilidades de um corpo-palavra-amazônido e das emergências pulsantes da vida aqui, na intenção primeira de continuar a produzir arte, trançar palavras em outros lugares de trânsito e comunicar o comum dessas realidades e suas conexões entre as ordens sociais.

Penso nos corpos banhados por uma leitura que se aprofunda nas cosmovisões, reinventando o próprio espaço, procurando por uma palavra em potência de resgate, é como um casulo, uma espécie de incubadora que não cessa de gerar palavras retorcidas que diluem a expectativa do experimento, busco por uma palavra através do corpo que se entregue à uma força criadora que é estimulada pelo desejo de se mover no magnetismo do olhar. Sob bocas de papel, um silêncio impulsionador se apresenta, uma força que atua na entrada desse espaço físico, um lugar suspenso, um lugar que não está fixado.

Esse lugar corre na velocidade de um retorno ao estado não lógico das ações e reações das palavras no próprio corpo, é uma corrida de emancipação através da reconexão com uma unidade de pensamento e propósito, não é sobre o que quero ou tenho que fazer em cena, mas sobre não filtrar a primeira ideia que se dispara na cabeça, é como **confiar na primeira voz que atravessa o fundo do pensamento, deixá-lo encarnar para uma infância que se descobre sem muitos rodeios ou julgamentos, apenas se faz, se brinca, a princípio com imagens que possam desencadear uma série de desdobramentos visuais, sensoriais e rítmicos que dialoguem do subjetivo.**

É preciso observar tudo, estar atento às sombras e luzes, ao que está no chão, pendurado, criar uma entrada em potência de presença que prosiga o canto - quanto que se evoca, às vezes em uma língua desconhecida, outras vezes num texto relato inventado, tudo é possível nesse espaço criado, toda invenção é bem-vinda, desde que ela nutra o coletivo, esse sim é o mais importante, uma certa realidade do que é feito aqui, tem por intenção romper com uma temporalidade homogênea ou um percurso costurado por uma dramaturgia fixa. Existe um prazer pelo que começa com uma experimentação de movimentos, textualidades, existe uma inquietude que muda tudo de lugar após a canção terminar, um porvir que ainda não está visível, mas se sente.

**A letra estava nas minhas mãos antes mesmo dos meus olhos escreverem, minhas mãos que estão a carregar em si minha digital, meu pronome. Minhas mãos datadas, registradas, pintadas e desenhadas nas paredes da memória que resgatam a infância de minhas palavras, mãos que tocam, que estalam os dedos, que possuem calos nos dedos de tanto fazer caligrafia. Dedos que me indicam, me apontam, despontam e sugerem caminhos de palavras cascudas. Minha mão possui letra, uma letra em especial, a de meu nome. Minha mão tem suas linhas, cortes, rotas e trajetos. Tem seus mapas de onde tirei a ideia de criar um mapa para o mundo das palavras e do universo de frases grandes e sem fim, tem suas fugas por onde corro das palavras adestradas, minha mão tem seus quilombos, suas jornadas e suas descobertas, minha mão que toca a história, que se inscreve na história, que pede bença, que segura outra mão para ensinar a letra, minha mão é fio condutor do meu jeito de dar a mão, de estender, de recolher de apertar a palavra, minha mão escreve antes de pegar na caneta, de apertar o botão, minha mão é ponte, equilibra meu grito que quer sair por entre as linhas, ela encontra um tom para o grito que fica menos estúpido quando toma forma de palavra, como quando uno palavras para criar trissílabas.**

A não desistência visível do ato é um comando assimilado desde o princípio da escrita em palavra no corpo, podem haver esperas, podem haver quebras, mas nunca uma desistência, para que uma dança que cria espaços de ação possa, através da palavra no corpo gerar um espaço interno que se desdobra na ideia de alargar esse mesmo espaço, conseguindo

dançar mesmo quando não se tem mais passos em mente, possibilitando a passagem de outras urgências da palavra em corpo presentificada. É preciso ser sensível, tateante, nada será posto, tudo será construído como mediação potencialmente criativa que pode desvendar novas possibilidades. Recebendo uma forma de sensibilidade não somente do outro, mas de si a tudo que se movimenta no espaço, energias, materiais e outras matérias, uma forma de não ausentar outros saberes que o encontro improvisado e a comunhão podem proporcionar.

**É disso que eu venho tentando falar, que as palavras podem recriar o elo entre os mundos que nós nos esquecemos, dos mundos que colidem diariamente na vista que não se vê de olhos abertos, dos mundos que permanecem agarrados nas bordas dessa terra.**

O corpo em cruzamento de formas que ao se esbarrarem provocam uma transmutação daquilo que vem a ser o devir disparado, aponta para uma entrega daquele que experimenta o ato; a não desistência é uma maneira de manter o trabalho mesmo que em sua oscilação energética, é como olhar para si em todas as suas negações, afirmações, limites e cansaços e conseguir transfigurar o conteúdo que está na lembrança, no afeto, na memória, no trauma, no riso ou no próprio cansaço em uma imagem presentificada. O atuante disponibiliza seu atravessamento pessoal para que esse em sua potência de revelação possa se estender aos outros, gerindo um espaço de acolhimento e reconhecimento da proposta, todo e qualquer ser cênico criado pelo testemunho é recepcionado como uma nova palavra dessa escrita em corpo que se experimenta, tudo muito entrelaçado mas que exige um cuidado.

Um cuidado em refletir esse espaço de emergência dentro do encontro e da experimentação, como uma confluência de leituras e referências sobre realidades marginalizadas e estigmatizadas, esse espaço de reconhecimento aguça os sentidos para que quando esse ser se apresentar, exista um cuidado com essa materialidade improvisada que parte das vísceras da realidade de cada pessoa, uma ligação direta por suas ramificações com todas as urgências expostas pelas vidas representadas ali nesse corpo, que atravessam as bifurcações desse experimento. É como compor a própria vida coletiva no ato de criar, utilizando-se de elementos autobiográficos e testemunhais, não é como estar para ser visto apenas, nem estar para

ver somente, é como estar presente enquanto quem faz daquilo um ato de existir em valor poético, de comunicar a própria vida.

Acredito que essas aproximações estão presentes em distintos fazeres, onde existem circunstâncias, situações, relações, leituras, contextos e tais questões capazes de revelar mais do que o olho pode ver. O que de fato apresenta uma perspectiva de intenção do fazer repleta de preocupações e posicionamentos sendo previstos enquanto alicerce ético do trabalho. Nesse espaço criado para a experimentação do corpo e da palavra sendo escrita, não se busca aquilo que não está dito, pelo contrário, é em cima do que está posto enquanto realidade que se desenvolve a construção, tanto rítmica, quanto sensorialística do experimento. Sua temporalidade se faz num movimento de descaminhar as informações; de voltar pelo trajeto exposto e procurar outros modos de interpretá-las, de lê-las, considerando os rastros deixados e as feridas abertas.

Ao se esgrachar o caminho que a opressão percorre, busca-se também apontar seus caminhos de saída, e ao sair, o olhar interno que a percebe acompanha por qual via ela está saindo, para assim compreender suas rotas e mecanismos de instauração. Essa ação de percepção da palavra no corpo acaba por desenhar um quadro bastante chocante de relações de poder entre os impérios construídos e os corpos em cena, pois traz à tona suas infraestruturas, revela seus aparelhos de massificação e gera uma ruptura no modo de se lidar com o mesmo.

**As palavras (corpos?) que estou em busca são as mesmas que agem conectando-se de dentro para fora e que estão também em volta de nossa noosfera, uma nuance refletida e substrata do sentido de um ser sem amarras. As busco desde meus dezessete anos, tenho sido levado a lugares com e pelas palavras (corpos?) desde então, um dia eu dei de frente com uma fresta de palavra (corpo?) que dava acesso ao seu mundo interno, mas quando tentei passar fui quase amassado, não consegui, voltei para casa com uns hematomas na testa e quando me perguntaram o que era aquilo eu disse que havia caído de bicicleta, mas bicicleta mesmo eu nunca tive, minha queda havia sido na realidade daquela palavra (corpo?) que me chamava bicha, encardida e pobre, havia sido na lembrança da surra de palavras agressivas que levei de um pai que hoje não sei bem por onde anda, e essas nem de longe são minhas palavras (corpos?) mais vulneráveis, muito menos ouvir as palavras (corpos?) que me diziam**

porque apanhava delas, eu talvez já soubesse, estava estampado em minha pele, feito adesivo.

O que chamo de Império é um modo de identificar o inimigo dentro de uma guerra. Acredito que se faz necessário cada vez mais darmos nomes aos impérios das opressões interseccionais que vivenciamos e pelos quais somos massacrados, observar e compreender como nossos corpos, inclusive aqueles que se experimentam pela palavra escrita, são entrelaçados por recortes de gênero, de classe, raça, sexualidade, deficiência, condição, vulnerabilidade e geolocalização; impossíveis de não se apresentarem na reflexão daquilo que se propõem enquanto fazer artístico, enquanto reflexão daquilo que empreendemos no ofício.

## O Testemunho: O Corpo na Palavra

Na busca por observar e transfigurar o entrelaçamento dessas opressões do aparelho estrutural, começo então a ver emergir nesse **lugar da experimentação da palavra no corpo**, a realidade dos medos projetados ordinariamente, pergunto-me então quando é que o meu humor, argumento e discurso machista, racista, homofóbico, indiferente e de supremacia racial começa a ser retratado no meu cotidiano, quando é que noto isso em mim? Quando é que esse meu discurso e argumento que invalida determinada fala de alguém que passa por uma situação que não me afeta, se questiona quando percebo que minha ação é indiferente? O ato de experimentação me possibilita olhar por uma ótica sobre meu próprio corpo e minha palavra que não me era possível antes. Ao me expor, exponho também minhas falhas.

Quando é que a crença em uma narrativa unilateral da história contada até aqui se rompe, quando é que eu noto que a história que me contaram sobre o Brasil não é a que de fato ocorreu, pelo menos não do mesmo lugar, nem pelos mesmos medos? Quando me disponibilizo a ver por outro prisma? Quando é que essa minha militância protesta nas minhas próprias atitudes e não somente sobre a vida alheia? Quando é que tomo consciência de que muitas dessas questões podem estar se disseminando através da minha forma de vida também? Quando experimento a palavra em busca do corpo, o corpo acaba por possuir a palavra em dado momento, onde me encontro sendo opressor também de mim mesmo, sou capaz

de diagnosticar minha contribuição narcísica e fazer dela um chão por onde minha dança a desarma, desorientando sua rota de permanência.

Vejo uma outra cena de opressão se desenhar que me faz questionar o seguinte: de que modo deve se pedir a fala, de que modo deve-se interromper o pensamento colonizador, como devemos causar as brechas necessárias para sermos ouvidos? Quais os parâmetros para se medir a densidade de um discurso de soberania que deseja se instaurar no atrito entre os indivíduos dentro de uma guerra?

**Medo afetivo, medo do campo subjetivo, falo do medo emissário familiar, medo expectativa do mérito e do legado, medo círculos relacionais, falo desse medo objetivo que sintetiza a vida, medo paz que depois da morte ainda pensa, medo pele. Talvez esse seja o pior, o medo pele tem uma das raízes mais profundas nos governos humanos e está na camada mais visível do sujeito, se configura em mais de quinhentos anos de história e incansavelmente combate contra si no próprio medo da escuta.**

A respeito da soberania, Achille Mbembe vai falar em seu ensaio sobre Necropolítica (2018, pág.10), sobre ela ser um processo de "auto instituição" e "auto limitação", um projeto também político que fixa em si os próprios limites para si mesmo, sendo um aspecto de auto centralização do próprio pensamento colonial. Quando percebo essa atitude presente no meu próprio corpo, devo seguir na destruição dos alicerces desse império. No seu exercício, a soberania que o império busca estabelecer entre as relações sociais e seus indivíduos se constituiria ainda como sendo uma capacidade de organização de determinadas classes de uma sociedade para a sua auto criação, auto gestão e intocabilidade, neste sentido tanto a não compreensão do privilégio branco quanto a falácia da meritocracia, seriam os tentáculos dessa classe, que ao se auto valorar, tem em vista apenas sua auto glorificação, tendo como seu principal recurso às instituições que inspiram significações específicas e cada vez mais dicotômicas do imaginário coletivo.

Dentro do campo da experimentação e do improvisado busca-se instaurar um tempo de ação que se formula junto ao conceito de política que Mbembe busca apresentar, em contrapartida ao lugar da soberania. A ação que interrompe e apresenta o caminho de saída para a opressão é como um campo duplo, uma espécie de projeto de autonomia e uma realização de acordo em

uma coletividade, mediante a comunicação e o reconhecimento. Até certo ponto seria essa intenção política de intervenção que para o autor causaria uma diferença com a guerra que, por sua vez, suspende todo direito humano delimitado pelas organizações governamentais.

**A política no experimento é de fato uma ação de intervenção dupla, discernir e intervir. Talvez uma das questões que possuem um aspecto visível do pensamento de soberania seja a sua implicação naquilo que Mbembe chama de “instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações” (2018, p.10). Ao discernir e intervir estou possibilitando um lugar de vida e não de morte, ainda que por vezes num espaço curto de tempo, estou dando água para quem tem sede, vestindo quem está nu e alimentando quem tem fome no desdobramento poético do experimento.**

Na experimentação, quando o corpo toma a palavra em espaço físico, o político é um lugar de enfrentamento, uma forma de enganar a falácia homogênea, de impulsionar os imaginários coletivos, é antes de tudo, um olhar inquieto sobre a realidade, buscando nela forças para se colocar em pé, a parte daquilo que se negligencia e sequer subalternizar, pensar e improvisar. No instante seguinte o corpo, a partir desse mapeamento, arranja um jeito próprio de se fazer política, uma fuga em busca de redes que se conectem e se interliguem contra a tomada de assalto do gesto constituinte do império. Nada aqui é uma dialética de luta com a soberania que nos oprime e quer reinar sobre nossa subjetividade, é sobre uma necessidade vital de deprender e se auto destituir. Não se está negando a luta, mas sim, vinculando-se à uma ação que aumente a sua própria potência de erigir-se isoladamente sem compactuar com qualquer estado de encantamento pela soberania do império.

O processo acaba por apontar e apresentar mais caminhos do que modos e sistemas fechados de como se fazer, acaba expondo cenas de uma violência estrutural possível de ser vista, reordenada e transmutada entre os atos de uma experimentação, onde o corpo atua através da palavra em busca de desprotegê-lo do cinismo de nossas interpretações. **Quando apenas vestimos uma personagem falamos seu texto sem intencionar suas rubricas, mas ao destituí-lo desta dramaturgia falamos sobre eventos que causaram algo no corpo da nossa gente, revelando onde dói, como**

dói e quais os remédios necessários para nos curarmos, ainda que tardiamente, pois esta é uma dívida impagável.

Não sabíamos o que era amar. Chegou um momento onde tudo o que precisávamos era sermos ouvidos, sem interrupção, sem atropelamentos, sem olhares avessos, sem gracejos de ironia, precisávamos e, na realidade, precisamos ainda, porque o medo de palavras ordenadas não se ausenta, porque o movimento de poder falar, de poder dizer quem se é e pelo que se passa não é uma fase do movimento, é o fortalecimento dele, o reconhecimento de si no outro.

O processo de identificação de quem somos nesse corpo que fala frente às nossas realidades deve ser intensificado a cada vez que passamos a ocupar espaços de poder antes não possibilitados, compreendendo este país como um território racializado que tem problemas em mudar seu linguajar para deixar de ser o senhor do engenho, país esse com um dos maiores índices de genocídio negro, autorizado pelo império em vigência a caçar, torturar e matar povos originários, afirmando publicamente um estado de soberania que autoriza a vender e retirar a terra de quilombolas, caçaras e ribeirinhos.

O evento racial é algo que se estende a todos, sem distinção, todos compõem esse quadro e agem a partir de seus lugares, a quem nunca conseguiu falar, a quem sempre serviu a mesa e limpou os pratos, a quem nela sentou e ao se levantar não retirou seus restos da mesa, a quem brincou com os brinquedos do filho do patrão, a quem os quebrou e jogou fora, à filha da babá, o filho da dona, à bisavó, à avó e à mãe que sempre foram empregadas domésticas num país de cultura entre sinhá e ama de leite. A quem não recebeu o mesmo olhar quando entrou no supermercado, a quem não teve a mesma oportunidade de emprego, de faculdade, a quem está lutando para conseguir um diploma numa instituição pública, a quem volta de um ano sabático no exterior para assumir os negócios da família, a quem teve que abandonar tudo para cuidar do filho, a quem não sai do topo, a quem é sempre um abaixo da linha da pobreza, mesmo tendo o maior PIB da economia passando diariamente por sua mão, do gari ao promotor, a quem não aprendeu a ler nem escrever. Quem são essas pessoas?

Os recortes são tantos, as necessidades, as relações com o que é essencial para ser alguém, quer dizer, para ser um alguém específico, talvez esse humano modelo ocidental moderno, esse que possa ter as mesmas oport-

tunidades que o mérito não disponibilizou para todos. Sabe? Eu digo que não é preciso de conceito para perceber as relações de privilégio que nos circundam, e como sempre dizemos: o problema do privilégio é quando você não sabe o que fazer com ele, ou pior, quando sabe e faz uso apenas para si.

**Então, é por isso que algumas vezes pedimos o silêncio, pedimos a escuta, pedimos enquanto falamos que nos ouçam. Todos precisamos ouvir! Ouvir o outro lado! Ouvir histórias, narrativas fora das que nos teceram, para poder respeitar, saber lidar e até mesmo falar sobre o que está tentando nos descosturar agora.**

Se alguém nos pede o movimento da escuta, será que não seria interessante sair desse lugar de quem apenas fala, e sempre falou, e hoje continua falando e não para porque agora a sua própria fala nutre uma necessidade de ser escutado que em algum momento também foi negligenciada? São mundos que às vezes se atravessam mas de modos diferentes. **Nos movemos e nossas necessidades caminham junto conosco.**

A questão talvez esteja em entender a diferença entre o lugar que de súbito é atacado pela ordem que está posta e aquele que permanece. Existe um delírio bélico que atua a favor de quem tem a mesa para pôr e contra quem come farinha, azeite e barro no sertão, ou ainda, atua entre quem só tem o prato e quem engole o vento. A diferença está entre quem vive e quem morre nesse delírio, entre quem deixa nascer e quem decide abortar, entre quem fala e quem sempre apenas escuta, calado, entre quem dita e quem obedece. Está na diferença que totaliza a violência racial e colonial que sofremos e na qual ainda padecemos.

**O corpo, experimento da palavra, retoma para si os sentidos daquilo que se diz enquanto se experimenta, é necessário retroalimentar as significações da palavra a partir daquilo que nos move internamente ao ato de dizê-las. Buscamos pôr em cena aquilo que maturou nossos sentidos, que embalsamou nossos dias, mas o que de fato está sendo dito quando dizemos em cena? talvez fuja e com certeza fugirá, afinal, no corpo, a palavra percorre significados próprios que não aqueles que intencionamos, e, ao fugir, percorre o espaço entre quem fala e quem ouve e novamente a dinâmica das realidades se assenta.**

Finalizo essas páginas de um protesto tímido, sabido de que virão outros, somados. Acreditando que ora ou outra as partes comporão um todo ainda não sabido, despeço-me da palavra, reavendo-a no corpo com aquilo que Conceição Evaristo evoca em seu poema “Da conjuração dos verbos - Nossos poemas conjuram e gritam” (2019, p. 10):

O silêncio mordido,  
antes o pão triturado  
de nossos desejos,  
avoluma, avoluma  
e a massa ganha por inteiro  
o espaço antes comedido  
pela ordem.

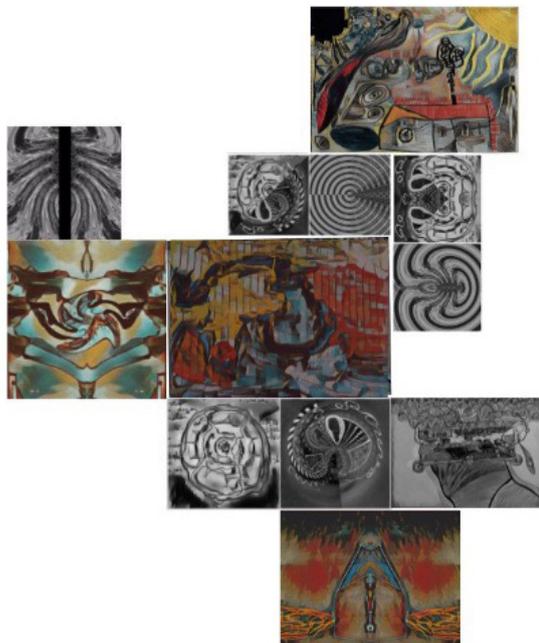
## **Bibliografia**

BOAL, Augusto. *A Estética do Oprimido*. RJ: Funarte, 2008.

EVARISTO, Conceição. *Nossos Poemas Conjuram e Gritam*. Quelônio, 2019.

INVISÍVEL, Comitê. *Aos Nossos Amigos Crise e Insurreição*. SP: n-1 edições, 2016.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. SP: n-1 edições, 2018.



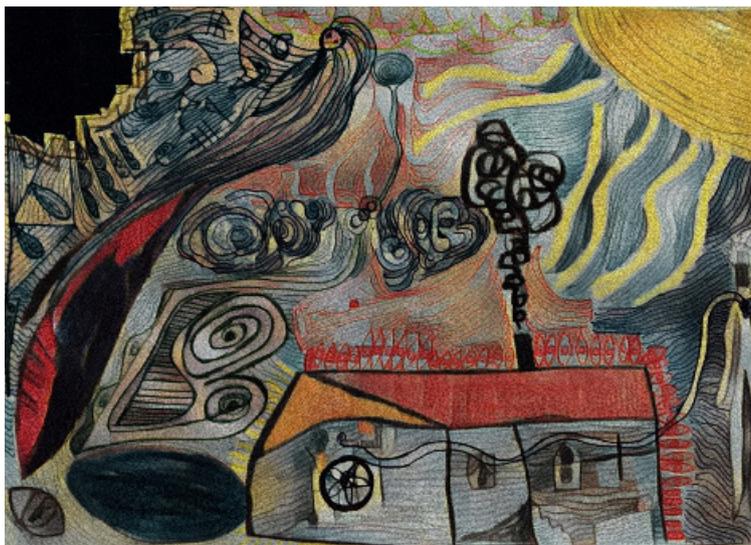
Mosaico Janelas para os mundos da vida (2020) — Matheus Amorim.



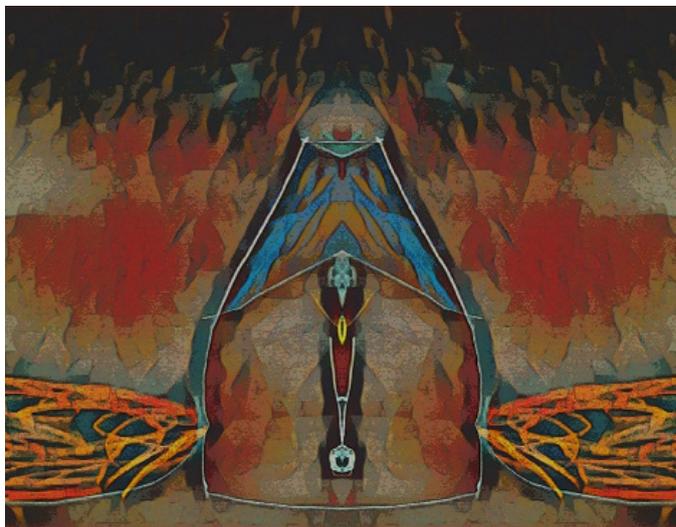
A Dança da Criação (2019) — Matheus Amorim. (Desenho digitalizado).



Olhando para fora (2020) — Matheus Amorim (Desenho digitalizado).



Coração Moinho da Escrita (2019) — Matheus Amorim.



O Garrancho (2019) — Matheus Amorim.



Divino é palavrar em linhas (2021) — Matheus Amorim  
(Desenho, Colagem e Aquarela digitalizado).



Travessias (2020) — Matheus Amorim (Desenho colagem Espiral digitalizado).

# PULSO ~~SUOR~~ PRESENÇA & *TEATRO.*

REFLEXÕES DE JOVENS ESCRITORES

**PPG** Artes  
Programa de Pós-graduação  
em Artes da UFFA

